

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

PATRÍCIA ADRIANA SILVA FREIRE

**O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE
PANDEMIA: UMA TRAMA DE (NÃO)SENTIDOS EM/NAS REDES DIGITAIS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

PATRÍCIA ADRIANA SILVA FREIRE

**O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE
PANDEMIA: UMA TRAMA DE (NÃO)SENTIDOS EM/NAS REDES DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Prof^a Dr^a Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

F933f	<p>Freire, Patrícia Adriana Silva. O funcionamento discursivo das <i>fake news</i> em tempos de pandemia: uma trama de (não) sentidos em/nas redes digitais. / Patrícia Adriana Silva Freire; orientadora: Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. – Vitória da Conquista, 2023. 101f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Inclui referência F. 97 – 101.</p> <p>1. Discurso <i>Fake News</i>. 2. Pandemia da Covid-19. 3. Negacionismo científico. 4. Discurso digital. 5. Resistência. I. Cortes, Gerenice Ribeiro de Oliveira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 410</p>
-------	---

Catalogação na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*
UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The Discursive Functioning of The Fake News in Times of Pandemic: A Ploto of (Not)Meanings in/on Digital Networks.

Palavras-chave em inglês: Fake news discourse. Covid-19 Pandemic. Scientific Denialism. Digital discourse. Resistance.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof^ª Dr^ª Gerenice Ribeiro Oliveira Cortes (Presidente-Orientadora), Prof^ª Dr^ª Maria da Conceição Fonseca Silva (UESB) e Prof^ª Dr^ª Verli Fátima Petri da Silveira (UFMS)

Data da defesa: 28 de setembro de 2023

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9791-6581>

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/8422468392849098>

PATRICIA ADRIANA SILVA FREIRE

**O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS FAKE NEWS EM TEMPOS DE
PANDEMIA: UMA TRAMA DE (NÃO)SENTIDOS EM/NAS REDES DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 28 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.: Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: M. C. Fonseca

Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira
Instituição: UFSM – Membro Titular

Ass.: V. F. Petri

Aos meus familiares; em especial, à minha filha, Luiza Valentina; e amigos que, com muito carinho, apoio e paciência, ajudaram-me e foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

*Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
(Francisco, el Hombre)*

Quem conhece a minha história sabe o que significa concluir este Mestrado. Foram muitos percalços e noites em claro, negligência à minha filha! Não foi fácil! Muitas vezes pensei em desistir. Mas desistir não é para mim, não me ensinaram a desistir (família Freire).

Por isso, preciso agradecer, primeiramente, a Deus, minha fortaleza.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização deste Mestrado. Estendo minha gratidão a toda equipe de coordenação e servidores do PPGLin/Uesb, pelo profissionalismo e carinho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹, pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Gerenice Cortes, que não soltou minha mão, mesmo quando eu quis soltar. Agradeço profundamente sua paciência, dedicação e profissionalismo. Que o bom Deus possa retribuir tudo isso a ela!

À Prof^a Dr^a Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB) e ao professor Dr. Adilson Ventura (UESB), pelos valiosos encaminhamentos durante o exame de Qualificação; aos membros da Banca de Defesa: Prof^a Dr^a Gerenice Ribeiro Oliveira Cortes, Prof^a Dr^a Maria da Conceição Fonseca Silva e Prof^a Dr^a Verli Fátima Petri da Silveira, por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por dividirem também, durante as aulas, todo conhecimento. Gratidão a todos por tudo que aprendi.

Aos colegas da turma 2021, por dividirem comigo essa formação, especialmente aos colegas que sempre estavam dispostos a ajudar com a indicação de um livro/artigo, com carinho e, principalmente, com o incentivo, com uma palavra de encorajamento e apoio.

¹ Conforme Portaria CAPES nº 206, de 4 de setembro de 2018, “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

À minha filha, Luiza Valentina, minha fortaleza, perseverança e alegria; à minha família, em especial, D. Ninha, por seu cuidado, carinho e amizade! Aos meus amigos, que tornaram as coisas mais leves quando o fardo pesou.

Obrigada! Com vocês, com certeza, foi menos doloroso chegar até aqui.

RESUMO

No final de 2019 e início do ano de 2020, o mundo foi surpreendido com o novo Coronavírus, que se espalhou rapidamente, instaurando uma pandemia, que levou à morte 704.159 mil pessoas até maio de 2023, somente no Brasil. Nessa conjuntura, diariamente, eram produzidas e postas em circulação, nas mídias sociais digitais, notícias falsas sobre variados temas relacionados à pandemia, especialmente referentes ao tratamento e combate à Covid-19, a exemplo do uso de remédios caseiros, uso de máscaras, isolamento social, vacinas, causando também uma situação de infodemia. Assim, com base nas inquietações sobre os discursos *fake news* em circulação na pandemia, suscitamos a seguinte questão-central para este estudo: como funcionam os discursos de *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 e seu enfrentamento, em circulação nas mídias digitais, no período de 2020 a 2022? O objetivo geral consiste em analisar o discurso das *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 – e seu enfrentamento – em circulação nas mídias digitais, a fim de observar os efeitos de sentidos, as posições-sujeito e os confrontos discursivos instaurados na trama. O *corpus* constitui-se por postagens publicadas nas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Whatsapp*, republicadas em sites das agências de checagem jornalística, como Fato ou Fake, “LUPA” e “Aos Fatos”, após confirmadas como falsas. O estudo ancora-se na Análise de Discurso de filiação pecheuxtiana, além de contribuições da área da Comunicação e dos estudos sobre o discurso digital. Os resultados apontam que o funcionamento discursivo das *fake news* é afetado pelas condições de produção das mídias digitais, que alavancam a repetição e circulação massiva dos discursos, de forma a dificultar o controle das notícias falsas; o discurso funciona com efeitos de veracidade e de legitimidade, é afetado pela memória e pelo discurso do senso comum, sofre determinações ideológicas, tendo em vista as relações de poder, na conjuntura política e econômica do país. Na trama discursiva, funciona uma posição-sujeito de antagonismo e negacionismo ao discurso científico. Todavia, os sentidos escapam nos furos da rede, e assim instauram-se os confrontos discursivos nos comentários digitais e os efeitos de resistência, em especial, pelo viés do discurso jornalístico de checagem de notícias falsas.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso *Fake News*. Pandemia da Covid-19. Negacionismo científico. Discurso Digital.
Resistência.

ABSTRACT

At the end of 2019 and beginning of 2020, the world was surprised by the new coronavirus, that propagated quickly, creating a pandemic, which led to the death of 704,159 thousand people by May 2023, in Brazil alone. In this situation, daily, fake news on various topics related to the pandemic was produced and circulated in digital social media, especially regarding the treatment and fight against Covid-19, such as the use of home remedies, use of masks, social isolation, vaccines, also causing an infodemic situation. Like this, considering the restlessness about fake news discourses in circulation during pandemic, we raise the following central question for this study: how do fake news discourses on the Covid-19 Pandemic and its confrontation work, that circulated in digital media, in the period from 2020 to 2022? The general objective was to analyze the fake news discourse about the Covid-19 Pandemic – and its confrontation – that circulated in digital media, for the purpose of observing the effects of meanings, subject positions and discursive confrontations instituted in the plot. The *corpus* consisted of posts published on social networks, such as Facebook, Instagram, Twitter and Whatsapp, republished on websites of journalistic checking agencies, such as “Fato ou Fake!”, “LUPA” and “Aos Fatos!”, after being confirmed as false. The theoretical basis of the study is the Pecheuxian Discourse Analysis, in addition to contributions from the area of Communication and studies on digital discourse. The results indicate that the discursive functioning of fake news is affected by the conditions of production of digital media, which intensify the repetition and massive circulation of speeches, in order to making it harder to control fake news; the discourse works with effects of veracity and legitimacy, it’s affected by memory and by the common sense discourse, it undergoes ideological determinations, considering power relations, in the political and economic situation of the country. In the discursive plot, there is a subject position of antagonism and denialism of scientific discourse. However, the meanings escape in the holes of the network, and, like this, the discursive confrontations in the digital comments and the effects of resistance are established, in particular, by the way of the journalistic discourse of checking fake news.

KEYWORDS

Fake news discourse. Covid-19 Pandemic. Scientific Denialism. Digital discourse. Resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – SD1: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”	40
Figura 2 – SD2: Post veiculado na rede social Twitter e checado pelo site “Aos Fatos”	42
Figura 3 – SD3: Post veiculado nas redes sociais Twitter e checado pelo site “Aos Fatos”...	45
Figura 4 – SD4: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”	48
Figura 5 – SD5: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”	50
Figura 6 – SD6: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”	54
Figura 7 – SD7: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”	58
Figura 8 – SD8: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”	63
Figura 9 – SD9: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”	68
Figura 10 – SD10: Post veiculado na rede social Facebook	70
Figura 11 – SD11: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Fato ou Fake”/G1	75
Figura 12 – SD12: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”	78
Figura 13 – SD13: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Fato ou Fake”/G1	84
Figura 14 – SD14: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comentário que compõe a SD1	41
Quadro 2 – Comentários que compõem a SD3	45
Quadro 3 – Comentários que compõem a SD6	54
Quadro 4 – Comentários que compõem a SD7	59
Quadro 5 – Comentários que compõem a SD9	68
Quadro 6 - Comentários que compõem a SD14.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
AAD	Análise Automática do Discurso
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AMB	Associação Médica Brasileira
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AVAAZ	Movimento cívico global
CDC	Centro de Controle e Prevenção de Doenças
CONASS	Conselho Nacional de Secretários de Saúde
DELL	Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FD	Formação Discursiva
GPOPAI	Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
ICT/Unifesp	Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo
IFCN	<i>International Fact-Checking Network</i>
NTIC	Novas Tecnologia da Informação e Comunicação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGLin	Programa de Pós-Graduação em Linguística
SARS	<i>Severe Acute Respiratory Syndrome</i>
SD(s)	Sequência(s) Discursiva(s)
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UOL	Universo Online
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo
WWW	<i>World Wide Web</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	27
2.1 A Análise de Discurso e seus aportes teóricos.....	27
2.2 As condições de produção do discurso: das tecnologias digitais às discursividades ..	31
2.3 Percursos metodológicos: entre o arquivo, os recortes, o corpus discursivo e os trajetos de análise	36
3 FAKE NEWS, PANDEMIA E REDES DIGITAIS: UMA TRAMA DISCURSIVA DE SUJEITOS E (NÃO) SENTIDOS	40
3.1 Discurso <i>fake news</i> e negacionismo científico: entre antagonismos e confrontos.....	40
3.1.1 RECORTE I – SDs 1 a 6.....	40
3.1.2 RECORTE II – SDS 7 a 10.....	57
3.2 O discurso fake news sob o jogo de forças na rede: entre os efeitos de veracidade, a dominação e a resistência.....	74
3.2.1 RECORTE III – SDS 11 a 14	74
4 EFEITOS DE CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

No final de 2019 e início do ano de 2020, surgiu um vírus altamente contagioso, o novo Coronavírus (SARS-CoV-2), que se espalhou por todo o mundo, contaminando e levando à morte um grande número de pessoas. Um vírus totalmente novo e desafiador para cientistas, pesquisadores e governantes, o qual exigiu das autoridades internacionais e nacionais de saúde a elaboração de protocolos de combate e controle do vírus. Assim, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a situação global como pandêmica.

O mundo já passou por outras pandemias, mas os problemas surgidos com a Covid-19 (doença provocada pelo novo Coronavírus) não se restringiram à esfera da saúde, causaram impactos também na economia, com o fechamento de comércios e de fronteiras, nacionais e internacionais. Desse modo, os governantes ficaram perplexos em meio à gravidade da pandemia e seus desdobramentos.

No Brasil não foi diferente. O vírus se espalhou rapidamente por todo o país e o Governo Federal, por meio do Ministério da Saúde, foi instado a tomar medidas de enfrentamento, como a compra de máscaras, álcool em gel, kits de testagem, contratação de médicos e ampliação das unidades de saúde nos municípios. Vários estados começaram a decretar situação de calamidade e os governantes locais tiveram também que adotar medidas de preservação da vida: fechamento do comércio, de escolas e das fronteiras, *lockdown*, cancelamento de eventos etc., mantendo apenas os serviços essenciais, com vistas a evitar que a população fosse infectada concomitantemente à sobrecarga das unidades hospitalares, com o intuito de evitar um colapso nos sistemas de saúde. No entanto, mesmo com a adoção de todas essas medidas, os números dos casos de internamentos e de óbitos cresciam a cada dia.

Nesse cenário, instituições de pesquisa no mundo todo se esforçavam para encontrar respostas para o combate e tratamento da Covid-19, sobretudo no que tange às pesquisas de vacinas para a imunização contra o vírus, bem como a busca de um tratamento eficaz e com respaldo científico.

Massuda e Tasca (2020) afirmam que no primeiro ano da pandemia no Brasil, mais de 150 mil óbitos foram registrados, ficando em segundo lugar no ranking mundial com o maior número de mortes, atrás apenas dos Estados Unidos da América. Segundo os autores,

Países cujos governos combinaram intervenções de saúde pública para prevenir e controlar a disseminação da doença, com políticas públicas para dar suporte a grupos socioeconômicos em situação de vulnerabilidade, tiveram

resultados mais satisfatórios na mitigação do impacto da doença na sociedade (MASSUDA; TASCA, 2020, p. 79).

Vale destacar, de acordo com Massuda e Tasca (2020), que o Brasil possui um sistema de saúde, que poderia suprir a emergência de saúde pública causada pela Covid-19. Mas não foi o que aconteceu: “o sucateamento do SUS, bem como o menosprezo ao impacto sanitário da doença e retardo na tomada de medidas mitigatórias para contenção do surto sob justificativa de preservar suas respectivas economias” (MASSUDA; TASCA, 2020, p. 80) levou o país a ficar/estar entre os países com maior taxa de mortalidade em decorrência do vírus, atingindo, principalmente, as regiões mais vulneráveis do ponto de vista econômico.

Em um contexto pandêmico não podemos deixar de mencionar o papel de agentes que estavam/estão intimamente envolvidos no combate e tratamento do novo coronavírus: as instituições de saúde e, aqui, destacamos a OMS e o Ministério da Saúde, através do Sistema Único de Saúde (SUS) e o Estado.

A saúde, como prevê a Constituição Federal de 1988, é direito de todos os cidadãos e dever do Estado provê-la. No entanto, mesmo antes da pandemia, o sistema público de saúde brasileiro já enfrentava problemas com a falta de recursos, de maneira que a população mais desfavorecida financeiramente sofria com isso. Segundo Massuda e Tasca (2020), ao longo de décadas, o SUS sempre foi alvo de críticas da sociedade civil, da imprensa e até dos governantes. Foi somente na crise pandêmica que a população, de modo geral, percebeu a importância que o SUS tem para se garantir uma saúde de qualidade e democrática.

Conforme Barros *et al.* (2021, p. 49), “o SUS foi estruturado a partir dos seguintes princípios e diretrizes: a universalidade de acesso aos serviços de saúde; a integralidade, a preservação da autonomia das pessoas, a igualdade, o direito à informação; a divulgação de informações [...]”. O autor aduz ainda que o SUS não se resume apenas a “tratar pacientes”, seus objetivos ultrapassam o ambiente hospitalar, tornando-se um órgão essencial para identificar fatores e seus impactos na saúde.

Ao Estado cabe, dentre outros deveres, a promoção de políticas públicas e ações que garantam uma saúde de qualidade e igualitária aos cidadãos. No entanto, Mendes e Carnut (2020) lembram que o governo de Michel Temer tomou algumas medidas que prejudicaram as ações dos órgãos de saúde pública, já antes da pandemia, a exemplo da Emenda Constitucional nº 95/2016², com o congelamento do gasto primário por 20 anos, o que trouxe grandes prejuízos

² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 28 jun. 2023.

aos direitos sociais, principalmente à saúde. E com a PEC nº 188/2019³, conhecida como PEC do Pacto Federativo, no governo de Jair Bolsonaro, houve um desmonte financeiro do SUS.

Ainda no governo de Bolsonaro, no projeto de Lei Orçamentária Anual de 2021, não houve aumento dos recursos destinados a ações e serviços públicos de saúde, mesmo o país atravessando uma pandemia sem precedentes. Nesse cenário, o papel do Estado era, por dever, prover ações para minimizar os efeitos da pandemia em outras áreas, como na economia, educação, segurança etc., mas a saúde teria que ser prioridade. No entanto, o Governo Federal, ao ignorar orientações da OMS e do próprio Ministério da Saúde, o alastramento do vírus e o crescente número de casos e de mortes, posicionou-se de forma a minimizar a gravidade da pandemia, passando a fazer pronunciamentos, quase diariamente, sobre a necessidade de se preservar a economia, ressaltando os possíveis impactos negativos que as medidas de contenção do vírus que estavam sendo adotadas poderiam causar ao desenvolvimento do país.

No dia 2 de março de 2020, em pronunciamento oficial para rádio e TV, o então Presidente da República fez a seguinte afirmação: “devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento do comércio e o confinamento em massa”⁴.

De acordo com Silva (2021), houve ainda troca de três Ministros da Saúde devido ao desalinhamento de ideias e ações destes com o Governo Federal. Assim, constata-se que houve um verdadeiro descaso e morosidade do Governo Federal na adoção de medidas de combate à Covid-19, e quando algumas medidas foram adotadas, como o isolamento vertical e a compra de vacinas⁵, com atraso, não foi possível impedir um grande número de mortes no país.

Ainda segundo Silva (2021), em vários momentos, o Presidente da República, Jair Bolsonaro, representante máximo do Governo Federal, afirmou que a Covid-19 seria apenas uma “gripezinha” e que pessoas que, como ele, tinham porte atlético não deveriam se preocupar caso contraíssem o vírus. Assim, mesmo durante a pandemia, o próprio Bolsonaro e apoiadores seus promoviam “motociatas” e aglomerações, sem o uso de máscaras⁶. Em suas falas, o Presidente também desacreditava o que era posto pelo discurso científico, que preconizava que o vírus poderia causar a morte até mesmo de pessoas sem histórico de comorbidades, como os

³ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8035580&ts=1574197480703&disposition=inline>. Acesso em: 28 jun. 2023.

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html>. Acesso em: 28 jun. 2023.

⁵ Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosgepe/article/view/252885/40295>. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁶ Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/politicos-ligados-ao-alianca-pelo-brasil-chamam-carreatas-e-agem-para-furar-isolamento-nos-estados/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

registros de óbitos demonstravam. Em maio de 2021, a média de morte por Covid era de 2.092, totalizando 422 mil mortes⁷.

Assim, o discurso negacionista do governo federal funcionou em confronto com os posicionamentos científicos dos especialistas. Isso também pode ser constatado quando o governo passou a defender o uso de remédios, cuja eficácia ainda não havia sido comprovada cientificamente, como a Cloroquina⁸ e Hidroxicloroquina, no combate à doença causada pelo novo Coronavírus, tendo o então Presidente Jair Bolsonaro chegado a tirar fotos e aparecer em *lives* com a propaganda desses remédios. Em maio de 2020, em uma de suas *lives* semanais, junto ao então ministro da saúde, Eduardo Pazuello, Bolsonaro disse: “quem não quer tomar cloroquina, não tente proibir, impedir quem queira tomar, afinal de contas, ainda não temos uma vacina e não temos um remédio comprovado cientificamente”⁹, inclusive com utilização da autoridade de alguns médicos para avaliar a eficácia desses medicamentos no tratamento da Covid-19¹⁰.

De acordo com Almeida-Filho (2021), autoridades ligadas ao Governo Federal desacreditavam a gravidade da pandemia e não deram a devida importância ao novo Coronavírus. Nas palavras do autor,

O próprio Presidente da República e muitos dirigentes oficiais têm promovido a quebra de quarentenas e medidas de distanciamento, incentivando aglomerações e não uso de máscaras. Além disso, têm encorajado o uso de tratamentos farmacológicos (antimalárico, anti-helmíntico de uso veterinário, remédio contra piolho e sarna, enema retal de ozônio) sem qualquer comprovação de eficácia para a COVID-19 (ALMEIDA-FILHO, 2021, p. 218).

Ainda em consonância com Almeida-Filho (2021, p. 216), “países cujos governos adotam um marco político populista, conservador e autoritário, e cultivam e propagam uma matriz ideológica obscurantista, fundamentalista e negacionista, especialmente no que se refere ao conhecimento científico”, tiveram uma resposta negativa no controle e combate ao novo Coronavírus, como foi o caso do Brasil, Estados Unidos, Rússia, Índia, entre outros.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/09/brasil-registra-media-de-2092-mortes-por-covid-total-de-obitos-vai-a-422-mil.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2020/08/14/e-falso-que-cloroquina-teria-salvado-100-mil-vidas-como-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁹ Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/ao-lado-de-pazuello-bolsonaro-volta-a-insistir-no-uso-da-cloroquina-para-covid/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/18/medicos-defendem-tratamento-precoce-e-cloroquina-na-cpi-da-pandemia>. Acesso em: 19 jul. 2023.

De acordo com o *site* do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS)¹¹, o Governo Federal, em junho de 2020, restringiu a divulgação dos dados sobre o Coronavírus no país. A partir disso, o CONASS criou o Painel Conass Covid-19, que ficou responsável por “trazer à tona essas informações tão necessárias para os gestores, sociedade, para a mídia e para o mundo”¹².

Em meio a tudo isso, o número de mortes, a cada dia, subia mais, com registro, em apenas um dia, 03 de março de 2021, de quase 2.000 óbitos, segundo dados obtidos no *site* da CONASS (Painel Conass Covid-19). Ainda com base em informações da CONASS, ao final da pandemia, em 2023, o Brasil ocupa a 18ª posição no *ranking* de países com mais mortes decorrentes da Covid-19, totalizando 37. 682.660 casos registrados e um total de 704.159 óbitos. Em contrapartida, quando da divulgação de informações oficiais, dados sobre a pandemia eram reduzidos pelo Governo Federal.

A esse respeito, consoante Barros *et al.* (2021), além dos descasos com a pandemia e a morosidade nas ações no combate e tratamento da Covid, o Governo Federal reforçou notícias inverídicas sobre a pandemia:

Além de toda a problemática da postura presidencial, já referida, a alta disseminação de “*fake news*” – notícias com informações não fundamentadas, de cunho sensacionalistas, em sua maioria, espalhadas no meio *on-line* – tem contribuído para o aumento no número de casos, ao propor tratamentos sem base científica que teriam a capacidade de proteger e curar aqueles que os utilizassem (BARROS *et al.*, 2021, p. 55).

Sobre o assunto, Massuda e Tasca (2020) pontuam que vários fatores foram determinantes para o agravamento e demora na contenção da pandemia. Eles aduzem que “a instabilidade política, a disseminação de *fake news* sobre a doença e a fragmentação dos sistemas de saúde dificultaram a implementação de estratégias nacionais de testagem e a coordenação do acesso a serviços de saúde” (MASSUDA; TASCA, 2020, p. 81).

Lima (2020) ressalta que nos últimos tempos vem crescendo em todo o mundo um movimento denominado revisionismo, que consiste em teses com a finalidade de revisar eventos históricos e descobertas científicas. As teorias conspiratórias e negacionistas nascem desse movimento. Conforme o autor,

O negacionismo tem como propósito não simplesmente revisar, passar a limpo algum evento histórico ou uma descoberta científica, mas, sobretudo, negá-

¹¹ Disponível em: <https://www.conass.org.br/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

¹² Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

los a partir de determinados valores e crenças pessoais. Há nele um desejo de fazer parecer que o tema em jogo se trata de algo falso, mentiroso, a partir de uma aparência de racionalidade. São apresentados supostos fatos, versões de obras revisadas, gráficos, artigos, no intuito de criar um efeito de algo credível. Os efeitos de real visam conferir credibilidade ao discurso (LIMA, 2020, p. 391).

Durante a pandemia, funcionou no discurso governista uma posição sujeito negacionista, com efeitos de sentidos de descrédito às instituições de saúde e à ciência; tal posição-sujeito sofre determinações ideológicas da Formação Discursiva (FD) da extrema-direita.¹³ Além disso, a Academia Brasileira de Letras, em seu *site*¹⁴, noticia que o chamado “Gabinete do ódio”¹⁵, formado por 88 grupos dentro da rede social *Facebook*, que atuavam na campanha eleitoral Bolsonaro-Mourão, em 2018, “está sendo investigado pela CPI das *Fake News* na Câmara e por um inquérito no Supremo Tribunal Federal (STF) sobre mensagens antidemocráticas e ameaças a ministros da Corte”. Ainda segundo o *site*, esses grupos tinham membros ligados ao Governo Federal e aos filhos e assessores de Bolsonaro e atuavam também dentro do Planalto da Alvorada. A respeito disso, Lima (2020) pontua que:

A pandemia do covid-19 trouxe um novo fôlego a esses grupos de Facebook, uma vez que houve uma mobilização no sentido de negar a existência da epidemia, de negar a importância do isolamento social, do uso de máscaras e, agora, de negar a importância da vacinação, negando, dessa maneira, a ciência. Toda essa negativa alinha-se ideologicamente à posição do governo federal (LIMA, 2020, p. 396).

Isso foi visível durante toda a pandemia, na qual o Governo Federal minimizava a gravidade da pandemia, mediante a disseminação do negacionismo científico, o que trouxe severos prejuízos às instituições de saúde, bem como para a população. De acordo com Massuda e Tasca, as ações do Governo Federal iam de encontro ao que preconizavam as instituições de saúde¹⁶:

¹³ Vale ressaltar que esse movimento negacionista vem retomando e crescendo no mundo todo, e que está sustentando o fortalecimento de grupos da extrema direita em vários países, inclusive no Brasil.

¹⁴ Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/gabinete-do-odio>. Acesso em: 19 jul. 2023.

¹⁵ Segundo Pereira e Coutinho (2022), o termo “Gabinete do ódio” passou a ser usado em 2019, com ações vindas de dentro do Palácio da Alvorada, para caracterizar a ação de grupos organizados, “essencialmente ligados à base aliada e à família do presidente Jair Bolsonaro, para a realização de ataques nas redes sociais e a disseminação de desinformação. O ‘Gabinete do Ódio’ tornou-se alvo da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Congresso Nacional (CPMI) das Fake News” (PEREIRA; COUTINHO, 2022, p. 3).

¹⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

As orientações sanitárias esbarraram na posição e atitudes do presidente Jair Bolsonaro que, sob o argumento de proteger a economia, contradizia as recomendações de distanciamento social, repercutia *fake news* sobre a COVID-19 e advogava o uso da cloroquina como principal estratégia para enfrentamento da pandemia (MASSUDA; TASCA, 2020, p. 83).

Esses posicionamentos do Governo Federal, notadamente a partir de ações, falas e pronunciamentos do Presidente Bolsonaro e sua equipe governamental, levantaram debates em todo o país, nos meios de comunicação e, principalmente, nas redes sociais, nos quais se confrontavam apoiadores do Governo Federal e aqueles que defendiam que as autoridades em saúde é que deveriam ser ouvidas, no que tange ao enfrentamento da pandemia¹⁷.

Nessa conjuntura social de grande crise na saúde pública mundial e brasileira, com uma pandemia de efeito devastador na sociedade, as pessoas, confinadas em suas casas, passaram a se informar por meio de telejornais e da *internet*. Os meios de comunicação em massa tradicionais, como jornais impressos e televisivos, bem como os meios de comunicação digital, como *sites*, blogs, redes sociais passaram a informar, durante toda a programação, a situação da pandemia e seus desdobramentos. Nesse contexto, as pessoas passaram a consumir, diariamente, toda e qualquer informação sobre a pandemia, de modo que a situação também instaurou uma infodemia¹⁸, outro fenômeno que ganhou força durante a pandemia, segundo a Organização Pan-Americana de Saúde.

Para a Organização Pan-Americana de Saúde e OMS, junto com a pandemia causada pelo novo Coronavírus surgiu outro fenômeno também altamente prejudicial às pessoas, denominado infodemia, que consiste no excesso de informações e rumores, nem sempre verdadeiros. Durante todo o período pandêmico, diariamente, via-se uma avalanche de informações, fossem verdadeiras ou inverídicas. No caso, “a palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico”¹⁹, a exemplo da pandemia causada pelo novo Coronavírus, com a geração de muitos prejuízos às instituições que combatiam a Covid-19, bem como à sociedade de modo geral.

¹⁷ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/648065-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-isolamento-social-causa-polemica-na-camara/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

¹⁸ A Academia Brasileira de Letras define infodemia como “Denominação dada ao volume excessivo de informações, muitas delas imprecisas ou falsas (desinformação), sobre determinado assunto (como a pandemia, por exemplo), que se multiplicam e se propagam de forma rápida e incontrolável, o que dificulta o acesso a orientações e fontes confiáveis, causando confusão, desorientação e inúmeros prejuízos à vida das pessoas”. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 05 nov. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em 05 nov. 2022.

Segundo a OMS e a UNESCO²⁰, a infodemia, ou seja, o excesso de informação sobre a Covid-19 também se tornou paralelamente uma pandemia tão prejudicial à sociedade quanto o próprio vírus, levando as pessoas à desinformação, confusão, medo, e até mesmo à morte, visto que muitas pessoas deixaram de seguir as recomendações das instituições de saúde sobre as medidas sanitárias de combate, tratamento e controle do vírus.

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (2020), o excesso de informações não confiáveis sobre a pandemia dificultou a circulação de dados sobre as fontes idôneas e legitimadas cientificamente, sobretudo ao público leigo em questões da saúde. Nesse cenário, durante todo o período da pandemia, a produção e circulação do discurso das *fake news* ganharam muita força, com abordagem de diversos assuntos, desde remédios caseiros a vacinas.

Nessa conjuntura, as tecnologias midiáticas digitais, instauradas pela/*na internet*, possibilitaram um crescimento assustador do discurso de notícias falsas ao longo da pandemia. Entretanto, as notícias falsas e boatos não surgem com a chegada da pandemia, já funcionavam historicamente no cotidiano e ganham notoriedade, sobretudo, nas relações de poder e disputas no campo político.

De acordo com Courtine (2006), a arte do mentir político é antiga, remonta à *República* de Platão e está presente também na obra *O Príncipe* de Maquiavel, as quais mencionam “a arte de fazer o povo acreditar em falsidades salutares” (COURTINE, 2006, p. 17). Essa “arte” sofreu modificações ao longo do tempo, especialmente na contemporaneidade, com o advento da *internet*, intensificando-se e ganhando roupagem nova, com uma força maior, devido ao modo de produção e circulação dos discursos midiáticos digitais, pois “a mentira hoje é eletrônica, instantânea, global” (COURTINE, 2006, p. 23). Destarte, o ato de espalhar notícias falsas sempre existiu, principalmente, nas disputas de poder, nas relações políticas. No entanto, o discurso das *fake news* funciona de forma diferenciada, pois é afetado pelas condições de produção/circulação das Novas Tecnologia da Informação e Comunicação (NTICs): “as novas tecnologias e o acesso à internet abriram caminhos para a disseminação dos discursos negacionistas” (LIMA, 2020, p. 391). Assim, trata-se de um novo espaço, o ciberespaço onde o discurso das *fake news* encontrou um terreno fértil para crescer, multiplicar-se nas/em redes digitais. Ou seja, tal fenômeno foi fortalecido pelo advento e consolidação da *internet* e, principalmente, pelo crescimento das redes sociais, visto que “a Internet e o crescimento das mídias sociais não inventaram o fenômeno da desinformação, mas criaram um ambiente

²⁰ Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/covid-19/communication-and-information-response>. Acesso em: 05 nov. 2022.

propício para que houvesse uma difusão em massa de notícias falsas, em velocidade nunca antes vista na história da humanidade” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 150).

Nessa direção, Cortes (2022) declara que o discurso das *fake news* encontrou no meio digital um espaço para legitimar posições e lugares ideologicamente determinados por relações de poder, ou seja, o discurso das *fake news* funciona sob circunstâncias e fins específicos. A autora pontua que há, “no discurso das *fake news*, uma adequação do engano às condições de produção e, sobretudo, de circulação das tecnologias digitais, que visa atingir fins bem específicos, a exemplo da dominação econômica e ideológica” (CORTES, 2022, p. 235). Conforme a autora, na trama discursiva das *fake news*, o internauta é interpelado pela ideologia e pode ocupar uma posição-sujeito de disseminador de notícias falsas. No que se refere ao jogo de interesses que envolve o funcionamento dos discursos *fake news*, Cortes (2022, p. 244) sinaliza que a circulação de notícias falsas gera “lucros às gigantescas empresas da informática, a exemplo do *Google*, *Twitter* e redes do grupo *Meta*, além das empresas anunciantes e administradores dos sites monetizados”, o que potencializa ainda mais os malefícios que esse discurso traz, visto que quanto mais circula o discurso das *fake news* mais lucro terão. Dessa forma, o discurso *fake news* funciona sob um jogo de poder de grandes interesses econômicos e políticos.

No campo político, o fenômeno conhecido como *fake news* vem aumentando no mundo todo desde as eleições presidenciais nos Estados Unidos, na qual os eleitores do candidato da direita, Donald Trump, passaram a espalhar notícias falsas sobre a sua adversária Hilary Clinton (ALVES; MACIEL, 2020). Já no cenário político brasileiro, o debate sobre o uso de *fake news* vem ganhando força desde 2016, com o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Todavia, no Brasil, esse termo ganhou mais notoriedade na campanha das eleições presidenciais em 2018, pois o discurso das *fake news* produziu efeitos determinantes nos resultados do pleito, tanto nas eleições no Brasil como as dos Estados Unidos.

De acordo com B. Santos (2020), os governos de extrema-direita

Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento. Os exemplos mais marcantes são a Inglaterra, os EUA, o Brasil, a Índia, as Filipinas e a Tailândia (SANTOS, B., 2020, p. 26).

Dessa maneira, o “contexto eleitoral de 2018 no Brasil foi marcado pelo partidarismo informacional e pela polarização dos eleitores em dois blocos opostos” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 155). Ou seja, em contextos hiperpolarizados, as pessoas tendem a acreditar e aderir às notícias que reforçam a narrativa com a qual já possuem afinidade.

Assim, as notícias falsas são apelativas e geralmente são postas em circulação em período de grande comoção social, como eleições, copa do mundo e, mais recentemente, essa prática discursiva funcionou vigorosamente, nas mídias digitais, no período da pandemia da Covid-19, posto que as pessoas passaram a buscar mais informações por meio de telejornais e da *internet* e esses meios de comunicação passaram a divulgar diariamente informações sobre o novo Coronavírus. No entanto, nem todas as informações eram verdadeiras.

Nesse período, fortemente marcado pelos impactos negativos das *fake news* na sociedade de modo geral, foi aprovado, em 2020, pelo Senado Brasileiro e apresentado à Câmara dos Deputados o projeto de Lei nº 2630/20, que busca instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na *Internet*, a qual traz em seu texto “medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais, como Facebook e Twitter, e nos serviços de mensagens privadas, como *WhatsApp* e *Telegram*, excluindo-se serviços de uso corporativo e e-mail”²¹. De acordo com as informações do site da Câmara dos Deputados, encontram-se em tramitação mais de 50 projetos de lei sobre controle de *Fake News*²². O projeto de Lei nº 2630/20 gerou e ainda gera muitos embates na Câmara dos Deputados, bem como nas mídias digitais, em decorrência das disputas ideológicas de poder. Entretanto, essas leis não foram ainda regulamentadas e ainda não vigoram no país.

Nesse cenário, a insegurança instaurada pelo medo da doença favoreceu a crença em toda e qualquer informação sobre a pandemia. No Brasil, a busca por atualizações sobre a Covid-19 na *Internet* cresceu de 50% a 70% em todas as gerações durante a pandemia²³. Um

²¹ Fonte: Agência Câmara de Notícias.

²² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

²³ Para a Organização Pan-Americana de Saúde, junto a pandemia causada pelo novo coronavírus, outro fenômeno também altamente prejudicial às pessoas é o que foi denominado de infodemia, que consiste no excesso de informações e rumores, nem sempre verdadeiros. Durante todo o período pandêmico, diariamente, se via uma avalanche de informações, sejam verdadeiras ou inverídicas, sobre diversos temas ligados à pandemia, gerando muito prejuízos às instituições que combatiam a Covid-19, assim como à sociedade de modo geral.

Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em: 05 nov. 2022.

estudo realizado sobre questões referente à pandemia, pela AVAAZ²⁴, no Brasil, na Itália e EUA mostra que entre estes o Brasil é o país onde notícias falsas se espalham mais rapidamente e onde as pessoas mais acreditam em *fake news*. A Organização Pan-Americana de Saúde ressalta que as notícias falsas sobre o novo coronavírus se espalharam mais rápido que o próprio vírus, o que ocasionou instabilidade nas pessoas, pela falta de controle do que é *fake* ou verdade.

O Relatório intitulado *Explorando debates online da Covid-19 e a poluição de informações na América Latina e no Caribe*²⁵, produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), entre os anos de 2020 e 2021, registra que o Brasil está entre as nações com maior alta de usuários de mídia social. Com várias menções ao Brasil, a pesquisa destaca que o país subiu em 10 milhões ou 7,1% de pessoas a mais usando essas mídias.

O relatório aponta que as narrativas sobre a poluição de informações lideram temas como: tratamentos alternativos (34%); a pandemia foi planejada (32%); e sobre vacinas (22%). Essas questões, entre outras, foram contempladas em nossas análises.

O relatório do PNUD ressalta ainda que, após a análise de mais de 500 mil peças de redes sociais no mundo, conclui-se que as informações falsas contribuíram para atrasos na entrega das vacinas contra a Covid-19. Por fim, o estudo “define a poluição da informação como conteúdo falso, enganoso e manipulado dentro ou fora da internet, que é criado, produzido e disseminado de forma intencional ou não²⁶”.

Os dados da pesquisa (PNUD) mostram que, em meio à poluição de informações sobre as vacinas, as postagens sobre efeitos colaterais do imunizante atingiram 34% do pico analisado. A respeito de rejeição à vacina, em 18% das publicações de notícias falsas consta que o imunizante usaria microchips.

Assim, diante da gravidade da situação, no Brasil, as agências de checagem de notícias passaram a ter um importante papel no combate ao discurso das *fake news*, ao verificar e notificar, também diariamente, a veracidade das notícias sobre a pandemia, a fim de minimizar os efeitos discursivos e sociais que notícias falsas traziam. Dessa forma, as agências de checagem de notícias atuam “exclusivamente para a tarefa de verificar e validar (ou não) textos e imagens em circulação sob a suposta rubrica de ‘notícias’” (PALÁCIOS, 2019, p. 82), também passaram a atuar diariamente no combate às *fake news*, como iremos demonstrar em nossas análises.

²⁴ Durante a pandemia, segundo um estudo da Avaaz, “7 em cada 10 brasileiros entrevistados acreditaram em, ao menos, um conteúdo desinformativo sobre a pandemia”. Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/. Acesso em: 05 nov. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1784042>. Acesso em: 25 jul. 2023.

²⁶ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/03/1784042>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Palácios (2019, p. 84) informa que a primeira experiência em checagem de notícias no Brasil ocorreu em 2010, no período da campanha eleitoral. No entanto, as agências de checagem jornalística começaram a atuar em 2015, quando também foi criado o site “Aos Fatos”²⁷, exclusivamente dedicado à checagem de notícias jornalísticas e em 2016 foi criada a “LUPA”²⁸, a primeira agência de *fact checking* do Brasil. O propósito era verificar a veracidade total ou parcial de notícias que circulavam na *internet*, principalmente nas redes sociais.

Em conformidade com Dela-Silva (2021), as agências de checagem de notícias surgiram devido à crescente disseminação de notícias falsas, impulsionadas pelas mídias digitais, com destaque para as redes sociais, o que modificou as formas de circular, produzir e consumir informações. A autora assevera

que a necessidade dos serviços de checagem se assenta nas mudanças nas condições de circulação de informações que, com o crescimento das redes sociais digitais – tais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *WhatsApp*, por exemplo – entram em concorrência com a mídia jornalística na prática de dar a saber sobre os acontecimentos de um dado período (DELA-SILVA, 2021, p. 5951).

No contexto contemporâneo, no qual a sociedade está cada vez mais suscetível a consumir e também produzir notícias falsas, através das mídias digitais, as agências de checagem têm um papel importante no combate à disseminação de *fake news*. Logo, a checagem de notícias é afetada pela memória do discurso jornalístico, como fonte de dizeres e informações precisas e confiáveis, pois já funciona um imaginário discursivo do Jornalismo como uma instituição que goza de credibilidade social.

Assim, este estudo torna-se relevante por diversas razões, a exemplo da reflexão sobre o impacto maléfico que o discurso das *fakes news* gerou na sociedade de modo geral, na saúde pública, mediante a desinformação e/ou informações falsas em um período conturbado, que trouxe tantos prejuízos à saúde, muitas mortes, além de outras consequências até mesmo ainda desconhecidas para a população, em geral.

²⁷ Segundo o próprio site, “Aos Fatos” integra o *Third-Party Fact-Checking Partners*, programa de verificação de fatos do *Facebook*, desde maio de 2018. A parceria reúne dezenas de iniciativas independentes de checagem no mundo associadas à IFCN (*International Fact-Checking Network*) para combater a disseminação de desinformação na plataforma e também no Instagram.

²⁸ Esta pontua, em seu site, seu ineditismo na prática de jornalismo investigativo no Brasil, visto que busca oferecer o serviço mundialmente conhecido como *fact-checking*. Em maio de 2019, a Lupa passou a integrar o *The Trust Project*, sendo a primeira plataforma especializada em *fact-checking* a fazer parte do consórcio mundial. A Lupa integra a *International Fact-Checking Network* (IFCN), rede mundial de checadores reunidos em torno do *Poynter Institute*, nos Estados Unidos, e segue à risca o código de conduta e princípios éticos do grupo, como transparência e apartidarismo.

Feitas essas considerações, diante da gravidade da pandemia, bem como da intensa circulação de discursos *fake news* e (des)informações nas mídias digitais, acerca de questões que envolveram a crise, suscitamos a seguinte questão central de pesquisa, além de outras questões auxiliares: *como funcionam os discursos de fake news sobre a pandemia da Covid-19 e seu enfrentamento, em circulação nas mídias digitais, no período de 2020 a 2022? Que atravessamentos e efeitos discursivos são instaurados nessa trama, tendo em vista as condições de produção e de circulação dos discursos? Como se dá a movimentação dos sujeitos e dos sentidos nessa trama discursiva?*

A partir das questões postas, pensamos nas seguintes hipóteses: *i) os discursos fake news sobre a Pandemia da Covid-19 funcionam com efeitos de veracidade e sofrem efeitos das relações de poder que atravessam a conjuntura política e econômica do país; ii) as relações de força e as condições das tecnologias digitais em redes favorecem a circulação do discurso das fake news com intensa repetibilidade e celeridade, e assim os discursos fake news produzem efeitos discursivos que afetam diretamente toda a conjuntura social e política, incluindo a saúde pública – a exemplo do que ocorreu na pandemia; iii) O discurso das fake news instaura uma intensa movimentação de posições-sujeito, ora de adesão, ora de rejeição aos efeitos de sentido de confiabilidade produzidos no discurso.*

Com base nessas considerações, a pesquisa traz como objetivo geral analisar o discurso das *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 – e seu o enfrentamento – em circulação nas mídias digitais, no período de 2020 a 2022, a fim de observar os efeitos de sentidos, as posições-sujeito e os confrontos discursivos instaurados na trama.

Especificamente, temos os seguintes objetivos: *i) analisar as condições de produção e circulação do discurso digital e seus efeitos no funcionamento discursivo das fake news; ii) analisar as determinações ideológicas no funcionamento do discurso das fake news sobre a pandemia da Covid-19; iii) analisar os efeitos de (des)legitimidade das fake news em pauta, a partir dos gestos de interpretação dos internautas e tomadas de posições-sujeito no discurso.*

O presente estudo insere-se no projeto temático denominado *Discursividades da Rede Midiática Digital e Relações de Territorialidade Virtual*²⁹. Respalda-se teoricamente nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de filiação pecheuxtiana, nos estudos sobre o discurso digital, além de algumas contribuições da área da comunicação e das ciências sociais.

²⁹ O projeto temático citado é desenvolvido sob a coordenação da Professora Dra. Gerenice Cortes, docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL); docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLIN/UESB).

Além desta primeira seção de Introdução, esta dissertação está estruturada em mais três seções, incluída a conclusão, bem como a apresentação das referências bibliográficas utilizadas na pesquisa. A seguir, expomos, sinteticamente, em que consiste cada tópico.

Na segunda seção, intitulada “Pressupostos teórico-metodológicos”, discorreremos sobre os processos teóricos e metodológicos mobilizados para realização da pesquisa, a saber, os pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana e do discurso digital, dando especial atenção para as condições de produção e de circulação do discurso das *fake news* sobre o tratamento e combate à Covid-19.

Já a terceira seção analítica, denominada “*Fake news*, pandemia e redes digitais: uma trama discursiva de sujeitos e (não) sentidos”, é composta por quatorze sequências discursivas, divididas em três recortes de materialidades discursivas sobre as *fake news* acerca da pandemia, em circulação nas redes sociais, no período de 2020 a 2022.

Por fim, na quarta seção, apresentamos os “Efeitos de conclusão”, seguidos pelas Referências fundamentadoras da pesquisa.

Passemos, portanto, à próxima seção.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção trataremos a respeito dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso que embasam este estudo, incluindo uma discussão sobre as condições de produção do discurso digital, como também os percursos metodológicos trilhados no processo da pesquisa.

2.1 A Análise de Discurso e seus aportes teóricos

A Análise do Discurso (doravante AD) surgiu na década 1960, na França e teve como seu fundador o filósofo francês Michel Pêcheux, cuja obra *Análise Automática do Discurso (AAD - 1969)* foi o marco inicial.

O discurso é definido por Pêcheux (2010) como efeito de sentidos entre interlocutores; nesta ótica, a AD concebe a língua como opaca e sujeita a falhas, afetada pela exterioridade e pela ideologia. Na AD, a linguagem é compreendida a partir de seu funcionamento, como prática social que atua na constituição de sentidos e de sujeitos (ORLANDI, 2015). Nesse processo, língua e sentido não são transparentes, o efeito de transparência dos sentidos é produzido pela ideologia (PÊCHEUX, 2009). A AD busca compreender como sentidos e sujeitos se constituem e se movimentam em diferentes práticas sociais.

Na perspectiva proposta por Pêcheux (2010), o discurso é o objeto próprio de estudo da AD, no qual a língua é pensada a partir do seu funcionamento na produção de sentidos e não em seu aspecto conteudista. Orlandi (2015) postula que o discurso é exterior à língua, mas é na língua que ele se materializa. Na AD, a língua é falha, constituída pela equivocidade e pela opacidade; é afetada pela ideologia, pela historicidade, é na relação língua/discurso/ideologia que a língua faz sentido. Nessa relação entre a língua e a história, a ideologia é fundamental, pois “[...] traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique [...]” (ORLANDI, 1996, p. 28), é nesse momento que surge a ilusão de evidência e de transparência da linguagem e daí resulta o efeito de que o sujeito é origem do discurso.

A esse respeito, Orlandi (2015) pontua que na AD, o “funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (ORLANDI, 2015, p. 19). Em outras palavras, procura-se compreender a língua na realização de sentido, a língua é pensada em sua discursividade e é aqui que sujeito e sentido se constituem. Ressalta Orlandi (2012, p. 30) que “[...] os sentidos não estão só nas palavras,

nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções do sujeito”.

Orlandi (1996, 2015) caracteriza a AD como uma disciplina de entremeio, uma vez que coloca em relação pressupostos teóricos da Psicanálise Freudiana, relida por Lacan (o sujeito do inconsciente), do Materialismo Histórico Marxista, relido por Althusser (o sujeito da ideologia) e da Linguística Saussuriana, de onde temos a noção de língua como estrutura. A autora resume bem essa trilogia que forma a base teórica da AD:

Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; [...] Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo (ORLANDI, 2015, p. 13).

Fundada nesses três campos teóricos, a AD se estabelece como teoria dos processos discursivos, ao repensar as relações do sujeito, articuladamente à linguagem, à exterioridade, à historicidade e à ideologia (PÊCHEUX, 2010).

Vale ressaltar que, na AD, os sujeitos e sentidos são constituídos juntamente (PÊCHEUX, 2009). No entanto, esse sujeito não é o pragmático ou empírico, mas é historicamente determinado e construído ideologicamente, é descentrado, afetado pela historicidade e atravessado pelo inconsciente, posto que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (PÊCHEUX, 2009). Orlandi (1998, p. 75) afirma que “o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído, ou seja, uma posição”. Sendo assim, o sujeito discursivo tem a ilusão necessária de ser a fonte do sentido e dono do seu dizer; no entanto, sob aparente autonomia, esse sujeito é conduzido a ocupar uma dada posição no discurso (PÊCHEUX, 2009), assim, uma posição-sujeito resulta das relações com uma dada Formação Discursiva.

Pêcheux (2009) define Formação Discursiva (doravante FD) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Ou seja, é nas relações com uma dada FD que o sujeito se constitui, juntamente aos sentidos, ao assumir uma dada posição no discurso.

De acordo com Pêcheux (2009), o lugar do sujeito não é vazio, mas é preenchido pela forma-sujeito. Assim, o autor propõe que é por meio da forma-sujeito que o sujeito se inscreve em uma FD e se relaciona com a ideologia. Dessa forma, “os indivíduos são interpelados em

sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que são correspondentes” (PÊCHEUX, 2010, p. 156).

Sobre isso, o autor pondera que “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (PÊCHEUX, 2009, p. 266). Ou seja, é na relação do sujeito com a forma-sujeito do saber que se produz sentido, bem como pela identificação do sujeito com uma determinada FD.

Pêcheux (2009) pondera que é na relação de identificação entre o sujeito enunciador e a forma-sujeito do saber que se determina a posição-sujeito no discurso e os efeitos de sentido produzidos por essa tomada de posição. A partir disso, o autor pontua que no processo de interpelação do sujeito ocorrem três modalidades de “tomada de posição” do sujeito: a identificação, a contraidentificação e desidentificação. Na identificação, há uma relação de evidência, na qual o sujeito do discurso se identifica com o discurso do *sujeito universal* e se posiciona no mesmo sentido da FD na qual está inserido (o bom sujeito); já na contraidentificação, o sujeito questiona o discurso, pela não identificação plena com os dizeres do *sujeito universal* da FD, e é nesse lugar que ocorrem os embates, as resistências, as relações de forças, no entanto não há rompimento com essa FD (o mau sujeito). Pêcheux (2009) propõe uma terceira modalidade de tomada de posição do sujeito: a desidentificação, na qual o sujeito não se identifica com os dizeres da FD dominante, levando-o a romper com ela e imediatamente inscrever-se em uma outra FD. Desse modo, o processo de interpelação ideológica dos indivíduos resulta na produção de distintas posições-sujeito, no jogo de relações com uma dada FD (PÊCHEUX, 2009).

Assim, uma posição-sujeito diz respeito a uma região de saber da FD que o sujeito do discurso mobiliza para se subjetivar (INDURSKY, 2008). Nesse processo, o sujeito é atravessado pelo inconsciente. E a tomada de posição não se origina no sujeito, é um efeito na forma-sujeito determinado pelo interdiscurso. De acordo com Pêcheux (2009), essa tomada de posição não deve ser percebida como

ato originário do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso transversal, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar (PÊCHEUX, 2009, p. 159-160).

Portanto, de acordo com Pêcheux (1999), todo sujeito é atravessado pela memória do dizer; sujeito e sentido são efeitos do interdiscurso, que, segundo Pêcheux (2009), se refere à

exterioridade de uma FD. Conforme o autor, o interdiscurso é sempre algo que já foi falado antes em algum lugar. Consiste em um conjunto de discursos já ditos, pré-construídos (PÊCHEUX, 2009).

O autor pontua que a memória discursiva é “um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contradiscurso” (PÊUCHEX, 1999, p. 56) e como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os implícitos [...] de que a sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 51). Cabe ressaltar que os implícitos mencionados por Pêcheux dizem respeito aos pré-construídos, definidos como “[...] sempre-já-aí da interpretação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob forma da universalidade (o mundo das coisas)” (PÊCHEUX, 2009, p. 151). Em outras palavras, o pré-construído remete a uma construção anterior e exterior, elemento do interdiscurso que é retomado e/ou reinscrito no intradiscurso (formulação do sujeito).

Conforme o autor, a memória inscrita em uma dada formulação pode sofrer choques e reatualizar os mesmos sentidos ou romper com uma FD dada e se reconfigurar em uma nova FD. Ou seja, nesse processo pode haver efeitos de paráfrases – retomadas com o mesmo sentido – ou efeito de perturbação e desestabilização da memória, que instaura a ressignificação, deslizamento e ruptura de sentidos. Esse processo se dá na tensão constante e contínua, a partir de um jogo de forças da memória:

[...] haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; – mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 53).

Assim, os sentidos são produzidos a partir da convocação de espaços de memórias discursivas, e em processos metafóricos, com efeitos de paráfrase e de polissemia (ORLANDI, 2012).

Para Courtine (2009), no interdiscurso se dá a constituição do discurso, representado pelo eixo vertical – todos os dizeres já-ditos e esquecidos – o dizível; e o intradiscurso – eixo horizontal – diz respeito à formulação, que atualiza a memória, em condições dadas, pois “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 31). Ou seja, o efeito da memória discursiva de uma formulação acontece na relação entre

interdiscurso e intradiscurso. Assim, é na relação do dito com os já ditos e não ditos que o real da língua significa e afeta os sujeitos, levando-os a assumirem uma posição no discurso.

A respeito dos pré-construídos, os já ditos, Indursky (2011) informa que se trata de “[...] todo elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso, e independentemente [...]” (INDURSKY, 2011, p. 69); o sujeito não cria nada, os discursos estão no interdiscurso e são retomados, em constante movimento, com o mesmo sentido (paráfrase) ou como ruptura, deslizamento de sentido (polissemia), produzidos através do acesso à memória.

Dessa forma, como veremos adiante, ao analisar o discurso das *fake news* materializado nas mídias digitais, no que se refere ao tratamento e combate ao novo coronavírus, no contexto pandêmico da Covid-19 (2020 a 2022), podemos identificar distintas “tomadas de posição” do sujeito no discurso, como também a movimentação dos sujeitos e dos sentidos nas redes digitais.

2.2 As condições de produção do discurso: das tecnologias digitais às discursividades

Segundo Pêcheux (2010), as condições de produção são “*determinações que caracterizam um processo discursivo. [...]*” (PÊCHEUX, 2010, p. 182, grifo do autor). A esse respeito, o autor pontua que essas determinações operam em um jogo de relações de forças – que abrangem as circunstâncias enunciativas e o imaginário discursivo dos sujeitos e de seus lugares – como também envolvem as relações de sentidos, ou seja, todo discurso é afetado por discursos prévios que já funcionam na memória. Isto posto, as condições de produção afetam os sentidos, pelo viés da exterioridade, pois mobilizam sujeitos inseridos na história, afetados pela ideologia, pelo interdiscurso.

Orlandi (2015, p. 30), por sua vez, postula que as condições “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso”. A autora considera ainda as condições de produção no sentido estrito e no sentido amplo. No primeiro, diz respeito ao contexto imediato, as circunstâncias da enunciação. Já o sentido amplo, faz referência ao contexto sócio-histórico-ideológico, que está na base do interdiscurso, da memória longa, que determina as tomadas de posições dentro de uma FD. Nessa esteira, para Indursky (2008), “Vale dizer: as condições de produção são de natureza sócio-históricas” (INDURSKY, 2008, p. 69).

Segundo Orlandi (2001), o processo discursivo, ou seja, a produção de sentidos, leva em consideração três elementos indissociáveis: constituição, formulação e circulação do discurso. A autora pontua que

Os processos de produção de discurso implicam três momentos igualmente importantes: sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições (ORLANDI, 2001, p. 9).

Diante disso, entendemos que as discussões da autora são bastante válidas também para pensarmos o espaço digital. Ao entender o digital como um objeto sócio-histórico, espaço que favorece a formulação e sobretudo a circulação dos discursos *fake news*, buscamos compreender como esse discurso se constitui, se formula e circula, sob as condições do digital, com ênfase especial no processo da circulação, uma vez que na conjuntura da pandemia da Covid-19 o digital foi determinante para a textualização e circulação das notícias falsas, conforme já discorremos. Por essa razão, discutiremos, a seguir, sobre algumas especificidades do funcionamento do discurso digital.

A consolidação da *internet* nos anos 1990 afetou de forma significativa as relações interpessoais, comerciais, educacionais, sociais etc., enfim a *internet* passou a ser/estar presente em todos os âmbitos da vida social. Para Dias (2018), a tecnologia faz parte dos modos de existências do sujeito e a ampliação do acesso à *internet* transformou o modo como a sociedade se informa, se constitui e constitui sentidos. Com isso, é importante destacar que as materialidades discursivas digitais, tomadas em sua opacidade, são afetadas pela ideologia e pela historicidade e funcionam como um espaço que movimenta sentidos e sujeitos.

Como explica Castells (2003), a origem da *internet* ocorreu por volta de 1968 e foi fundada pelo Ministério da Defesa dos Estados Unidos, nos Estados Unidos, chamada *Arpanet*, que tinha por finalidade interligar laboratórios de pesquisa distantes, em períodos de Guerra. Desde os primórdios, a *internet* já estava ligada a fins de poder e econômicos, visto que servia para comunicação de entre militares e cientistas durante a Guerra Fria. Já nos anos 1980, a *Arpanet* se expandiu para o meio acadêmico e também para outros países, como Holanda, Dinamarca e Suécia, quando passou a se chamar *internet*, sendo seu uso restrito ao meio científico e acadêmico.

No entanto, 20 anos após, em 1987, o uso da *internet* passou a ser comercial e nos anos 1990, se popularizou e alcançou a população. Nesse mesmo ano, o cientista, físico e professor britânico Tim Berners-Lee desenvolveu a *World Wide Web (WWW)*, a Rede Mundial de

Computadores – *Internet*. Foi quando surgiram os navegadores *Internet Explorer*, *Netscape*, *Mozilla Firefox*, *Google Chrome*, entre outros, e o número de usuários aumentou consideravelmente. Esse foi um marco na era da tecnologia, pois possibilitou o contato entre pessoas no mundo todo, modificou, de forma imensurável, as instâncias da sociedade (sociais, comerciais, educacionais etc.). Castells (2003) pontua que

A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura (CASTELLS, 2003, p. 9).

Ademais, a chegada da nova versão *web 2.0*, em 2003, veio para ampliar ainda mais a interatividade, agora de forma on-line. Nesse momento, surgem as redes sociais, comunicação com outros sites, hiperlink etc., que alteraram a interação das pessoas em escala gigantesca. A *internet* se configura como uma rede que interliga os quatro cantos do globo, o que modificou a sociedade como um todo.

Com a popularização das redes sociais, ferramentas como *WhatsApp*, *Facebook*, *YouTube*, *Twitter* e *Instagram* e o poder de alcance e de comunicação dessas redes possibilitam que milhares de postagens sejam realizadas a cada segundo, o que favorece a disseminação de qualquer conteúdo a qualquer indivíduo conectado à *internet*, no ciberespaço. Isso impacta significativamente a produção e circulação dos discursos.

Nos tempos atuais, as relações sociais estão cada vez mais pautadas pelo digital. As pessoas nunca estiveram tão conectadas em todos os lugares e em tempo real, instantaneamente, o que provoca uma reorganização social, histórica e cultural.

O digital instaurou mudanças nas relações sociais, econômicas, históricas, ideológicas, científicas, na linguagem, na textualidade, na constituição dos sujeitos e dos sentidos. Todavia, na perspectiva da AD, a *internet* não se resume aos aparatos tecnológicos, à mera informação de conteúdo, mas como um espaço discursivo, no qual sentidos e sujeitos se movimentam, constituem-se, reconstituem-se. Segundo Dias (2016, p. 18), o digital “é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria”. Ou seja, a partir de suas especificidades, o ambiente virtual integra todo o processo de formulação e circulação de sentidos das materialidades digitais.

Nessa perspectiva, de acordo com Dias (2018), pensar o discurso na era digital significa pensar o digital na relação tempo e espaço (o aqui e o agora), no sentido que esse processo afeta as formas de constituição do sujeito e “o modo de individuação do sujeito pela conectividade” (DIAS, 2016, p. 1), e como isso interfere nos processos de ressignificação do funcionamento dos discursos e sentidos.

Entretanto, não há como dissociar o digital da exterioridade, da historicidade, das relações de poder que constituem a sociedade; o que temos no digital são processos de constituição dos sentidos engendrados ideologicamente. Assim, para analisar os discursos que circulam no ciberespaço é “preciso entender o digital em sua opacidade” (DIAS, 2016, p. 4), pois, assim como todo discurso, também é afetado pela exterioridade e ideologia. É necessário “levar em conta as condições de produção da internet e [...] a discursividade da rede de sentidos, que não escapa à injunção do digital e dos modos de existência dos sujeitos e de produção dos sentidos na sociedade digital” (DIAS, 2015, p. 980). Ou seja, levar em consideração que tudo no digital produz sentidos por/para sujeitos. A esse respeito, Cortes (2015, p. 27) postula que “a concepção do virtual vai além de seus aspectos tecnológicos, pois sua constituição também envolve o espaço físico e o discursivo, sendo este pensado articuladamente à história, afetado pela exterioridade”. Assim, é importante considerar que o digital trouxe novas redes de discursividades que afetaram as relações, a vida social como um todo, o que possibilitou a produção/movimentação de novos sentidos, de confrontos ideológicos, a partir de processos específicos do digital.

Dias (2016) pontua ainda que “[...] essa conectividade tem a ver com os laços sociais e com os processos de identificação dos sujeitos. Estar conectado importa mais que estar junto num espaço físico” (DIAS, 2016, p. 127). A *internet* derrubou as barreiras físicas, diminuiu distâncias, conectou mundos, pessoas diversas, reconfigurou as relações em todos os âmbitos. No entanto, mesmo com a expansão da *internet* por meio do *wi-fi*, do uso de celulares e computadores, principalmente nos espaços escolares, esse efeito de inclusão digital, de liberdade total é meramente uma ilusão, causado pelo efeito de transparência, visto que uma parcela da população, especialmente a que possui poder aquisitivo baixo, ainda não tem acesso à *internet* ou tem acesso limitado.

No âmbito discursivo, a *internet* e os aparatos tecnológicos são pensados a partir da discursividade digital, instaurada no ciberespaço, que integra as condições de produção do discurso. No espaço digital os sentidos também são produzidos a partir da relação do sujeito com o ideológico e com o histórico. Com isso, é também um espaço de controle, de jogo de

forças, de embates ideológicos, um lugar no qual os sujeitos discursivos se constituem juntamente aos sentidos, em constante movimentação, sob condições peculiares.

A respeito do funcionamento dos discursos no digital, Cortes (2015) assevera que “as condições de produção ultrapassam o processo linguístico e pragmático da textualização e convocam a exterioridade, mobilizam os sujeitos históricos, inscritos em um contexto também histórico” (CORTES, 2015, p. 33). Isto é, as materialidades digitais devem ser pensadas discursivamente, a partir de sua opacidade, pois são afetadas pela ideologia e pela historicidade, pelos já-ditos do interdiscurso e se configuram em redes (inter)discursivas, sob tensões e embates ideológicos, em condições de produção específicas do digital, especialmente o modo de circulação. A corpografia (DIAS, 2008) confere efeitos de sentido ao discurso, a exemplo, dos *emogins*, gestos de curtir, compartilhar, dar um joinha, ou coração, ou carinha de nojo, de tristeza etc. – materialidades digitais que fazem funcionar posicionamentos do sujeito e efeitos de sentidos no discurso.

A noção de corpografia foi proposta por Dias (2008) e diz respeito à escrita da *internet*, no contexto das tecnologias digitais; ultrapassa a representação da língua para o simulacro, tendo a escrita como a forma corpográfica do pensamento. Ao usar os gestos como manifestação do corpo na escrita no meio digital, a autora busca mostrar que a linguagem no digital “transgride o representável sistema da língua” (DIAS, 2008, p. 13). Acerca dessa noção, a autora postula que

está pautado não na representação da língua, mas no simulacro da língua, pensando a escrita na Internet, e propõe em seus traços uma forma corpográfica do pensamento. Isso porque pretende descrever o modo como o corpo se inscreve materialmente na língua, pela composição do impossível do corpo e do impossível da língua (DIAS, 2008, p. 12).

Dessa forma, ao materializar essa forma corpográfica, o sujeito inscreve o corpo na língua, na tela, pelo afeto, assume sua posição como sujeito discursivo. Assim, a língua digital não é apenas tecnológica, também é opaca, sujeita a falhas, aos equívocos, aos furos, afetada pela ideologia e pela historicidade.

A corpografia é mais uma noção importante do discurso digital. Como bem pontua Mittmann (2008), o ciberespaço “abarca não apenas a armazenagem e circulação dos discursos, mas também a produção, as formas de organização e articulação, além da recepção” (MITTMANN, 2009, p. 114). De acordo com a autora, o sujeito ao se conectar desempenha múltiplos papéis, transformando não apenas em recebedor, mas também em formulador e disseminador de discursos. O sujeito, ao comentar, ao usar *hashtags*, curtir etc., não apenas se

inscreve no discurso, mas toma uma posição, entre outras. Ele passa a produzir sentidos e é afetado, ao mesmo tempo, pelas redes ideológicas que também atravessam o discurso digital.

Todo discurso é afetado pela memória. Dias (2018) propõe a noção de memória digital como “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (DIAS, 2018, p. 105). Dessa forma, a autora sugere que a memória digital ultrapassa o algoritmo e se inscreve na história, tendo como pressuposto que as tecnologias digitais também se constituem em um espaço de movimentação de sentidos e de sujeitos.

Ante ao exposto, ao pensar os processos de constituição dos sentidos em funcionamento na materialidade digital temos também de refletir sobre as formas como os sujeitos se inscrevem e se constituem nesse processo, atravessados pela história e pela ideologia. As redes possibilitam a produção/movimentação de novos sentidos, de confrontos ideológicos, de resistência, de luta, a partir de suas condições de produção e circulação específicas das tecnologias digitais.

É fundamental, portanto, compreender os efeitos de sentido produzidos pelo discurso digital na sociedade, pois este, ao ser afetado pela ideologia, produz efeitos que determinam posições-sujeito, hábitos e comportamentos sociais; ademais, também favorece a disseminação de discursos de ódio e a desinformação, como veremos em nossos movimentos de análises, a seguir.

2.3 Percursos metodológicos: entre o arquivo, os recortes, o corpus discursivo e os trajetos de análise

A Análise do Discurso apresenta aspectos metodológicos específicos. A pesquisa se caracteriza por trajetos de idas e vindas, o *corpus* não é empírico, de natureza experimental, mas trata-se de *corpus* discursivo.

Na acepção de Orlandi (2015), o percurso metodológico do analista do discurso passa por três etapas: a primeira se dá quando o analista se depara com o texto, em sua superfície linguística (primeiro contato com seu objeto), que já se configura como gesto de interpretação. Da superfície linguística chega-se ao objeto discursivo. Nessa etapa, o analista já busca pistas sobre o funcionamento do discurso, a partir da observação das formações discursivas e formações ideológicas sob o jogo de relações discursivas. Assim, o analista começa a constituir

o *corpus*, delinear seus limites, efetuar recortes, mobilizar conceitos e noções, no movimento de “idas e vindas” constante entre teoria e análise, que são indissociáveis.

A constituição de um arquivo é a etapa da coleta bruta dos documentos referentes ao tema da pesquisa. Pêcheux (1994) pontua que o arquivo, em sentido amplo, é um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 1994, p. 57), mas não deve ser pensado como um emaranhado de documentos organizados e sob a rubrica de uma instituição, estático, homogêneo, pois o arquivo é constituído pela dispersão, pela descontinuidade, pela heterogeneidade.

Em relação ao arquivo digital, Cortes (2015) assevera que “um arquivo digital que funciona na movência da rede, também se funda no já dito e trabalha para fixar e estabilizar sentidos” (CORTES, 2015, p. 35). Ressalta-se, então, que o arquivo não se trata de algo dado, mas “construído” pelo pesquisador a partir de sua coleta/seleção, e cuja leitura já se constitui como o início da análise, uma vez que se configura como um gesto de interpretação pelo pesquisador.

Quanto ao nosso *corpus*, foi coletado das plataformas digitais que, como vimos, apresenta condições específicas, próprias do ambiente virtual. Dias destaca alguns aspectos próprios do *corpus* digital, a exemplo da temporalidade, ubiquidade, conectividade ilimitada, autoria, corpografia, além de outros aspectos; nessa direção, é necessário “levar em conta as condições de produção da *internet* e [...] a discursividade da rede de sentidos, que não escapa à injunção do digital e dos modos de existência dos sujeitos e de produção dos sentidos na sociedade digital” (DIAS, 2015, p. 980).

Conforme bem pontuou Mittmann (2011), a *internet* “já não pode ser concebida como simples repositório, deve ser observada em seus inconstantes e descontínuos movimentos” (MITTMANN, 2011, p. 124). Portanto, numa pesquisa ancorada na AD, o percurso analítico nunca será estático, pois o analista sempre estará envolvido no “ir e vir”, ao longo da pesquisa.

Assim, após formar um arquivo, passamos a selecionar as materialidades para a composição do *corpus* discursivo, por meio de um “recorte”, tendo em vista a imensidão de materialidades possíveis de análise. Segundo Orlandi (1986, p. 121), o recorte é uma “unidade discursiva que se constitui de fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação”. Dessa forma, a partir dos recortes, extraímos do arquivo as sequências discursivas para os gestos de análises.

Para a delimitação do *corpus* discursivo da nossa pesquisa, utilizamos também o critério do recorte temporal para a constituição do nosso arquivo de materialidades digitais. Assim, foi definido como marco inicial o mês de março de 2020, quando surgiram os primeiros casos de

Covid-19 no Brasil, e juntamente com a pandemia a maior circulação do discurso fake News nas mídias digitais; como marco final estabelecemos o mês dezembro de 2022, período em que a circulação do vírus já estava, de certo modo, controlada, porém ainda circulavam notícias falsas sobre a pandemia, embora com menor intensidade.

Para a delimitação do *corpus*, consideramos as publicações, notadamente a partir de postagens das redes sociais (*Facebook, Youtube, Twitter e WhatsApp*), consideradas como *fake news*, após checagem por agências jornalísticas, a exemplo da agência “Lupa” e “Aos Fatos”³⁰.

Dessa forma, para este estudo, o *corpus* foi constituído de 14 (quatorze) sequências discursivas (SDs), construídas a partir de postagens *fake news* – coletadas por captura de tela – disseminadas nos anos de 2020, 2021 e 2022. Com base nessas postagens, efetuamos³¹ alguns recortes de comentários digitais, com o objetivo de analisar a movimentação dos sentidos e dos sujeitos também no discurso enunciado pelos leitores das *fake news* e os efeitos de sentidos produzidos, pois entendemos o comentário como um gesto de interpretação.

Entendemos a coleta de dados como um processo dinâmico que se realiza “perpassando de diferentes maneiras os elementos constitutivos do *corpus*, com suas opacidades, com suas resistências, com suas porosidades, com suas densidades, com suas incompletudes constitutivas” (PETRI, 2013, p. 47). Portanto, a construção do *corpus* já se configura como um gesto analítico (ORLANDI, 2012).

Ademais, nas análises, também foram considerados os gestos de “curtir”, *likes*, compartilhamentos, *emotions* etc., visto que na perspectiva da AD digital estes gestos de interpretação demonstram tomadas de posição do sujeito (DIAS, 2018).

Os gestos analíticos das sequências discursivas coletadas para este estudo se pautaram na tensão do batimento descrição e interpretação, conforme pontua Pêcheux (1997). Nessa mesma linha de pensamento, Petri (2013) propõe o movimento pendular³², que consiste no movimento de ir e vir da teoria/análise e análise/teoria que se instauram nos procedimentos analíticos. Para a autora, esse movimento pendular “agita os processos de produção de sentidos sobre o *corpus*, movimentando a contemplação que estagnaria o analista e, conseqüentemente, o movimento de análise” (PETRI, 2013, p. 42). Assim, a noção de movimento pendular é

³⁰ Para o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente buscamos as *fake news* na suposta fonte de origem da publicação, em uma ou mais redes sociais. No entanto, justamente por se tratar de notícias falsas e causar inúmeros prejuízos à sociedade, após checagem das agências jornalísticas, a postagem sofre restrições e até a retirada de circulação. Dessa forma, a maioria das materialidades coletadas para esta pesquisa foram capturadas do site das agências de checagem jornalística “LUPA” e “Aos Fatos”.

³¹ Acerca dos comentários discorremos em nossos gestos analíticos.

³² Segundo Petri (2013), o movimento pendular advém metaforicamente de pêndulo, que consiste em “corpo pesado, pendurado num ponto fixo que oscila num movimento de vaivém” (PETRI, 2013, p. 40).

bastante produtiva na análise discursiva, que se dá em um constante movimento de idas e vindas. Conforme pontua Petri (2013), “é preciso pensar a Análise de Discurso como uma disciplina que está em constante reconfiguração, construindo e reconstruindo o seu dispositivo experimental, porque vanguardista” (PETRI, 2013, p. 41). Desse modo, buscamos seguir as trilhas do movimento pendular (PETRI, 2013) em nossos percursos analíticos

Ante tais considerações, passemos à seção, na qual apresentaremos os nossos gestos de leitura.

3 FAKE NEWS, PANDEMIA E REDES DIGITAIS: UMA TRAMA DISCURSIVA DE SUJEITOS E (NÃO) SENTIDOS

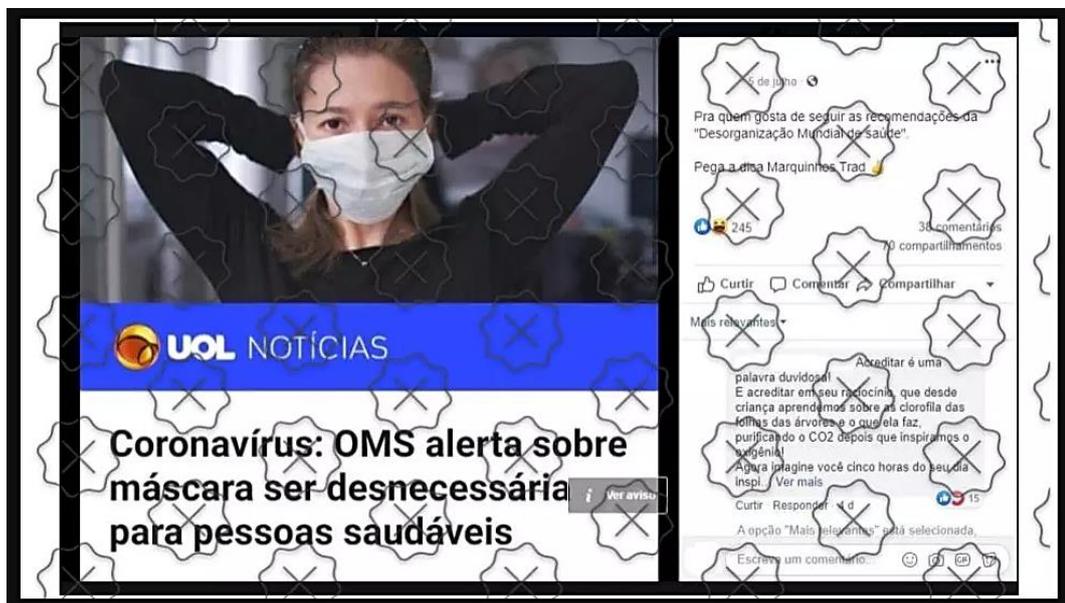
Iniciaremos os gestos analíticos a partir do nosso primeiro recorte, constituído de seis sequências discursivas (SDs 1 a 6), publicadas no ano de 2020, carimbadas com o selo de falsas, coletadas por meio da captura de tela, dos sites “Aos Fatos” e “LUPA”, que atuam na checagem, investigação e monitoramento de notícias falsas que circulam nas mídias digitais.

3.1 Discurso *fake news* e negacionismo científico: entre antagonismos e confrontos

3.1.1 RECORTE 1 – SDs 1 a 633

Vejam, a seguir, conforme ilustra a Figura 1, a primeira SD, republicada do site “Aos fatos”, no ano de 2020.

Figura 1 – SD1: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”



Fonte: Aos Fatos. Publicado em 13 de julho de 2020.³⁴

³³ As sequências discursivas analisadas neste tópico foram objetos de estudos em artigo intitulado “*Fake news* no contexto de pandemia: entre tramas discursivas, confronto e resistência”. *Revista Caminhos da Linguística Aplicada*, v. 28, n. 2, p. 65-83, 1º sem. 2023. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3608/2147>

³⁴ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-oms-nao-recomenda-o-uso-de-mascaras-por-pessoas-saudaveis/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

A sequência discursiva (SD1) constitui-se de um *post* publicado no *site* da Agência de Checagem de *fake news* “Aos Fatos”, que traz a seguinte formulação: “*Para quem gosta de seguir as recomendações da ‘Desorganização Mundial de Saúde’. Pega a dica Marquinhos Trad’.*”

Destacamos também na composição do *post* o comentário, conforme transcrito e exposto, a seguir, no Quadro 1:

Quadro 1 – Comentário que compõe a SD1

C1	Acreditar é uma palavra duvidosa! E acreditar em seu raciocínio que desde criança aprendemos sobre as clorofila das folhas das árvores e o que ela faz, purificando o CO2 depois que inspiramos o oxigênio! Agora imagine você cinco horas do seu dia inspi...
----	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse *post* circulou pelas redes sociais no ano de 2020 e discursiviza sobre a ineficácia do uso das máscaras para proteção contra a Covid-19, com podemos averiguar na afirmação “*Coronavírus: OMS alerta sobre o uso de máscaras ser desnecessário para pessoas saudáveis. Para quem gosta de seguir as recomendações da Desorganização Mundial de Saúde*” (grifo nosso). Esse discurso produz efeito de sentido de descrédito do uso máscaras na eficácia como barreira de proteção contra o novo coronavírus. Ou seja, o discurso produz efeitos de descredibilidade à ciência.

Notemos ainda que o *post* de notícia falsa traz elementos do Portal “Uol notícias”³⁵, como mostra a Figura da SD1; esta é uma manobra usada no discurso das *fake news* para produzir um efeito de sentido de confiança e veracidade ao discurso. Tal recurso da manipulação do recurso imagético, com elementos do Portal de notícias UOL, ativa a memória de uma empresa jornalística que goza de credibilidade social. Essa memória discursiva retorna no discurso como forma de “pré-construído, o já-dito, que está na base do dizível”. Ou seja, no discurso em pauta, os sentidos já ditos sobre a instituição UOL são retomados e ressignificados para produzir efeito de veracidade ao discurso das notícias falsas.

Na SD1, temos ainda o funcionamento da metáfora discursiva, pela substituição da sigla da OMS pela formulação *Desorganização Mundial de Saúde*; nesse caso, o uso do prefixo “Des” ao verbete “organização” produz sentidos de negação e descrédito à instituição, ou seja, a OMS não é de confiança. Dessa forma, a substituição contextual polissêmica fez, metaforicamente, com que o sentido da formulação “Organização Mundial de Saúde - OMS”

³⁵ UOL é a sigla para Universo Online. É uma empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de Internet do Grupo UOL, ligada ao grupo Folha. Disponível em: <http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: 09 fev. 2023.

se deslocasse para outro sentido, qual seja, de um órgão desorganizado. Com isso, gera um efeito de sentido de descredibilidade nas medidas em combate e tratamento da Covid-19 impostas pela OMS. Temos ainda o efeito de ironia na discursivização da OMS, visando descredenciar a instituição e, assim, não seguir as recomendações no combate à pandemia.

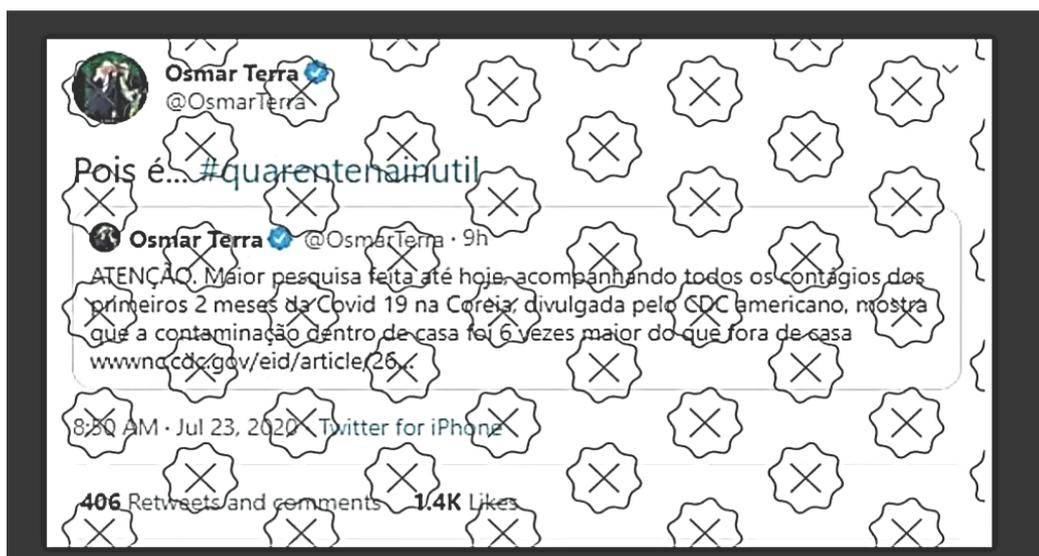
De acordo com Pêcheux (2009):

O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem (PÊCHEUX, 2009, p. 240).

Na SD1, a metáfora discursiva funciona pela substituição da sigla e dos sentidos da OMS e produz sentidos de que o novo coronavírus não é tão letal, como afirma a instituição, já que nega a eficácia do uso obrigatório de máscaras. Logo, o discurso da postagem falsa produz também o efeito de sentido de confronto com saberes da FD científica, uma vez que a OMS é uma agência especializada em saúde e que estava à frente das recomendações sobre as questões de combate e prevenção à pandemia. Dessa forma, a OMS se filia à FD da ciência, enquanto o post da SD1 se filia à FD das *fake news*, em posição discursiva de antagonismo ao discurso científico.

A seguir, na Figura 2, vemos mais uma sequência discursiva (SD2) do nosso *corpus*:

Figura 2 – SD2: Post veiculado na rede social Twitter e checado pelo site “Aos Fatos”



Fonte: Aos Fatos. Publicado em 31 de julho de 2020.³⁶

³⁶ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/estudo-coreano-nao-concluiu-que-distanciamento-social-e-inutil-contra-covid-19/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

A SD2 discursiva alude que a quarentena sugerida pelos órgãos de saúde nacional e internacional seria inútil, como vemos na formulação: “Pois é *#quarentenainutil*” (grifo nosso). A transcrição do texto presente na SD2 assim informa: “*ATENÇÃO. Maior pesquisa feita até hoje, acompanhando os contágios dos primeiros 2 meses da Covid 19 na Coreia, divulgada pelo CDC americano, mostra que a contaminação dentro de casa foi 6 vezes maior do que fora de casa www.nacdc.gov/eid/article/26*”³⁷.

No imaginário coletivo, acionado pela memória, qualificar algo como inútil é o mesmo que dizer que não serve para nada, não tem eficácia, que deve ser descartado. O efeito de ironia se dá pelo adjetivo “inútil” à palavra “quarentena”, que produz um efeito de inutilidade também às instituições que recomendaram a quarentena, reforçada por uma grande pesquisa de um órgão de saúde internacional: “*Maior pesquisa feita até hoje [...] divulgada pelo CDC americano, mostra que a contaminação dentro de casa foi 6 vezes maior do que fora de casa*”.

Na SD2, ao discursivizar “Pois é *#quarentenainutil*”, institui-se um efeito de sentido de ironia. Para Batista (2019, p. 61), “Isso nos leva a entender que a ironia, no âmbito discursivo, deve ser pensada pelo viés das posições-sujeito no discurso [...]”. Na formulação, “Pois é *#quarentenainutil*”, o efeito de ironia denota uma posição-sujeito assumidamente contrária ao recomendado pelas instituições de saúde, as quais discursivizavam que a quarentena seria uma medida eficaz para conter o vírus. Dessa forma, interpelado pela ideologia de direita, o sujeito da postagem, através da ironia, não só se posiciona contra a quarentena, como zomba das instituições de saúde. Essa posição-sujeito coaduna com a posição-sujeito do Governo Federal em relação à quarentena, visto que o Governo Federal se mostrou várias vezes contrário à quarentena, porquanto essa atitude afetava a economia brasileira.

Ao discursivizar a pesquisa divulgada pelo CDC americano³⁸, ou seja, “*que a contaminação dentro de casa foi 6 vezes maior do que fora de casa*”, busca-se a adesão de indivíduos a se posicionarem contra o isolamento social, visto que em casa haveria mais chances de se pegar o vírus. O efeito de sentido de confiança e credibilidade à notícia falsa é reforçado ao sugerir que a pesquisa foi divulgada por um órgão, o CDC, que tem autoridade no trato de doenças.

³⁷ Extraído do *Twitter* de Osmar Terra, um médico e deputado ligado ao Governo Federal. Disponível em: www.nacdc.gov/eid/article/26. Acesso em: 09 abr. 2022.

³⁸ Centro de Controle e Prevenção de Doenças é uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, Geórgia, que atua na saúde pública dos Estados Unidos e também na mundial.

Vale destacar também que na formulação “Pois é *#quarentenainutil*” (grifo nosso) temos a *hashtag*³⁹ que interpela o internauta a entrar numa rede de notícias de igual teor. De acordo com Silveira, “uma hashtag é criada quando o símbolo # (hash, em inglês) é associado a uma palavra, formando uma tag (etiqueta). Desse modo, uma hashtag é uma palavra-chave, que, no *Twitter*, ganha algumas funções extras” (SILVEIRA, 2013, p. 2), como agrupamento de publicações com temas semelhantes. Segundo Cortes (2022), esse apelo ao compartilhamento é efeito da língua de vento digital⁴⁰, em funcionamento nas redes sociais, visto que essa língua é usada para espalhar *fake News* de forma muito veloz e intensa em/nas redes.

Na SD2, a *hashtag* “*#quarentenainutil*” produz efeito de sentido de inutilidade da quarentena e, assim, afeta a circulação e a viralização dos sentidos na rede. Dias (2018) salienta que “é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, *hashtags*, memes, *links*...) que o digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular. E isso faz diferença na produção dos sentidos” (DIAS, 2018, p. 29). Assim, a viralização se dá pelos massivos compartilhamentos, pela tomada de posição dos internautas em sujeitos discursivos, na relação com a FD das notícias falsas.

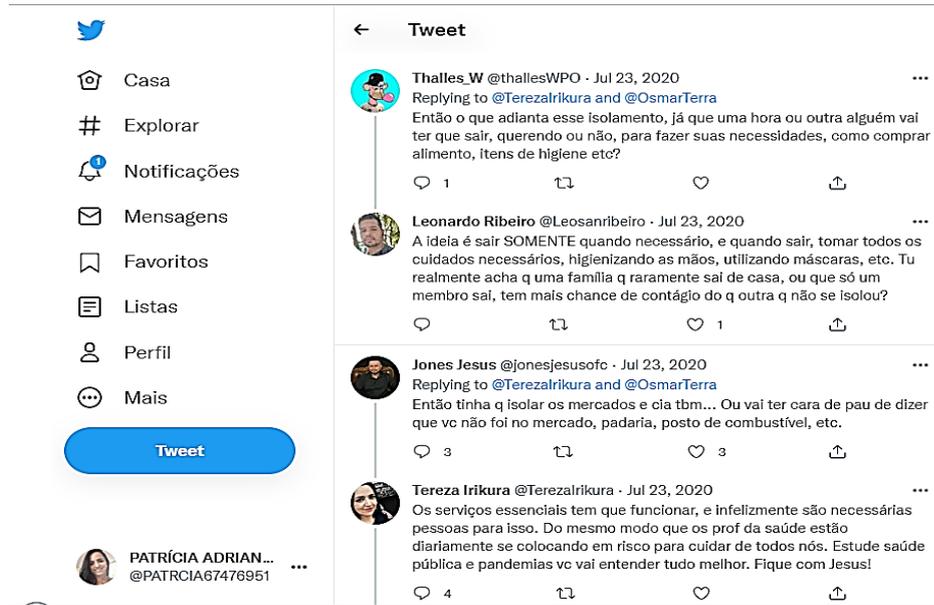
Nas mídias digitais o internauta leitor, através dos comentários, produz sentidos e também é afetado por eles; isso faz parte das condições de produção específicas do digital. Quanto a isso, Cortes (2018, p. 4) postula que “o leitor é também um sujeito descentrado, já inscrito em um lugar social, a partir do qual pode ocupar distintos lugares discursivos e distintas posições-sujeito para interpretar e produzir sentidos. Logo, o ato de leitura também é realizado sob as condições de produção do leitor”. Os internautas, afetados pela ideologia e pela discursividade digital, se constituem sujeitos que consomem, produzem, fazem circular sentidos, porque “essa condição verbal de existência dos enunciados não é banal, pois é determinante, hoje, dos processos de subjetivação” (DIAS, 2018, p. 167).

Na Figura 3, seguinte, apresentamos a SD3, constituída de um recorte de quatro comentários da postagem (SD2):

³⁹ *Hashtag* é um termo ou expressão antecedido pelo símbolo da cerquilha (#), comumente usado nas redes sociais para direcionar o usuário para uma página de publicações relacionadas ao mesmo tema.

⁴⁰ Cortes (2022) cunhou o termo “Língua de vento digital” a partir do conceito de “Língua de vento” postulado por Debray (2008 *apud* CORTES, 2022) e também discutido por Pêcheux (2011a *apud* CORTES, 2022).

Figura 3 – SD3: Post veiculado nas redes sociais Twitter e checado pelo site “Aos Fatos”



Fonte: Aos Fatos. Publicado em 23 de julho de 2020.⁴¹

O Quadro 2, que se segue, apresenta a transcrição dos comentários conforme registrados no post em questão, na figura 3, anterior.

Quadro 2 – Comentários que compõem a SD3

C1	“então o que adianta esse isolamento, já que uma hora ou outra alguém vai ter que sair, querendo ou não, para fazer suas necessidades, como comprar alimento, itens de higiene etc?”
C2	“a ideia é sair SOMENTE quando necessário, e quando sair, tomar todos os cuidados necessários, higienizando as mãos, utilizando máscaras, etc. Tu realmente acha q uma família q raramente sai de casa, ou só um membro sai, tem mais chances de contágio do q outra q não se isolou?”
C3	“Então tinha que isolar mercados e cia tbm... Ou vai ter cara de pau de dizer que vc não foi no mercado, padaria, posto de combustível, etc.
C4	“Os serviços essenciais tem que funcionar, e infelizmente são necessários pessoas para isso. Da mesma moda que os prof da saúde estão diariamente se colocando em risco para cuidar de todos nós. Estude saúde pública e pandemias vc vai entender tudo melhor. Fique com Jesus!”

Fonte: Dados da pesquisa.

Na SD3, temos um recorte de quatro comentários⁴² da postagem apresentada na SD2 (*Quarentena inútil*). Nesses registros, percebemos o funcionamento de circulações-confronto (PÊCHEUX, 2009) com o movimento dos sujeitos e dos sentidos; instaura-se um confronto

⁴¹ Disponível em: <https://twitter.com/TerezaIrikura/status/1286299471341588480>. Acesso em: 09 abr. 2022.

⁴² O recorte foi feito mediante a percepção da regularidade discursiva, pela representatividade dos sentidos vigentes preponderantes.

discursivo, já que temos dois internautas que assumem uma posição-sujeito contrária à recomendação do isolamento social, enquanto outros dois ocupam uma posição-sujeito em adesão ao discurso científico, de evitar a aglomeração de pessoas, permanecer em casa, sair apenas para atividades essenciais, no intuito de conter a disseminação do vírus, tendo em vista a letalidade já demonstrada, com muitas mortes no mundo todo.

Percebemos na materialidade em análise que alguns comentários estabelecem uma relação parafrástica com o discurso da SD2, mantendo o mesmo sentido de inutilidade do isolamento, com efeitos de ironia: “*Então tinha que isolar mercados e cia tbm... Ou vai ter cara de pau de dizer que não foi ao mercado, padaria, posto de combustível, etc.*” (comentário 03).

Já os outros dois comentários estabelecem uma relação polissêmica, pois instauram um efeito de sentido de resistência, de confronto: “*Os serviços essenciais tem que funcionar, e infelizmente são necessários pessoas para isso...*” (comentário 04). Podemos averiguar que há um embate discursivo, em que os sujeitos dos comentários 01 e 03 se identificam com sentidos do senso comum, das notícias falsas, sentidos de que o isolamento é inútil, assumindo a posição-sujeito de adesão ao discurso da SD2. Já os comentários 02 e 04, por sua vez, movimentam-se em direção à posição-sujeito de resistência, de confronto com o discurso da SD2, portanto filiam-se à FD da ciência.

Assim, os comentários funcionam de modo a estabilizar ou desestabilizar os sentidos e produzem efeitos parafrásticos ou polissêmicos nas relações com as postagens de *fake news*. Conforme Orlandi (2015, p. 34):

a paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

Assim, na SD3, os comentários funcionam com efeitos de paráfrase que estabiliza sentidos *fake*, como também com efeitos de polissemia, de desestabilização de sentidos.

Na SD3 podemos averiguar também a circulação e repercussão da postagem, visto que teve 406 *retweets* e comentários e 1.400 *likes*. Segundo Dias (2018), no discurso virtual tudo produz sentido, que perpassa o processo de constituição, formulação e circulação de sentidos. Na SD3, o sentido de legitimidade e veracidade desse discurso se instaura pelos gestos de interpretação dos elementos materiais, em especial pelos *retweets* e *likes* e os comentários. Cortes (2015) evidencia que “o princípio do comentário é dizer o já dito ou o silenciado de uma nova maneira, pela multiplicidade aberta, pelos furos da língua” (CORTES, 2015, p. 221).

O discurso das *fake news* sofre determinações ideológicas do jogo de forças do poder do capital. Os sites e páginas de redes sociais que publicam notícias falsas são monetizados pela via dos anúncios publicados. As plataformas algorítmicas pertencentes às grandes corporações, como o *Google* e *Facebook*, não somente permitem, mas são coparticipantes das publicações das notícias falsas, que se mesclam com notícias relevantes à sociedade.

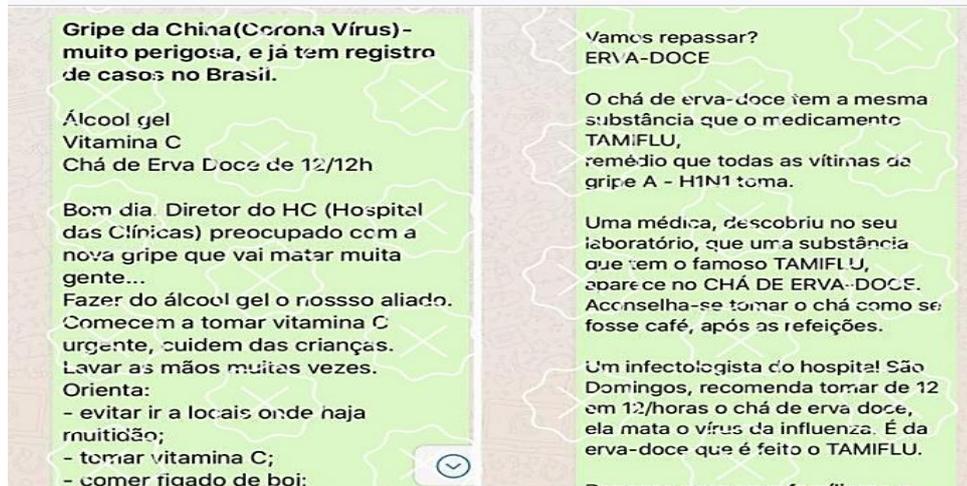
De acordo com Castro (2021), diferente das notícias jornalísticas tradicionais, que primam pela precisão e qualidade das informações, “às plataformas, à parte aquilo que não é vetado por contrariar os termos de serviço, o critério de avaliação aplicado aos conteúdos é de ordem pecuniária, valorizando-se o que pode trazer maior retorno financeiro” (CASTRO, 2021, p. 93). Ou seja, essas plataformas não se interessam com o teor de veracidade das notícias que veiculam, mas como o valor monetário que os cliques trazem e acabam por servir de espaço para a desinformação.

Os algoritmos atuam nas redes digitais, em especial nas redes sociais, como instrumento de captação de dados dos usuários e utilizam esses dados para buscas eficientes e para criar recomendações comerciais personalizadas. Dessa forma, as redes digitais estão mais interessadas em obter lucros com discursos sensacionalistas do que prezar por informações confiáveis, visto que são mais atraentes aos internautas.

É perceptível que o discurso de *fake news* é construído a partir da junção de elementos verdadeiros e falsos, como citação de personalidades, profissionais, instituições, imagens que mobilizam uma memória de elementos que podem produzir efeitos de credibilidade e legitimidade à mentira, como vimos na SD1, com a introdução do nome do Portal UOL na imagem, criando o que Indursky e Rodrigues (2020) chamam de *torção discursiva* às *fake news*, que seria essa associação entre discursos verídicos com inverídicos, a utilização de personalidades e instituições de credibilidade e, com isso, induz-se o leitor-internauta a pensar “isso pode ser verdade” sob o fato *fake*. São estratégias usadas para produzir um efeito de sentido de veracidade às notícias, postagens, reportagens etc., no intuito de interpelar o internauta a assumir uma posição-sujeito de adesão ao discurso das *fake news*, como buscamos demonstrar nas sequências discursivas analisadas.

A seguir, apresentamos mais duas sequências discursivas, coletadas do site “Ao Fatos” e uma sequência do site “LUPA”. Vejamos a Figura 4, adiante:

Figura 4 – SD4: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”



Fonte: Aos Fatos. Publicado em 29 de janeiro de 2020.⁴³

A sequência discursiva (SD4) é constituída de um post publicado no site da Agência de Checagem de *Fake News* “Aos Fatos”. Esse post circulou pelas redes sociais e materializa o discurso das *fake news*, com as seguintes recomendações para o tratamento da Covid-19: “*tomar vitamina C, comer fígado de boi...*”; o discurso, atravessado pelo discurso do senso comum, produz o efeito de sentido de que algumas substâncias e alimentos – já usados no tratamento de gripes comuns – também seriam eficazes no combate à Covid-19. Há ainda a indicação de chá de erva-doce como medida eficaz para eliminar o novo Coronavírus que causa a Covid-19: “*o chá de erva doce tem a mesma substância que o medicamento TAMIFLU*”, medicamento famoso que “*todas as vítimas da gripe A- H1N1 toma*”. Ao associar o chá de erva-doce ao medicamento TAMIFLU produz-se um efeito de sentido de confiabilidade, pois confere ao chá um efeito da mesma eficácia do remédio, já testado e aprovado cientificamente.

Outro artifício usado no discurso das *fake news* em pauta, para produzir o efeito de veracidade, é a associação de nomes de supostas autoridades profissionais e institucionais da área da saúde à construção da postagem, como podemos verificar nas formulações: “*Diretor do HC (Hospital das Clínicas) preocupado com a nova gripe que vai matar muita gente...*”; “*uma médica descobriu, em seu laboratório, que uma substância que tem no famoso TAMIFLU aparece no chá de erva doce*”; e “*infectologista do Hospital São Domingos, recomenda tomar de 12h em 12 horas, o chá de erva doce, ele mata o vírus da influenza*”. Assim, o efeito de legitimidade é reforçado pelo uso da ciência para negar a própria ciência, de modo que se cria o efeito de torção discursiva (INDURSKY; RODRIGUES, 2020).

⁴³ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/medicos-nao-indicaram-vitamina-c-e-cha-de-erva-doce-contra-coronavirus/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Destacamos os termos “diretor de hospital”, “uma médica” e “um infectologista”, “pesquisa desenvolvida em laboratório”, os quais mobilizam a memória de sentidos de autoridade científica na área da saúde, produzindo ideologicamente efeitos de legitimidade e uma posição-sujeito de credibilidade às *fake news*, mas também à produção de gestos de compartilhamentos, os quais estendem e ampliam, cada vez mais, a rede de notícias falsas, pela facilidade de circulação.

Vale destacar que a utilização de nomes de autoridades profissionais e institucionais, mesmo sem a devida comprovação de autenticidade, imbricadamente ao uso de informações incompletas e verdades parciais, são artifícios próprios do discurso das *fake news*, que visa produzir o efeito de sentido de verdade e credibilidade, o que gera um impacto ainda maior à desinformação.

Na perspectiva da AD pecheuxtiana, todo discurso é constituído por relações de forças e de sentidos e é afetado pela exterioridade, ou seja, pela memória e pela ideologia. O discurso digital segue essa mesma lógica, mas com condições de produção que lhes são específicas e peculiares, como já ressaltado.

Dias (2018) postula que o digital se formula no instante de sua circulação e isso promove diferenças na produção dos sentidos. A autora afirma ainda que o digital “é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria” (DIAS, 2016, p. 18). Ou seja, a discursividade no digital abrange tempo e espaço sem “limitações”, características próprias do virtual. Dessa forma, todas as interfaces e possibilidades do digital afetam as formas de constituição do sujeito e seus modos de individualização e subjetivação e como isso interfere nos processos de ressignificação do funcionamento dos discursos.

Assim, nas mídias digitais o indivíduo internauta é constantemente interpelado pela ideologia à adesão ao discurso das *fake news*, já que este, mesmo constituído de falsidades, produz efeito de veracidade e legitimidade.

A seguir, como mostra a Figura 5, veremos mais uma sequência discursiva (SD5) do nosso *corpus*, retirada do site Aos Fatos.

Figura 5 – SD5: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”



Fonte: Aos Fatos. Publicado em 9 de dezembro de 2020.⁴⁴

Na sequência discursiva (SD5), coletada do site da Agência de Checagem de *fake news* “Aos Fatos”, temos um post que também circulou, principalmente, nas redes sociais *Facebook* e *WhatsApp*, cujas formulações transcrevemos e expomos adiante:

Conselho dos hospitais de isolamento: podemos ter em casa os cuidados que são tomados nos hospitais/1- Vitamina C 1.000mg, 2- Vitamina E, 3- Des 10h as 11h, estar ao sol durante 15 a 20 minutos, 4- Refeições com ovo uma vez por dia, 5- descansar/dormir no mínimo 7-8 horas, 6- Beber 1,5 litros de água diariamente, 7- Todas as refeições devem ser quentes (não frias).

E é tudo o que fazemos no hospital para fortalecer o sistema imunológico. Observe que o PH do coronavírus varia de 6,5 a 8,5. Portanto, tudo o que precisamos fazer para eliminar o vírus é consumir mais alimentos alcalinos acima do nível de acidez do vírus.

Tais como: Banana e Limão verde - 9,9 pH, Limão Amarelo - 8,2 pH, Abacate - 15,6 pH, Alho - 13,2 pH, Manga - 8,7 pH, Tangerina - 8,5 pH, Abacaxi - 12,7 pH, Agrião - 22,7 pH, Laranja - 9,2 pH.

As formulações tratam de supostos conselhos para a prevenção e combate à Covid-19, a exemplo das recomendações: “Vitamina C 1.000mg e Vitamina E”, “Refeições com ovo uma vez por dia”, “consumir alimentos acima do nível de acidez do vírus”, bem como “das 10hs às 11hs, estar ao sol durante 15 a 20 minutos; descansar/dormir no mínimo 7-8 horas; Beber 1,5 litros de água [...]”. Conforme a matéria, tais medidas adotadas em casa seriam eficazes no

⁴⁴ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/dieta-rica-em-alimentos-alcalinos-nao-e-capaz-de-eliminar-o-coronavirus/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

tratamento da Covid-19: “E é tudo o que fazemos no hospital para fortalecer o sistema imunológicos”.

Nas SDs em análise, o discurso é atravessado por sentidos do senso comum, que atualiza a memória da cura por remédios caseiros, aplicados sempre em episódios de surto de gripes, sejam elas gripes simples ou não; são já ditos do interdiscurso que produzem sentidos de confiabilidade ao discurso das *fake news* sobre o uso de alimentos e chás no combate ao vírus. Os efeitos de sentidos de veracidade e de legitimidade desse discurso se instauram, especialmente, pela formulação “*Conselho dos hospitais de isolamento: podemos ter em casa os mesmos cuidados que são tomados no hospital*”; nesse caso, o termo hospital atualiza uma memória de um órgão composto por autoridades médicas e profissionais especialistas em saúde, e, assim, produz-se o efeito de que as indicações em questão seriam confiáveis e seguras.

Courtine (2006) aborda uma questão muito pertinente para se entender o poder que as notícias falsas têm sobre as pessoas. Ele enfatiza que existe “uma regra de ouro que não deve jamais ser esquecida: a verossimilhança⁴⁵. [...] a arte da mentira é uma arte que sabe o justo meio, é uma técnica sutil de dosagem. É necessário saber adequar a enganação à verdade, às circunstâncias, aos fins visados” (COURTINE, 2006, p. 06-07). Essa verossimilhança produz um efeito de sentido verdadeiro à notícia falsa, e assim gera adesão dos sujeitos às inverdades.

Na materialidade em questão (SD5), também funcionam sentidos sobre o PH do Coronavírus (6,5 a 8,5); segundo a formulação, os alimentos com teor de PH acima de 8,5, como “*Banana e limão verde - 9,9 pH , limão amarelo - 8,2 pH, Abacate - 15,6 pH...*”, por estarem acima do PH apresentado pelo novo Coronavírus, poderiam eliminá-lo do corpo da pessoa que os consumissem. Logo, as formulações do discurso das *fake news*, em pauta, recorrem, estrategicamente, a termos do jargão farmacológico e científico para a produção de efeito de sentido de confiabilidade, legitimidade e de veracidade.

A memória discursiva, constituída de já ditos, é atualizada nas formulações do discurso, em forma de paráfrase – o retorno do mesmo sentido –, ou pela instituição da polissemia, que instaura o deslizamento de sentidos (ORLANDI, 2012). Nas sequências analisadas não houve ruptura ou deslizamentos, mas efeitos de estabilização parafrástica, a partir da atualização da memória na crença de que remédios caseiros são eficazes para combater sintomas gripais, incluindo a Covid-19.

⁴⁵ De acordo com o Dicionário Online de Português, define-se verossimilhança como característica do que é verossímil, que aparenta ser ou é tido como verdadeiro; verossimilhante; Qualidade do que parece verdadeiro, do que não contraria a verdade.

Identificamos também que a notícia teve várias curtidas e mais de 300 compartilhamentos. Tais gestos de interpretação produzem efeito de confiabilidade, impulsionando a circulação em/na(s) rede(s), posto que os gestos de interpretação devem ser sempre analisados como tomadas de posição. Nesse sentido, vale enfatizar que no discurso digital tudo produz sentidos: ícones, *emotions*, curtidas, *hashtags*, *links*, comentários e compartilhamentos servem para produzir sentidos para/por sujeitos. Tais recursos digitais são gestos de interpretação, utilizados pelo sujeito do discurso, e afetam a produção e constituição dos sentidos, uma vez que constituem uma tomada de posição no discurso. Segundo Dias e Couto (2011), ao curtir e compartilhar a notícia, ao usar *emotions* e *hashtags*, o sujeito se subjetiva em um lugar, se identifica com o discurso, assume uma posição-sujeito de adesão e produz efeito de sentido de confiança e legitimidade ao discurso.

De acordo com Silva (2018, p. 21), “a prática do compartilhamento de notícias falsas só é possível quando o jornalista publica uma notícia sem conferir a fonte ou a publica de maneira tendenciosa”. Já Palácios (2019) aponta como fatores explicativos para a geração de notícias imprecisas ou falsas “a aceleração dos processos de produção da informação jornalística, a partir da mecanização e crescimento físico da escala de produção, por um lado, e a deliberada fabricação de *fakes*, pelo outro” (PALÁCIOS, 2019, p. 80).

Vale ressaltar que a produção e circulação de notícias não se restringe ao espaço jornalístico, como se caracterizava outrora. Com o advento da *internet* e a popularização das redes sociais, essas passaram a ser também meios de produção, formulação e circulação de notícias e ditos, o que potencializa a produção e circulação do discurso das *fake news*. Assim, o próprio leitor internauta pode compartilhar, inclusive com grupo de destinatários, a exemplo da rede *WhatsApp*⁴⁶.

Um estudo do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai) da Universidade de São Paulo (USP)⁴⁷ revela que 12 milhões de brasileiros compartilham notícias falsas pelas redes sociais, por variados interesses, como ideologia, poder, política, financeiros etc.

No que se refere aos interesses financeiros, muitos sites lucram com anúncios no Google de informações inverídicas e/ou distorcidas. Durante a pandemia causada pelo novo coronavírus, a proliferação de *fake news* era diária e, segundo uma reportagem do site

⁴⁶ WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas que funciona via *Internet* e permite ao usuário enviar e receber conteúdos multimidiáticos como mensagens escritas, áudios, vídeos, imagens, músicas etc. Com ele, também é possível realizar chamadas de áudio e vídeo.

⁴⁷ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/01/02/interna_politica,928147/12-milhoes-de-brasileiros-compartilham-fake-news-diz-pesquisa.shtml. Acesso em: 05 nov. 2022.

jornalístico de investigação de notícias “Aos Fatos”⁴⁸, sete sites lucraram muito dinheiro proliferando *fake news* sobre a Covid-19, através do uso da plataforma de monetização Google AdSense⁴⁹ para converter em dinheiro os cliques em seus sites.

Dessa forma, é perceptível o poder do discurso das *fake news*, por seus efeitos ideológicos e interesses econômicos escusos que podem afetar a sociedade de forma significativa, como ocorrido durante a pandemia, em que levaram muitas pessoas a aderirem aos discursos *fakes*, como a confiança que remédios caseiros milagrosamente seriam eficazes no combate e tratamento da Covid-19. Embora os remédios caseiros e chás possam auxiliar no tratamento de algumas doenças, amenizando dores e mal-estar, a exemplo de sintomas gripais comuns, eles não combatem/eliminam o novo coronavírus, portanto, as sugestões e recomendações desses chás caseiros para o combate e cura da Covid-19 se constituem como discursos de *fake news*.

Dias (2018), ao discorrer sobre o discurso digital e suas características próprias, destaca o funcionamento da circulação, associadamente à temporalidade da *internet*; para a autora, o tempo do digital é o do acesso e da circulação, em tempo real e passível de atualizações quando acessado; por outro lado, é também importante considerar a “legitimidade” e questões de autoria dos materiais dispostos na *internet*. Estes são aspectos importantes que devem ser levados em conta na análise das práticas discursivas das *fake news*, em especial no que tange à circulação desse discurso. Como já salientado, as agências de checagem jornalística realizam esse trabalho para o reconhecimento (ou não) da legitimidade e autoria das postagens digitais, por meio do selo de *fake news*, através de um símbolo imagético e linguístico⁵⁰, que juntos avalizam a notícia como falsa.

Todavia, o discurso das *fake news* produz efeitos de veracidade, pelo viés da repetibilidade (INDURSKY, 2008). A autora pontua que uma mentira repetida várias vezes acaba por se tornar verdade; no caso das mídias digitais, o modo de circulação potencializa essa repetição como uma maquinaria de sentidos (DIAS, 2018). As redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* possuem funções, como compartilhamentos, *likes* e *deslikes*, curtidas, comentários, *emotions*, entre outras, que conferem ao discurso efeitos de sentidos.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/como-sete-sites-lucraram-com-anuncios-no-google-ao-publicar-desinformacao-sobre-pandemia/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

⁴⁹ O *Google AdSense* é uma maneira de os editores ganharem dinheiro com conteúdo on-line. Ele relaciona anúncios ao seu site com base nos visitantes e no conteúdo disponível. Os anúncios são criados e pagos pelos anunciantes que querem promover produtos.

⁵⁰ Em todas as mensagens checadas e avalizadas como falsas, acima da postagem que veicularia a notícia falsa, aparece um símbolo formado por um círculo com ondulações, que traz em seu centro um X, e o selo “FALSO”.

Como já explanamos anteriormente, esses gestos de interpretação são meios de subjetivação no discurso e, dessa maneira, o internauta passa a produzir sentidos e posicionamentos, ao compartilhar, comentar, curtir, com *likes* ou *deslike*, e usar as demais ferramentas das mídias digitais. Esse sujeito, interpelado pela história e ideologia, é atravessado pelo discurso digital e seus efeitos e passa também a replicar o discurso das *fake news*.

Os sentidos parafrásticos se instauram também na SD6, constituída de uma materialidade coletada do “site” “LUPA”. Vejamos, a seguir, conforme ilustra a Figura 6.

Figura 6 – SD6: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”



“Chá de limão com alho e jambu está matando os sintomas do coronavírus. Muitas pessoas ficaram boas sem precisar ir para o hospital, porque lá é pior. Deus está curando muita gente através desse chá. Quem não quiser morrer e só fazer esse chá, e tomar morno, e Deus fará o milagre. Um limão, 2 dentes de alho e algumas folhas e flor de jambu, quanto mais forte o chá melhor. Ouvi testemunhos!”

Fonte: Site “Lupa”. Publicado em 4 de março de 2020.⁵¹

No Quadro 3, seguinte, expomos a transcrição dos três comentários que compõem o recorte dessa SD:

Quadro 3 – Comentários que compõem a SD6

C1	“Amém Senhor!” (3 ícones de oração)
C2	“Já estamos tomando aqui em casa”
C3	“Vou fazer mesmo não estando com nenhum dos sintomas. Parabéns! ”

Fonte: Dados da pesquisa.

⁵¹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/04/verificamos-vitamina-coronavirus/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

Nessa postagem (SD6), que também circulou por redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, além de outras, também temos a produção do efeito de sentido de que alguns alimentos seriam igualmente eficazes no tratamento da Covid-19: “*chá limão com alho e jambu está matando os sintomas do coronavírus. Muitas pessoas ficaram boas sem precisar ir para o hospital*”. Assim, na materialidade em pauta (SD6), funciona o discurso das *fake news*, com efeitos parafrásticos nas relações com as SDs 4 e 5, pelo viés da repetibilidade, com sentidos de uma falsa prevenção e cura da Covid-19. A notícia em questão foi averiguada pela agência de checagem “LUPA”, a partir das solicitações de usuários do *Facebook*; e, após analisada, foi classificada como *fake news*. Também nesse caso, a agência de checagem apresenta uma reportagem, na qual explica, a partir de declarações de um médico e professor de epidemiologia do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, “que nenhum chá ou outras medicações, sejam naturais ou farmacológicos, têm comprovação científica no que se relaciona ao tratamento da Covid-19”.

Podemos também observar o atravessamento do discurso religioso na SD6, em antagonismo ao discurso da ciência, pelo efeito de sentido da “cura pela fé”, em associação ao uso do chá, notadamente no enunciado “Deus está curando muita gente através desse chá. Quem não quiser morrer e só fazer o chá e tomar morno, e Deus fará um milagre”. No caso, a cura se daria por um milagre divino. Para tanto, seria necessário tomar o chá morno e, por graça de Deus, a cura ocorreria. Também a formulação “Ouvi testemunhos” reforça esse efeito de verdade e eficácia, enunciando que pessoas que usaram o suposto chá são testemunhas da cura.

Consoante Dias e Couto (2011, p. 633), “as redes sociais assumem papel preponderante no que diz respeito à divulgação do conhecimento e aos modos de subjetivação e individuação do sujeito”. No entanto, no caso do discurso das *fake news*, as redes sociais podem ser preponderantes para o funcionamento de uma rede de notícias falsas, ou seja, para a (re)produção do desconhecimento.

Ao final da postagem vemos a *hashtag* “#COMPARTILHEM”. Uma *hashtag* é um termo ou expressão antecedido pelo símbolo da cerquilha (#), comumente usada nas redes sociais para direcionar o usuário para uma página de publicações relacionadas ao mesmo tema, o que facilita a disseminação e circulação da notícia, de sentidos. De acordo com Silveira (2015, p. 68), “Isso modifica as condições de produção imediatas dos discursos e permite que qualquer um, ao utilizar esse instrumento, abra um canal com outros tuites que utilizam a mesma *hashtag*”.

Ainda a esse respeito, Araújo (2021, p. 97) postula que as *hashtags* podem instaurar discursos distintos e, entre as formas de seu funcionamento, “está a agregação de notícias sobre um mesmo tema, tomadas de posição e a instauração de efeitos metafóricos”. Ou seja, o uso

das *hashtags* mobiliza distintos gestos de interpretação e faz movimentar os sujeitos e sentidos nas/em redes digitais.

Na SD6, a *hashtag* “#COMPARTILHEM” produz efeito de sentido de engajamento dos internautas com a publicação. Como efeitos discursivos da *hashtag*, a publicação obteve mais de 2.000 compartilhamentos e mais de 800 comentários. Esses gestos de interpretação são tomadas de posição do sujeito do discurso, uma vez que o sujeito se inscreve de algum modo, seja pela formulação ou pela replicação. Os três comentários inscritos na SD6 materializam posições-sujeito de adesão e credibilidade ao discurso, a exemplo da formulação: “já estamos tomando aqui em casa” e “vou fazer mesmo não tendo sintomas. Parabéns”. Nesse aspecto, Dias (2018, p. 118) informa que os comentários podem atuar na estabilização ou desestabilização dos sentidos. Desse modo, na SD6, os comentários com posições-sujeito de adesão ao discurso das *fake news* produzem sentidos de estabilização aos efeitos de veracidade/legitimidade ao discurso.

Ainda sobre o assunto, Cortes (2015, p. 222) menciona que “o princípio do comentário é dizer o já dito ou o silenciado de uma nova maneira, pela multiplicidade aberta, pelos furos da língua”. Nesse sentido, na SD6, os três comentários repetem os já ditos do discurso das *fake news*, pela adesão ao discurso, a partir do efeito de sentido religioso, como podemos observar nos comentários: “Amém Senhor” e “já estamos tomando aqui em casa”. Assim, os comentários e compartilhamentos inscritos na SD6 mostram o funcionamento do processo de identificação do internauta com os saberes da FD das *fake news*, pela interpelação ideológica da mídia digital, pelos efeitos de viralização da “língua de vento digital” (CORTES, 2022).

O que caracteriza o discurso das *fake news*, além do fato de se tratar de uma notícia falsa ou imprecisa, é o fato de que ele é compartilhado sem que haja uma suposta preocupação quanto à sua origem ou o fato de que é posto em circulação mesmo com sua inconsistência conhecida. As notícias falsas são afetadas pelo discurso do espetáculo, por isso, geram mais engajamento nas redes e viralizam com facilidade.

A esse respeito, Cortes (2015, p. 194) postula que a espetacularização das notícias materializa “um jogo de interesses comerciais funcionando na opacidade do discurso”. Vale ressaltar que as redes sociais veiculam comerciais/publicidade de seus patrocinadores junto às notícias, e isso agrega valor financeiro (monetização) ao administrador dos sites, pelo número de acessos e compartilhamentos das postagens.

Assim, o discurso das *fake news* funciona sob determinações ideológicas que envolvem interesses financeiros e também políticos, como demonstrado na pesquisa realizada pela USP (mencionada anteriormente), a qual destaca que, atualmente, existe um modelo de negócios em

torno das notícias falsas. “É uma questão muito complexa. A maioria dos boatos se espalham com interesses financeiros, por meio de sites caçadores de cliques” (CORTES, 2022). Ainda há aqueles que espalham *fake news* por questões ideológicas e políticas, como o ocorrido nas eleições presidenciais brasileiras em 2018, quando foram postas em circulação várias notícias falsas.

A esse respeito, Indursky e Rodrigues (2020, p. 29) assim asseveram: “À luz da Análise do Discurso, entendo *fake news* como um processo de *torção discursiva* realizado sob o efeito de uma identificação ideológica”. Essa torção ocorre quando a mídia discursiviza um acontecimento projetando um efeito de verdade, sendo esse uma “falsificação do ocorrido”. Essa torção ocorre sempre mediada pela identificação ideológica dos sujeitos com os sentidos da FD das *fake news*.

Vemos, dessa forma, o trabalho da interpelação ideológica funcionando nas mídias digitais, com vistas à adesão dos internautas à credibilidade do discurso das *fake news*. Esse efeito de credibilidade, por sua vez, acelera e intensifica a circulação desse discurso nas redes sociais. Todavia, os efeitos mais nocivos e letais do discurso das *fake news*, no período mais crítico da pandemia, podem ter sido a morte de pessoas, já que os falsos remédios não combatem o vírus e inviabilizam o tratamento adequado.

Vejamos, a seguir, mais um recorte de SDs (7 a 10) para a continuidade dos nossos gestos de interpretação.

3.1.2 RECORTE II – SDS 7 a 10⁵²

O segundo recorte é composto de três sequências discursivas (SDs) coletadas dos *sites* de jornalismo investigativo “Aos Fatos” e “LUPA”, que se dedicam exclusivamente ao monitoramento e à checagem de notícias falsas que circulam nas mídias digitais. A coleta se deu por meio da captura de tela.

As postagens materializam o discurso sobre as vacinas para a imunização contra a Covid-19, que estavam em processo de produção, e os efeitos de sentidos produzidos por esse discurso e sua repercussão nas mídias digitais. O discurso digital, como já salientado, traz novas possibilidades discursivas, pois permite novas formas de formulação, constituição e circulação

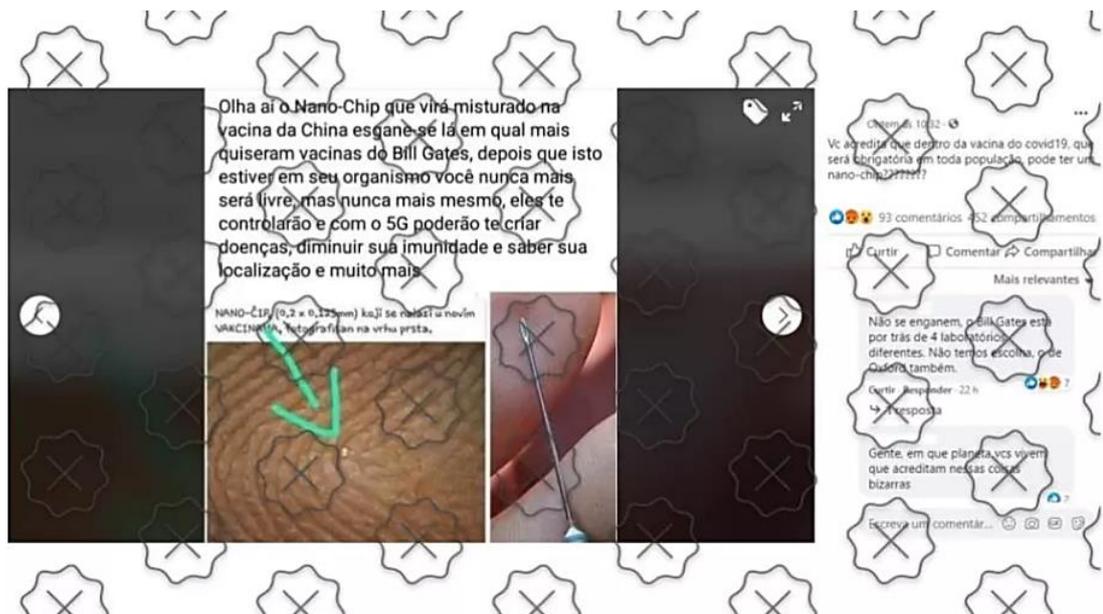
⁵² As sequências discursivas analisadas neste tópico foram objetos de estudos em artigo intitulado *Discurso, pandemia e fake news em/nas redes: entre os efeitos de verdade e os confrontos discursivos*. Publicado na Revista Interfaces, v. 3, n. 4, p. 65-83, 2022. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7362/5342.

do discurso em redes. Assim, é possível qualquer internauta se inscrever nas redes para produzir sentidos, por meio das variedades de *emotions*, postagem de comentários, compartilhamentos das postagens e muito mais.

As materialidades discursivas em pauta (SDs 7 a 10) circularam no ano de 2020, nas redes sociais *Facebook*, *Youtube*, *Twitter* e *WhatsApp*, nas quais foram discursivizadas diversas teorias sobre as vacinas contra a Covid-19, como implantação de chips para controlar as pessoas, conspiração chinesa e comunista, efeitos colaterais nocivos à saúde etc., o que produz efeitos de sentido de descredibilidade às Instituições de Saúde, das pesquisas sobre a vacina e, por conseguinte, da eficácia da vacina como tratamento contra a Covid-19.

A seguir, apresentaremos duas sequências discursivas coletadas dos sites “Ao Fatos” e uma SD coletada do site da agência “LUPA”. Vejamos a SD7 (Figura 7):

Figura 7 – SD7: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”



Fonte: Site “Lupa”. Publicado em 6 de agosto de 2020.⁵³

A sequência discursiva (SD7) é constituída de um post publicado no *site* da agência de checagem de *fake news* “Aos Fatos”. Esse post circulou pelas redes sociais no ano de 2020 e traz a seguinte formulação, conforme transcrevemos:

Olha aí o Nano-Chip que virá misturado na vacina da China, engana-se lá em qual mais quiseram vacinas de Bill Gates, depois que isto estiver me seu organismo você nunca mais será livre, nunca mais mesmo, eles te controlarão

⁵³ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/vacinas-testadas-contra-covid-19-nao-usam-nanochip-para-rastrear-pessoas-pelo-5g/> Acesso em: 05 maio 2022.

e com 5G poderão te criar doenças, diminuir sua imunidade e saber sua localização e muito mais”. “Você acredita que dentro da vacina da covid19, que será obrigatória pode ter um nano-chip???????”

Ademais a postagem também é constituída dos seguintes comentários, transcritos e organizados no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Comentários que compõem a SD7

C1	“Não se enganem, o Bill Gates está por trás de 4 laboratórios diferentes. Não temos escolha, o de Oxford também”
C2	“Gente em que planeta vocês vivem que acreditam nessas coisas bizarras”.

Fonte: Dados da pesquisa.

A SD7 materializa o discurso fake sobre a suposta implantação de chip que estaria misturado à vacina chinesa contra a Covid-19, com a afirmação de que *“depois que isto estiver em seu organismo você nunca mais será livre, nunca mais mesmo, eles te controlarão...”*. Essa notícia foi verificada pela Agência de checagem de notícias e carimbada como *fake news*, o que ocasionou a restrição da circulação dessas postagens. No entanto, pela força de circulação do discurso digital, o efeito de sentido de malefícios das vacinas contra a Covid-19 interpelou ideologicamente os indivíduos e muitos deixaram de se vacinar, o que provoca um desserviço às instituições de saúde e à sociedade.

No discurso de *fake news* inscrito na SD7, a vacina é discursivizada como uma ameaça à vida e à liberdade do indivíduo e não como proteção à saúde; segundo esse discurso, o suposto Nano-Chip poderia ainda *“te criar doenças, diminuir a imunidade e saber sua localização e muito mais”*. Além dos sentidos de desconfiança e descrédito no que se refere à eficácia das vacinas no combate ao novo coronavírus, o discurso *fake* funciona com uma posição-sujeito de combate à vacina e não ao vírus, pelo efeito de medo da vacina, sendo esta discursivizada como a verdadeira ameaça à vida. Ademais, podemos verificar que se inscrevem no discurso efeitos de sentido de que a vacina traria muitos malefícios, como diminuição da imunidade, novas doenças e também tiraria a liberdade da pessoa, visto que o suposto chip implantado seria uma forma de controle do indivíduo.

A materialidade significativa, ao informar que a vacina é de Bill Gates⁵⁴, retoma pré-construídos do interdiscurso relativos a supostos objetivos obscuros de Bill Gates. Na SD7, a

⁵⁴ William Henry Gates III, mais conhecido como Bill Gates, é um magnata, empresário, diretor executivo, investidor, filantropo e autor americano, que ficou conhecido por fundar, junto com Paul Allen, a Microsoft, a maior e mais conhecida empresa de *software* do mundo. Atualmente atua somente em projetos filantrópicos, incluindo financiamento de pesquisas na área da saúde, como vacinas, através

memória é atualizada, no caso de Bill Gates, especificamente em relação à produção de vacinas, já que ele tem uma fundação (a Fundação Bill and Melinda Gates) que sempre doa recursos à área da saúde e às pesquisas sobre vacinas, como ocorreu no surto da H1N1, em 2018, e, mais recentemente, na pandemia do novo coronavírus, quando a fundação de Bill Gates também financiou pesquisas e o desenvolvimento de vacinas⁵⁵.

A SD7, ao discursivizar que a vacina é de Bill Gates, atualiza a memória de que Gates tem a pretensão de dominar e controlar as pessoas, como podemos observar na SD7 na passagem “*Olha ai o Nano-Chip que virá misturado na vacina da China, engana-se lá em qual mais quiseram vacinas do Bill Gates, depois que isto estiver me seu organismo você nunca mais será livre, nunca mais mesmo, eles te controlarão...*”. Ou seja, no discurso, a ideologia do discurso *fake* interpela os indivíduos a assumirem uma posição-sujeito de rejeição à vacina, pelo efeito do medo. Para Cortes (2015), “Na perspectiva da AD, o medo pode ser considerado como uma construção discursiva, na qual subjaz a ideologia da dominação” (CORTES, 2015, p. 195). Isto posto, a autora afirma que o medo social pode ser usado com o intuito de estratégia de marketing para induzir as pessoas à adesão aos interesses de determinada pessoa ou grupos. Como observamos na materialidade apresentada, a construção da postagem gira em torno de uma teoria da conspiração, marcado ideologicamente pelo discurso antivacina e anticomunista: que a vacina é chinesa; que é de Bill Gates; que vai controlar as pessoas; que causa doenças; entre outras coisas, que geram no leitor/internauta uma histeria, de maneira que decide por não se vacinar e também a ser um disseminador do discurso *fake*.

Verificamos a relação entre língua e ideologia e como essa relação produz sentidos por e para sujeitos (PÊCHEUX, 1995). Desse modo, o sujeito não é a origem do sentido, mas é interpelado pela ideologia e por uma rede de memória, a partir de uma formação discursiva dada, dentro de uma conjuntura social e histórica dada, que determina o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1995), e leva o sujeito a se posicionar discursivamente.

A posição-sujeito de rejeição à vacina funciona pelo efeito ideológico do medo. Todavia, é importante destacar as determinações ideológicas regidas por interesses econômicos e políticos na circulação massiva de *fake news* sobre as vacinas de imunização contra a Covid-

de sua fundação Bill & Melinda Gates Foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bill_Gates. Acesso em: 01 mar. 2023.

⁵⁵ Essas teorias vão sendo reaproveitadas e repaginadas sempre que há algum tema em evidência, como ocorreu com a Pandemia do novo coronavírus em 2020. Surgiram/surgem principalmente dos movimentos antivacinas dos EUA e são disseminados para outros países, inclusive no Brasil. Embora o movimento antivacina não seja tão forte no Brasil, o Ministério da Saúde confirma queda na imunização por vacinas de várias doenças.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48695113>. Acesso em: 01 mar. 2023.

19. Silva e Duque (2019, p. 247) pontuam que as estratégias de manipulação das massas são “mais frequentes no ambiente das redes sociais por sua atual popularidade, seu alcance quantitativo e sua essência multimodal, o que permite uma certa facilidade para o manipulador”. No jogo discursivo das redes sociais, o internauta, constantemente interpelado pela ideologia, ocupa uma posição-sujeito de anuência ao discurso *fake*, e sofre a ilusão de que é dono e senhor do seu pensar, do seu dizer, do seu digitar.

O discurso contrário às vacinas sofre determinações do discurso político, em especial formação ideológica da direita política brasileira⁵⁶. O discurso governista federal funcionou contrariamente às medidas preconizadas pelas instituições de saúde. O então chefe do executivo brasileiro, Jair Bolsonaro, assumia uma posição-sujeito contrária às vacinas, ao negar sua eficiência e ironizar seus efeitos.

Diante disso, o discurso da conspiração de dominação chinesa comunista e o medo dos imunizantes foi ganhando força. Esse posicionamento do governo federal produziu efeitos de aversão às vacinas por uma parte da população, trazendo prejuízo no combate ao vírus, visto que a força do lugar social de Presidente da República produz efeitos de legitimidade ao discurso.

No que se refere aos interesses econômicos⁵⁷, cabe ressaltar que a maioria dos canais de comunicação da *internet*, como as redes sociais, são monetizados, ou seja, há publicidade junto às postagens, que geram lucros para a conta/perfil e/ou para a própria rede. Assim, o poder financeiro alavanca e potencializa as visualizações e compartilhamentos do discurso *fake news*. Há, portanto, financiamento de grupos que têm interesses em disseminar *fake news* sobre determinado assunto. Outro fator importante é o uso de algoritmos pelas plataformas digitais. Os algoritmos são responsáveis por identificar publicações relevantes para serem repetidas e são usados para induzir o usuário, inconscientemente, a consumir determinado assunto ou publicidade, com o intuito de manipulação dos internautas, com fins financeiros e ideológicos.

Desse modo, na SD7 funcionam efeitos discursivos contrários à vacina, sendo esta discursivizada como uma prática que só traz malefícios; o enunciador assume uma posição-sujeito negacionista da ciência e das instituições de saúde.

Na SD7, podemos averiguar a força do digital, caracterizado pela circulação e repercussão da postagem, visto que teve mais 90 comentários e mais 450 compartilhamentos, além da presença de *emotions* com expressão de medo e assombração. Conforme Dias (2018),

⁵⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56160026>. Acesso em: 01 mar. 2023.

⁵⁷ Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/alta-lucratividade-e-o-que-mantem-o-mercado-digital-de-fake-news/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

no discurso virtual tudo produz sentido, que perpassa o processo de constituição, formulação e circulação de sentidos no digital. Na SD7, o sentido de legitimidade e veracidade do discurso fake se reforça pelos recursos da língua digital, considerados gestos de interpretação, em especial pelos compartilhamentos, *emotions* e comentários.

Da materialidade em análise, destacamos dois comentários, a saber: “*Bill Gates está por trás de quatro laboratórios diferentes. Não temos escolha, o de Oxford também*”. Esse primeiro estabelece relação parafrástica com o discurso da SD7, ao manter o mesmo sentido de medo, teoria da conspiração; assim, o internauta, enunciador do primeiro comentário se identifica com os sentidos de que a vacina é prejudicial às pessoas, ao assumir a posição-sujeito de adesão ao discurso *fake news*. Acerca da adesão ao discurso *fake*, Cortes (2022) argumenta que o digital “é um ambiente favorável à (re)produção do efeito de crença em uma suposta realidade e verdade que sustentam a produção e (multi)replicação dos discursos *fakes*” (CORTES, 2022, p. 245). É, portanto, pelo efeito de crença no discurso que as *fake news* se multiplicam nas redes.

O segundo comentário, por sua vez, estabelece uma relação polissêmica, pois instaura um efeito de sentido de resistência, de confronto, pelo efeito da ironia: “*Gente em que planeta vocês vivem que acreditam nessas coisas bizarras*”. O sujeito revela, assim, uma postura cínica e irônica do sujeito do discurso em relação à implantação de um nano-chip através da vacina chinesa.

Orlandi (2012, p. 26) estabelece que a ironia é um discurso com funcionamento específico que “incorpora a menção ecoica que mostra, com sua forma própria e específica, a relação entre o mesmo e o diferente, o fixado e o possível”. Ou seja, pela ironia produz efeitos de deslizamentos de sentidos. Orlandi (2012, p. 14) postula que “o alvo da ironia é aquilo a que ela faz eco”. Isto posto, a autora traz a ironia numa relação de sentido já estabilizado no interdiscurso e os sentidos equívocos expressos na formulação, na base do intradiscurso. Desse modo, a ironia faz ecoar os discursos já instituídos (pré-construídos), instaurados pelo efeito de memória, “no entanto, o eco não é, pois, mera repetição. É, sobretudo, diferença, discordância, dissonância” (ORLANDI, 2012, p. 14).

O sujeito ao discursivizar “*Gente em que planeta vocês vivem que acreditam nessas coisas bizarras*” ironicamente, faz ecoar um efeito sentido de sentido de que as pessoas que acreditam mesmo na existência de um nano-chip na vacina de Bill Gates estão “loucas”, que estão fora da realidade, que vivem em outro planeta. Ou seja, o sarcasmo⁵⁸ inscrito no segundo

⁵⁸ Segundo Benetti, existem quatro modos de expressar ironia: a antífrase, a sarcasmo, a parêmia e o eufemismo. Segundo o autor, o sarcasmo se configura como uma ironia desqualificadora, ofensiva e/ou

comentário, produzido pela ironia, funciona com efeito de confronto com o discurso *fake news*, defendido na SD7 e, por conseguinte, se posiciona a favor da vacina e da ciência.

Dessa forma, no segundo comentário temos um movimento em direção à posição-sujeito de resistência ao discurso *fake news*, através da ironia. A esse respeito, Orlandi (2012) pontua que a ironia funciona como prática ideológica, determinada pelas formações ideológicas e discursivas em que o sujeito está inserido e se posiciona a partir disso. O enunciador do segundo comentário não se identifica com a posição-sujeito em funcionamento na SD7, pois se contrapõe ao primeiro comentário; assim, ocupa uma posição-sujeito a favor das vacinas, sejam elas fabricadas por quaisquer laboratórios.

A seguir, na Figura 8, veremos mais uma sequência discursiva (SD8) do nosso *corpus*:

Figura 8 – SD8: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”



Fonte: Site “Lupa”. Publicado em 29 de julho de 2020.⁵⁹

Nessa sequência discursiva, coletada do *site* de checagem de *fake news* “Aos Fatos”, temos um post que também circulou por redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e outras, e que produz o efeito de sentido de deslegitimação de uma vacina que combate a Covid-19, mais especificamente a CoronaVac, desenvolvida pela Sinovac Biotech da China.

injuriosa: “se constrói de modo mais explícito, é sempre um deboche altamente crítico” (BENETTI, 2007, p. 40).

⁵⁹ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-coronavac-usa-celulas-de-bebes-abortados/>. Acesso em: 05 maio 2022.

Esse post circulou pelas redes sociais no ano de 2020 e traz as seguintes formulações, conforme transcrevemos:

Células de bebês abortados são utilizadas para produção de vacina chinesa. Será que o Doria vai revelar isso em suas coletivas de imprensa?
VemPraDireitaFloripa (bandeira do Brasil à direita”)
CÉLULAS DE BEBÊS ABORTADOS SÃO UTILIZADAS NA PRODUÇÃO DE VACINA CHINESA/Via AlexandreBrasil/A China é o único país do mundo que usa esse procedimento com fetos abortados e doados para as cirurgias. O aborto é permitido na China. (bandeira da China)
 O Brasil que nesse momento está refém dos super poderes de prefeitos e governadores concedidos pelo STF, vem sendo destruído economicamente para ser entregue a preço de banana ao Partido Comunista Chinês
 Em Florianópolis-SC, percebemos que além das pessoas ideologicamente doutrinadas pela esquerda, existe uma larga faixa da população ligado ao funcionalismo público defendendo atitudes do prefeito Gean Laurentino e nosso governador Carlos Moisés felizmente não são maioria e haverá uma forte resposta nas próximas eleições que se aproximam.

O post, divulgado em várias mídias digitais, tem como título: “*Células de bebês abortados são utilizados para produção de vacina chinesa*”. Ao fundo do título, consta uma imagem do então governador de São Paulo, João Doria⁶⁰, segurando uma injeção, com um líquido vermelho e com uma bandeira da China em cada olho. O post ainda traz a inscrição “*VemPraDireitaFloripa*”.

Ao lado da imagem temos pequenos textos que materializam algumas discursividades sobre a vacina, com forte atravessamento do discurso político direitista, já que associa as vacinas a supostos interesses econômicos obscuros da esquerda brasileira, na condução da pandemia. A postagem se assemelha a uma reportagem ou até mesmo uma capa de revista e, com isso, aciona a memória do discurso jornalístico, como fonte de dizeres confiáveis. Ou seja, o discurso *fake news* busca ganhar legitimidade e credibilidade pelo efeito do imaginário de respeitabilidade do discurso jornalístico.

⁶⁰ O governador de São Paulo, João Doria, foi o primeiro governante a comprar doses da vacina *Coronavac*, mesmo o imunizante em fase final para aprovação pela ANVISA. Após aprovada pela ANVISA, em janeiro de 2021, a primeira dose do imunizante foi aplicada em uma enfermeira e transmitido, ao vivo, em rede nacional. Na época instaurou vários embates políticos entre o governador e o então presidente da República, que, inicialmente, se mostrou contrário à compra da vacina *Coronavac*, devido ser de origem chinesa. A compra de doses da vacina *Coronavac*, pelo governo federal, só ocorreu três meses após, o que causou um enorme atraso na imunização da população. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/no-alvo-de-guerra-da-vacina-entre-bolsonaro-e-doria-1o-lote-de-coronavac-chega-ao-brasil.shtml>. Acesso em: 05 abr. 2023.

Todo discurso é atravessado pela ideologia. Em conformidade com Pêcheux (1995), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito e, simultaneamente, o sujeito é ‘produzido como causa de si’” (PÊCHEUX, 1995, p. 261). Na SD8 percebemos que a ideologia do discurso direitista interpela os internautas em sujeitos defensores de *fake news* – como podemos perceber em “*VempraDireitaFloripa*” – sob determinações de uma posição-sujeito negacionista, já em funcionamento no discurso governista em vigência no período pandêmico. Assim, o discurso inscrito na SD8, assim como o discurso de *fake news* sobre a questão das vacinas, no combate ao novo corona vírus, filia-se à formação discursiva (FD) da Direita Brasileira.

A respeito das FDs, Orlandi pontua que:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (ORLANDI, 1999, p. 43).

Dessa forma, o discurso das *fake news* sobre o combate à Covid-19 se inscreve nas imagens e nas formulações linguísticas, como mostram as SDs apresentadas. Nesse processo, é fundamental o trabalho da ideologia na circulação dos discursos *fakes* nas redes digitais e sociais. É sabido que os discursos se inscrevem numa relação de ideologia e poder. Com o advento da *internet* e sua consolidação como aparato “quase” indispensável para a sociedade contemporânea, não podemos deixar de pensar a *internet*, bem como as mídias digitais, como um aparelho de interpelação ideológica. Sobre esse processo, Cortes (2022) defende que o internauta quando interpelado pela ideologia pode se enredar e se tornar prisioneiro das *fake news*, bem como se tornar “viciado” em notícias falsas. Nesse sentido, a autora explica que “havendo a adesão ao efeito-leitor sentidos-triturados, o internauta pode também ocupar a posição-sujeito de máquina reprodutora dos discursos *fakes*, pelos gestos de compartilhamento efetuados” (CORTES, 2022, p. 255).

De acordo com Cortes (2022), esse internauta divulgador das *fake news* se envereda em um redemoinho de notícias falsas que circulam nas mídias digitais, sendo essas materialidades

digitais movidas pela “língua de vento digital”, ‘que faz circular/arrastar’ as *fake news* de forma muito veloz, impulsionadas pelo efeito-leitor sentidos-triturados, sem peso, que se sustenta pelo efeito de crença e de verdade” (CORTES, 2022, p. 256). Dessa forma, o sujeito, quando afetado pela “língua de vento digital”, passa a ser um disseminador dos discursos das *fake news*.

No jogo discursivo das *fake news* há determinações de interesses financeiros, considerando as relações de poder. O discurso materializado na rede funciona sob o efeito da dispersão, sendo difícil de exercer o controle sobre a circulação. Desse modo, a viralização se dá pelos compartilhamentos⁶¹ e produz efeito de engajamento pela subjetivação dos internautas no processo discursivo. Segundo Cortes (2022), “Nesse processo, o internauta é interpelado ideologicamente a ‘cair’ nas redes, visualizar a postagem, curtir, registrar seu ‘like’ e, em seguida, compartilhar o link, que pode viralizar nas redes, pela circulação massiva” (CORTES, 2022, p. 244). No caso das *fake news*, o internauta é interpelado em um jogo de manipulação ideológica para aderir ao discurso, e quando se identifica com a FD do discurso *fake*, passa a ser também um reproduzidor desse discurso.

Assim, o discurso *fake news* discursiviza as vacinas com sentidos de malefícios advindos de uma suposta conspiração da esquerda “comunista”, como podemos notar nas SDs em pauta.

Na SD8 temos o atravessamento da memória sobre a criminalização do aborto, que é associada à fórmula da vacina. Esta é uma estratégia de interpelação ideológica, que visa convencer os indivíduos à adesão de uma posição-sujeito antivacina e anticiência. O enunciado “*a China é o único país do mundo que usa esse procedimento com fetos abortados...O aborto é permitido na China*” produz sentidos de que a produção da vacina chinesa é criminosa, pois atualiza um pré-construído do aborto como crime contra inocentes. Funciona no discurso um efeito de apelo sentimental (SD2), com uma posição-sujeito de repúdio à vacina, a exemplo da formulação: “*a China é o único país do mundo que usa esse procedimento com fetos abortados...*” Na SD8, o discurso convoca a memória do aborto como um crime contra vidas inocentes e indefesas, e assim produz-se o efeito de legitimidade e verdade ao discurso *fake*, sendo a vacina também discursivizada como criminosa e, portanto, deve ser rejeitada. Dessa maneira, o discurso funciona com a posição-sujeito de rejeição às vacinas, com efeitos de que

⁶¹ Segundo o site “Aos Fatos”, a peça de desinformação conta com ao menos 21.300 compartilhamentos somente na rede social *Facebook*, além das outras mídias digitais.

estas são tão criminosas quanto o aborto. São sentidos determinados ideologicamente pela FD direitista, com interesses políticos.

Na SD8, em uma formulação inscrita à direita da imagem, temos o dito que, na pandemia a esquerda vai entregar o país “*a preço de banana ao Partido Comunista Chinês*”, e que em Florianópolis as pessoas estavam sendo “*doutrinadas ideologicamente pela Esquerda...*”. Na imagem, temos a presença das bandeiras da China nos olhos do então governador Doria. Como já ressaltado, o discurso fake funciona sob determinações ideológicas da FD direitista brasileira. O discurso atualiza a memória da ameaça comunista, um já dito do discurso militarista ditatorial, com interesses políticos, conforme a formulação: “*haverá uma forte resposta nas próximas eleições que se aproximam*”. O trabalho de Santos e Cortes (2019) mostra que o discurso da “ameaça comunista” se inscreve na FD militarista ditatorial; nesta perspectiva, a ditadura militar instaurada em 1964 seria a solução viável para tirar “o Brasil da corrupção daquela época, assim como da desordem, do desmando e do ‘comunismo’” (SANTOS; CORTES, 2019, p. 234). Essa memória foi retomada na atualidade com os pedidos de intervenção militar (SANTOS, R., 2020).

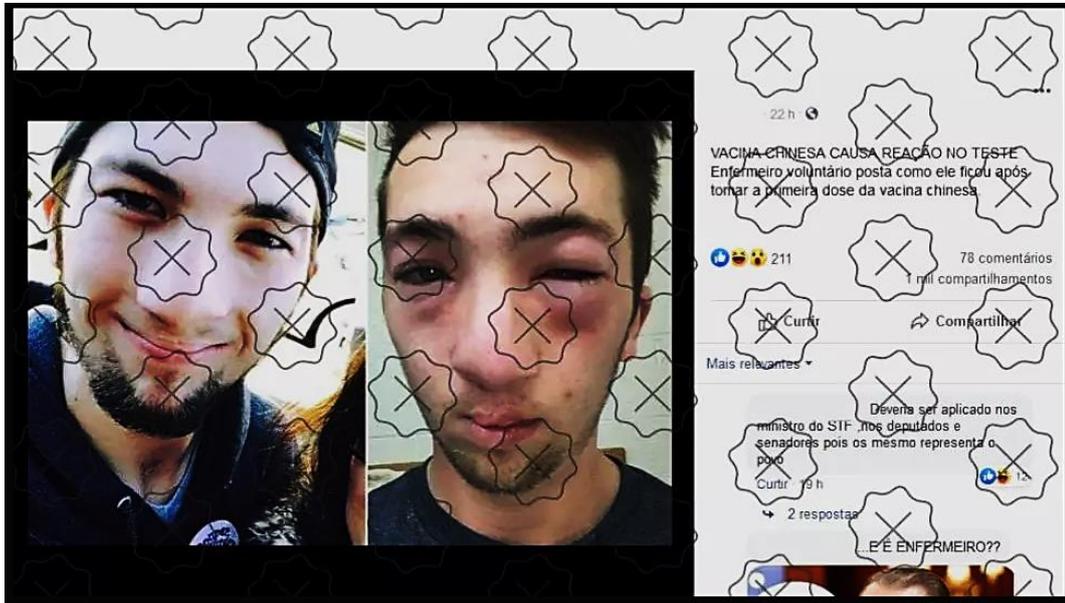
A pesquisa demonstrou que, durante a pandemia, funcionou no discurso das *fake news* uma memória de ameaça de uma possível dominação comunista mundial, sobretudo, com sentidos de uma suposta “conspiração comunista chinesa” que justificaria uma rejeição às vacinas importadas da China.

Assim, o discurso *fake* produz efeito de sentido de que a vacina seria uma manobra para a China dominar a economia mundial e implantar o regime comunista no Brasil, por isso deve ser rejeitada. O discurso das *fake news* é afetado por pré-construídos do discurso anticomunista que já funcionam no interdiscurso e, assim, determina sentidos de “comunista” também para as vacinas, com fins políticos. De acordo com Pêcheux ([1975] 1995, p. 160), “o sentido não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Logo, a ideologia da direita política brasileira determina uma posição-sujeito dominante no discurso *fake*, qual seja, o negacionismo à letalidade da Covid-19, como também o negacionismo à eficácia das vacinas.

Os efeitos de memórias funcionam com sentidos de legitimação ao discurso das *fake news*, como vimos na SD8. Segundo Courtine (2009), a memória é regrada por aparelhos ideológicos; no discurso em pauta, temos a interpelação ideológica em funcionamento na mídia digital, na busca pela adesão à posição-sujeito de antivacina, que trouxe prejuízos à saúde pública.

Na SD9, a seguir, temos uma materialidade coletada do site “LUPA”, agência de checagem de *fake news*. Vejamos a Figura 9:

Figura 9 – SD9: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”



Fonte: Site “LUPA”. Publicado em 28 de julho de 2020.⁶²

Nessa postagem (SD9), que também circulou por redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* e outras, também temos a produção do efeito de sentido de descrédito e deslegitimação da vacina chinesa na imunização da população contra a Covid-19. Transcreveremos a postagem: “*VACINA-CHINESA CAUSA REAÇÃO NO TESTE. Enfermeiro voluntário posta como ele ficou após tomar a primeira dose da vacina chinesa*”.

O post, divulgado em várias mídias digitais, traz duas imagens de um jovem, uma ao lado da outra, com o antes e o depois de ser vacinado. Na primeira imagem vemos o jovem sorridente e na segunda o mesmo jovem está com o rosto completamente deformado, com os olhos inchados, como causa da reação à vacina chinesa contra a Covid-19. A SD9 traz ainda os seguintes comentários de internautas, apresentados no Quadro 5, seguinte:

Quadro 5 – Comentários que compõem a SD9

C1	“Deveriam ser aplicado nos ministros do STF, no deputados e senadores pois os mesmos representam o povo”.
C2	E É ENFERMEIRO??”

Fonte: Dados da pesquisa.

⁶² Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-homem-com-rosto-inchado-nao-retrata-efeito-colateral-da-coronavac/>. Acesso em: 05 maio 2022.

Tanto os recursos linguísticos, como os imagéticos produzem efeitos de sentido de apelo emocional e sensibilização, na interpelação do internauta em sujeito de rejeição à vacina contra a Covid-19. O discurso *fake news* funciona pelo efeito de crença no dito, pelo trabalho da ideologia.

Sobre o efeito de crença, Kalil Filho (2019) pontua que:

As *fake news* valem-se da certeza, mas, sobretudo, da probabilidade e da incerteza para engendrar o fazer interpretativo do enunciatário. Dado que o sujeito contemporâneo não parece se preocupar em checar as informações que consome, a assunção da verdade não depende apenas da certeza, mas pode se dar também por meio da probabilidade e da incerteza (KALIL FILHO, 2019, p. 212).

Dessa forma, o discurso das *fake news* se alimenta dessa postura do internauta que não tritura o texto (CORTES, 2022). Segundo a autora, o leitor de *fake news* não pratica a leitura trituração, conforme destaca Pêcheux (1990), mas é triturado, por não questionar a veracidade do conteúdo das redes.

Na SD9, temos o funcionamento do discurso *fake* materializado também nas imagens do enfermeiro, sendo uma imagem ao lado da outra, com a aparência antes da vacina, com o rosto saudável sorridente; na outra imagem, temos a exibição de um rosto inchado e deformado, com o enunciado linguístico: “VACINA CHINESA CAUSA REAÇÃO NO TESTE”. Assim, na SD8 temos efeito de sentido de que a vacina não somente é ineficaz no combate ao novo coronavírus, mas é nociva à saúde e não deveria ser usada.

Assim como nas duas SDs anteriores, na SD9 o termo *chinesa* funciona como um adjetivo ruim e é empregado de forma pejorativa e também atualiza a memória do discurso anticomunista, sustentada pela repetibilidade do dito; vemos o funcionamento de um discurso que se filia à FD de direita, que repudia a vacina chinesa, pois essa faria parte de um plano Comunista Chinês de destruir a economia brasileira. Tal posicionamento é afetado pela projeção imaginária de conspiração da Esquerda Comunista em controlar a economia brasileira. Ou seja, os sentidos sofrem determinações ideológicas das formações imaginárias, as quais, de acordo com Pêcheux (2010), são da ordem do interdiscurso, afetadas pela memória, trazem os “já ditos”, os “pré-construídos”, esquecidos por suas ausências. Nas palavras do autor, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2010, p. 81). Ou seja, as imagens dos sujeitos são projetadas no discurso e também afetadas pela exterioridade.

Dessa forma, o discurso da ameaça comunista produz efeito de sentido de descrédito e rejeição à vacina chinesa, uma posição-sujeito já assumida pelo então Presidente da República, como observamos em um pronunciamento feito em 10 de novembro de 2020, com ampla repercussão nas mídias digitais. Sigamos, então, para próxima SD – SD10.

Na Figura 10, seguinte, expomos a SD10, constituída de um print do *Facebook* do jornal “El Pais Brasil”:

Figura 10 – SD10: Post veiculado na rede social *Facebook*



Fonte: *Facebook*. Publicado em 10 de novembro de 2020.⁶³

A postagem traz a seguinte formulação, transcrita adiante:

“Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”, escreveu o mandatário no Facebook, sem apresentar nenhuma prova de suas afirmações. Palavras que minam a tradicional confiança dos brasileiros na vacinação, mas colocam o assunto no centro do debate político.

Este pronunciamento foi feito nas redes sociais do então Presidente Jair Bolsonaro, por ocasião da suspensão dos testes da Coronavac para investigação de suposta morte de um

⁶³ Disponível em: <https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/3685932628133327/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

voluntário, embora posteriormente tenha sido comprovado que essa morte não teve nenhuma ligação com o teste da vacina⁶⁴.

Na SD10, o então presidente do Brasil assume uma posição-sujeito de aversão à vacina chinesa e produz um efeito de sentido de deboche: “*Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la*”, e de celebração pela suspensão de uma vacina que busca a cura para o vírus tão letal: “*Mais uma que Jair Bolsonaro ganha*”. O Presidente ao discursizar sobre a vacina, com efeitos de “*Morte, invalidez, anomalia*”, ocupa uma posição-sujeito de defensor do movimento antivacina e anticiência; assim, o discurso funciona com efeito de sentido de malefícios causados pelo imunizante. Além disso, funciona também o efeito de sentido de descredibilidade às instituições de saúde. Temos de ressaltar que o discurso enunciado a partir do lugar social de presidente da República tem efeito de força, credibilidade e legitimidade. Essas relações de força produzem efeitos de credibilidade ao discurso das *fake news* no que tange à rejeição às vacinas.

Percebemos, ainda, na SD em pauta, um embate político entre o então presidente e o governador João Doria: “*Esta é a vacina que o Doria queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la*”, o que denota interesses políticos, em um jogo de forças entre os dirigentes políticos, que só gerou prejuízos para o combate ao vírus.

Orlandi (2015) assevera que no processo discursivo sempre há uma relação de forças que determina o lugar de onde um sujeito fala e esse lugar o constitui seu dizer, “[...] Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno [...]” (ORLANDI, 2015, p. 45). Dessa forma, para a autora, a sociedade é constituída por relações hierarquizadas, relações de poder, que determinam a força do discurso. No que se refere à materialidade apresentada, não é um sujeito qualquer que enuncia, é o discurso do Presidente da República, que tem autoridade, tem força, tem legitimidade e, por isso, produz efeito de verdade e, com isso, gera a adesão dos sujeitos ao discurso.

O sentido de veracidade e de legitimidade desse discurso se instaura também pela formulação “*enfermeiro voluntário*”, que atualiza a memória da profissão de enfermeiro, um profissional da saúde com autoridade científica para falar. São efeitos de memória do lugar social de enfermeiro, e assim produz-se o efeito de sentido de confiança em seu discurso. Na SD9, percebemos a interpelação ideológica, a partir de recursos imagéticos e linguísticos, com

⁶⁴ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/psdb-bolsonaro-mort-voluntario-vacina-coronavac/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

o intuito de sensibilizar e, com isso, obter a adesão dos internautas à credibilidade do discurso da *fake news*. Por sua vez, esse efeito de credibilidade acelera a circulação desse discurso, como podemos notar nos mil compartilhamentos da postagem, que aqui são tomados como gestos de interpretação e tomadas de posição no discurso.

Na SD10, em análise, notamos que a postagem teve muito engajamento pela quantidade de emoticons (211), comentários (79) e compartilhamentos (1 mil). Esses gestos de interpretação também produzem efeito de sentido e podem instaurar a adesão ou não dos internautas ao discurso. Cortes (2022) menciona que o ato de compartilhar pode ser concebido como uma tomada de posição favorável ao sentido projetado pelo discurso. Nesse sentido, “o internauta pode também ocupar a posição-sujeito de máquina reprodutora dos discursos *fakes*, pelos gestos de compartilhamento efetuados” (CORTES, 2022, p. 255). Com isso, o sujeito, a partir da interpelação da ideologia, pode ocupar uma posição-sujeito de adesão e multiplicador do discurso *fake*.

Sobre esse processo de engajamento digital, Lacerda e Di Raimo (2019) postulam que:

Para uma visão discursiva, podemos dizer que se cria a evidência de que, se uma postagem é compartilhada por alguém com quem tenho “identificação”, ou se um post é favorável aos “meus” sentidos (sentimentos), então – e esse “então” é o momento da produção da evidência causal – isso faz sentido. Ressaltamos que não se trata somente de ser verdade ou mentira (uma discussão importante da qual não tomamos parte neste texto), mas de fazer ou não fazer sentido, ou seja, convocar o sujeito a ocupar esta ou aquela posição (LACERDA; DI RAIMO, 2019, p. 182).

A adesão à posição-sujeito de credibilidade às *fake news* resulta de determinações ideológicas, “A leitura de *fake news* é, então, um tipo de leitura que chamariamos de predisposta” (LACERDA; DI RAIMO, 2019, p. 182). O sujeito, ao ser interpelado pela ideologia, já afetado pelo efeito de crença que funciona na memória, pode se posicionar com respaldo ao efeito de veracidade do discurso *fake* ou pode confrontá-lo, o que instaura a resistência.

Dessa forma, como vimos, o discurso das *fake news* é construído a partir da junção de elementos verdadeiros e falsos, como citação de personalidades, profissionais, instituições, imagens que determinam credibilidade e legitimidade à mentira, na produção de um efeito de sentido de veracidade às notícias, postagens, reportagens. São modos de funcionamento da ideologia no espaço digital para interpelar o internauta em sujeito defensor do discurso das *fake news*, como buscamos demonstrar nas sequências discursivas apresentadas.

Vimos que o discurso das *fake news* funciona com sentidos de negação da eficácia do uso de máscaras e do isolamento social no combate à pandemia, produzindo efeitos de sentido de rejeição, desconfiança e descrédito às autoridades e instituições de saúde que preconizam essas recomendações.

As análises também mostram que o discurso das *fake news* funciona nas redes digitais e sociais, como um modo de interpelação ideológica e assim produzem efeito de verdade, no que tange à eficácia dos supostos medicamentos indicados, mesmo sem a devida comprovação científica quanto à eficácia no tratamento da doença. Por outro lado, produz o efeito de sentido de deslegitimação dos órgãos e autoridades da saúde que preconizaram que não existiam remédios no tratamento da Covid-19, com respaldos científicos.

Nas sequências discursivas analisadas, observamos o funcionamento da atualização da memória discursiva do senso comum, quanto às questões da saúde; ademais, o discurso mobiliza já ditos – materializados em jargões da medicina e de instituições de saúde – que conferem efeitos de credibilidade, autoridade e legitimidade ao discurso das *fake news*.

Verificamos, portanto, uma disputa de sentidos entre o discurso do senso comum e o discurso científico; o discurso das *fake news*, que determina ideologicamente o uso de remédios caseiros no tratamento da Covid-19, a ineficácia do uso da máscara e do isolamento social, funciona com uma posição-sujeito antagônica ao discurso científico, enquanto os pesquisadores, médicos e instituições de saúde sempre buscam expor a verdade e as evidências científicas, ao mostrar a ineficácia dessas medidas para a prevenção e combate ao novo Coronavírus.

Nessa trama, o discurso digital, sobretudo pela força da sua circulação, também reforça os efeitos de legitimidade do discurso das *fake news*, cujos sentidos são determinados ideologicamente, tendo em conta o jogo de interesses que movem a produção desses discursos. Não obstante, os sentidos sempre escapam e podem ser outros; e assim, se instaura o confronto discursivo também em alguns comentários de internautas, bem como no discurso jornalístico das agências de checagem de notícias, como a resistência ao discurso das *fake news*.

No entanto, a equivocidade instaura-se no discurso pelo viés do discurso científico, aliado ao discurso jornalístico de investigação, através da atuação das agências de checagem, nos quais funcionam uma posição-sujeito de combate às *fake news*, com a resistência às notícias falsas, pela exposição da verdade científica. Todavia, algumas postagens continuam a circular,

principalmente pelo aplicativo *WhatsApp*⁶⁵, que consegue espalhar as *fake news* com bastante celeridade e força e possui maior dificuldade de controle.

Na próxima subseção, daremos continuidade às nossas análises, com base em materialidades do discurso *fake news* em circulação nos anos de 2021 e 2022⁶⁶.

3.2 O discurso fake news sob o jogo de forças na rede: entre os efeitos de veracidade, a dominação e a resistência

Vejam, a seguir, mais um recorte de SDs (11 a 14) para a continuidade dos nossos gestos de interpretação.

3.2.1 RECORTE III – SDS 11 a 14

O terceiro recorte é composto por quatro sequências discursivas (SDs), coletadas dos *sites* das agências de checagem de notícias “Aos Fatos”, “LUPA” e “Fato ou Fake”, que se dedicam ao monitoramento e à checagem de notícias falsas que circulam nas mídias digitais e em *sites* de jornais eletrônicos de grande circulação⁶⁷. A coleta se deu através de *print screen* (captura de tela).

As postagens, seladas como *fake news*, foram publicadas nos anos de 2021 e 2022, e circularam nas redes sociais *Facebook*, *Youtube*, *Twitter* e *WhatsApp*; materializam o discurso sobre os imunizantes que estavam sendo disponibilizados à população contra a Covid-19 e os possíveis efeitos colaterais advindos deles.

⁶⁵ O *WhatsApp* consiste em uma rede mais difícil de controlar, posto que é uma rede social em que o sujeito é o responsável por produzir e fazer circular discursos – muitas vezes sem a devida verificação de sua veracidade – e, desse modo, uma notícia falsa volta a circular pelas mídias digitais, tendo em vista seu efeito de verdade instaurado pelo compartilhamento por um sujeito confiável. Outro aspecto negativo dessa rede digital é que um indivíduo que utiliza apenas o *WhatsApp* como canal de comunicação e está inserido em uma rede de pessoas com pensamentos comuns aos seus dificilmente receberá a checagem feita pelas agências de checagem.

⁶⁶ Importante destacar que o número de *fake news* nesse período não foi tão intenso como em 2020, ano mais crítico da pandemia, mas, ainda assim, continuou sendo produzida em 2021 e 2022, com circulação nas redes sociais.

⁶⁷ É válido ressaltar que uma *fake news* não fica restrita somente em sua rede social. Geralmente uma mesma *fake news* circula por todas as redes sociais e, quando carimbadas como falsas, circula nos sites de checagem de notícias e também na maioria dos sites de notoriedade social (como os apresentados em algumas SDs), na aba de checagem de notícias.

A seguir, apresentamos duas SDs coletadas dos *sites* “Fato ou Fake”, uma SD coletada do *site* “Aos Fatos” e uma SD coletada do *site* da agência “LUPA”. A Figura 11, adiante, ilustra a primeira SD do bloco Recorte III:

Figura 11 – SD11: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Fato ou Fake”/G1



Fonte: Site “Fato ou Fake”/G1. Publicado 16 de julho de 2021.⁶⁸

A postagem acima (Figura 11/SD11) foi veiculada na página “Fato ou Fake”/G1. Trata-se de um enunciado imagético e linguístico trazido na matéria jornalística intitulada “*É #FAKE que vacinas aprovadas contra Covid-19 contenham óxido de grafeno e possam tornar a pessoa magnetizada*”. A figura traz ao fundo a imagem daquilo que seria a observação microscópica da composição de uma vacina, com as formulações linguísticas: i) “MUESTRA VACUNA”, que, em espanhol, significa exatamente “amostra de vacina”; ii) “GRAFENO”, também grafado em caixa alta; e iii) “foi descoberto óxido de grafeno nas vacinas, o que torna o vacinado uma espécie de condutor”.

As duas primeiras formulações, associadas à imagem do que seria a observação microscópica de uma amostra de vacina, produzem o efeito de sentido de que, visivelmente, poderia ser identificada a presença de grafeno na composição das vacinas, o que é reforçado pela terceira formulação linguística “foi descoberto óxido de grafeno nas vacinas, o que torna

⁶⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/07/16/e-fake-que-vacinas-aprovadas-contra-covid-19-contenham-oxido-de-grafeno-e-possam-tornar-a-pessoa-magnetizada.ghtml>. Acesso em: 22 jun. 2023.

o vacinado uma espécie de condutor”. E isso faria com que as pessoas imunizadas ficassem magnetizadas. Segundo a matéria divulgada na página “Fato ou Fake”, a notícia falsa em questão – que circulou por meio de textos e mensagens em redes sociais – trazia uma informação refutada pela universidade espanhola que a própria notícia falsa citava. Como já sinalizado, a citação de universidades, instituições de pesquisas científicas, sobretudo na área da saúde, são estratégias usadas para produzir efeitos de credibilidade e de veracidade no discurso *fake news*.

Assim, a formulação imagética e os três enunciados linguísticos, em conjunto, materializam o discurso *fake news*, com efeito de sentido de que as vacinas poderiam acarretar malefícios para o vacinado, que ficaria magnetizado pela presença do grafeno. Ademais, o discurso *fake news* acerca das vacinas, inscrito nas materialidades da SD11, em funcionamento nas mídias digitais, produz efeito de pânico na população, pelas falsas informações de supostas consequências negativas dos imunizantes para a saúde, agravando ainda mais a situação instaurada pela pandemia, que também afetou fortemente a saúde emocional da população. O discurso da SD11 funciona, portanto, com uma posição-sujeito negacionista da ciência, pois defende o movimento antivacina, ao levantar suspeitas quanto à sua segurança e suscitar a existência de possível perigo para aqueles que receberam o imunizante, medida fundamental para o enfrentamento da pandemia e redução das mortes. Temos, assim, efeitos parafrásticos em relação ao discurso *fake news* que circulou no ano de 2020.

Dadas as condições de produção e circulação dos discursos *fake news* em/nas redes digitais, a ideologia do negacionismo científico interpela o indivíduo internauta a assumir também essa posição-sujeito de descrédito na eficácia das vacinas, além de negar a recomendação de seu uso e, conseqüentemente, instaura o efeito de desconfiança nas instituições de saúde e nas pesquisas científicas sobre as vacinas contra a Covid-19.

Nessa perspectiva, efeitos de sentidos das *fake news* sobre as vacinas fortalecem o movimento antivacina, potencializado pelas condições de produção das mídias digitais, já discutidas ao longo desta pesquisa. Segundo a OMG, o movimento antivacina está entre as dez maiores ameaças à saúde global, pois faz circular os possíveis malefícios das vacinas, o que leva à adesão de muitas pessoas e impacta de forma negativa a saúde pública⁶⁹.

Ainda de acordo com a matéria jornalística da “Fato ou Fake”, os fabricantes das vacinas (Butantan, Pfizer, Fiocruz, Janssen) prestaram esclarecimentos, a fim de desfazer as informações da notícia falsa, pois afirmaram que o óxido de grafeno não faz parte da

⁶⁹ Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/33659>. Acesso em: 20 jul. 2023.

composição das vacinas. Ademais, a própria universidade espanhola, citada na formulação de *fake News*, também teria refutado a notícia falsa. E um especialista em aplicação de grafeno na engenharia biomédica, o Prof. Nirton Cristi Silva Vieira, do Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo (ICT/Unifesp), também reforçou as inverdades da publicação.

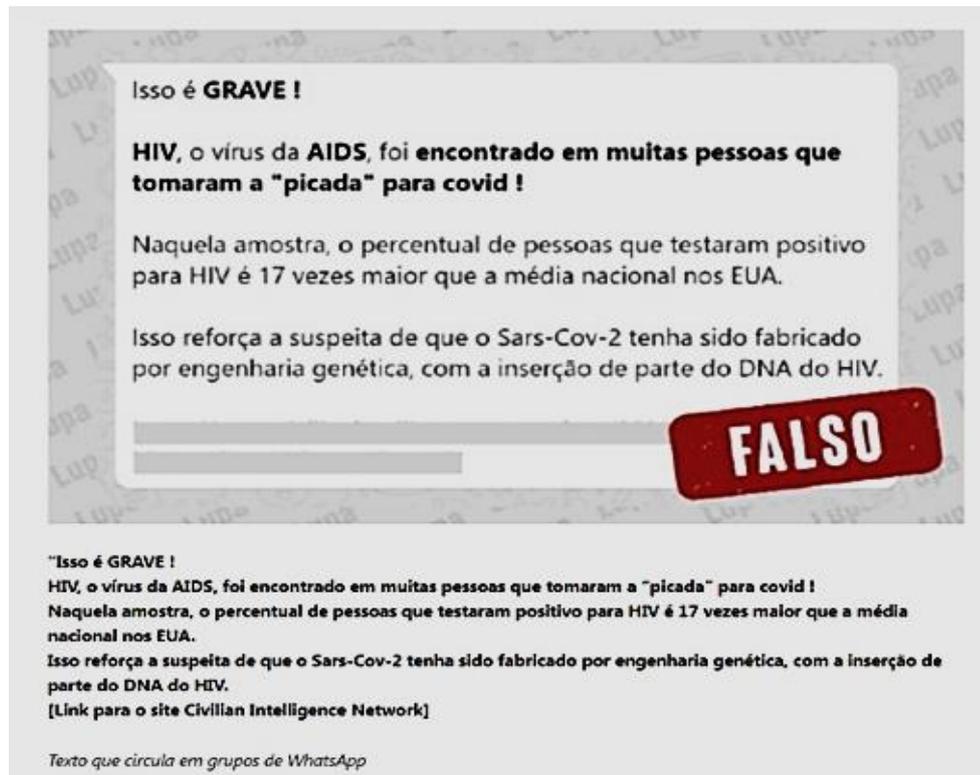
Nesse sentido, convém ressaltar que a construção discursiva das notícias falsas se dá a partir da associação com elementos verdadeiros. No caso da formulação da SD11, por exemplo, os especialistas afirmam que é possível sim que o grafeno seja usado na composição de uma vacina, ou seja, essa afirmação é verdadeira; mas isso não significa que ao se vacinar o grafeno tornaria a pessoa magnetizada, como sugere o discurso *fake* da SD11. Assim, o uso de uma informação verdadeira em junção com as informações falsas produz o efeito de verossimilhança e da torção discursiva, proposta por Indursky e Rodrigues (2020). Em suas palavras,

As fake news se instauram em função da memória fluida de quem as lê, por um lado e, por outro, elas jogam com funcionamentos discursivos como equívocos, deslizamentos de sentidos, efeitos de similitude, pré-construídos, discursos transversos que sustentam as falsificações e produzem efeitos de verdade. Para que as fake news “colem”, elas precisam soar verossímeis. Esse é seu ponto forte e, contraditoriamente, o ponto por onde o trabalho discursivo de interpretação pode iniciar. Vale dizer: a verossimilhança não garante a autenticidade da notícia (INDURSKY; RODRIGUES, 2020, p. 25).

Dessa forma, esse efeito de verossimilhança do discurso *fake* interpela o indivíduo a uma posição-sujeito de adesão ao movimento antivacinação, o que certamente prejudicou a imunização contra a Covid-19. Contudo, de acordo com a matéria jornalística veiculada na página “Fato ou Fake”, o Prof. Vieira teria explicado a esse respeito que o óxido de grafeno não pode tornar uma pessoa detectável, tampouco magnetizada. Isso porque o óxido de grafeno seria um material isolante, enquanto o grafeno puro, diferente de seu óxido, seria um condutor.

A seguir, ilustrada pela Figura 12, apresentamos mais uma sequência discursiva (SD12), constituída a partir de uma postagem publicada na página da agência de checagem “Lupa”, do Portal de Notícias “Uol”.

Figura 12 – SD12: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “LUPA”



Fonte: Site “LUPA”. Publicado em 28 de outubro de 2021.⁷⁰

O conteúdo da formulação acima (SD12) foi analisado pela agência “Lupa”, sendo constatado tratar-se de notícia falsa. Abaixo, registramos a transcrição da legenda:

Isso é GRAVE! HIV, o vírus da AIDS, foi encontrado em muitas pessoas que tomaram a “picada” para Covid! Naquela amostra, o percentual de pessoas que testaram positivo para HIV é 17 vezes maior que a média nacional nos EUA. Isso reforça a suspeita de que o Sars-Cov-2 tenha sido fabricado por engenharia genética, com a inserção de parte do DNA do HIV.

Esse mesmo texto se repete, grafado, logo abaixo, todo em negrito, acrescido de um link para o *site* “Civilian Intelligence Network” e da informação de que se trataria de um texto que circulou por grupos de *WhatsApp*.

Em matéria intitulada “*ESTUDO DO CDC NÃO RELACIONA TRANSMISSÃO DO HIV À VACINAÇÃO CONTRA COVID-19*”, a agência de verificação “Lupa”, do Portal de Notícias “Uol”, analisou a mensagem (SD12) – que teria circulado pelo *WhatsApp* – segundo a qual o vírus HIV teria sido encontrado em um percentual 17 vezes maior entre os que teriam sido

⁷⁰ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/10/28/verificamos-cdc-hiv-vacina-covid/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

vacinados contra a Covid-19; ou seja, nessa *fake news* o uso da vacina aumentaria as chances de contaminação e transmissão do vírus HIV, que causa a AIDS⁷¹.

Na versão do texto que se encontra no interior do balão de diálogo, os vocábulos “GRAVE!”, “HIV”, “AIDS”, estão em caixa alta e em negrito. Também a passagem “encontrado em muitas pessoas que tomaram a ‘picada’ para Covid” está em negrito. Tais estratégias, como o emprego de alguns estilos de fonte, a exemplo de caixa alta e negrito, são gestos de interpretação (DIAS, 2018), e podem conferir efeitos de sentidos ao discurso. No caso de notícias falsas, são recursos empregados para produzir o efeito de credibilidade à notícia e chamar a atenção do leitor, que é interpelado a assumir uma posição-sujeito antivacinação⁷² contra a Covid-19, como também contra outras doenças até então erradicadas no Brasil⁷³.

Sobre esse ponto, Indursky e Rodrigues asseveram que:

As *fake news*, sob o efeito da ideologia, ao mesmo tempo em que produzem uma falsificação, projetam sobre ela um imaginário efeito de verossimilhança. Esse é seu ponto fulcral. Esse efeito produz um rumor social muito intenso decorrente do impacto que elas causam (INDURSKY; RODRIGUES, 2020, p. 22).

Com isso, esse efeito de verossimilhança visa buscar a adesão dos internautas à posição-sujeito de anuência ao discurso *fake*. No caso da pandemia causada pelo novo coronavírus, a posição-sujeito antivacina e anticidência, a exemplo de não seguir as orientações e medidas das instituições de saúde, como temos mostrado aqui, certamente trouxe muitos prejuízos e mortes. Nessa direção, Cortes (2022) pontua que as mídias digitais funcionam como aparelhos ideológicos de inculcação de sentidos. E, no caso do aplicativo *WhatsApp*, esse efeito de inculcação é ainda mais intenso, tendo em vista a circulação massiva e as dificuldades de controle e fiscalização.

Segundo dados institucionais publicados pela empresa em seu site, o *WhatsApp* surgiu como alternativa ao SMS na interação entre os usuários de mensagens instantâneas, com ampla

⁷¹ De acordo com o site da Secretária de Saúde, resumidamente, a “Aids é a Síndrome da Imunodeficiência Humana, transmitida pelo vírus HIV, caracterizada pelo enfraquecimento do sistema de defesa do corpo e pelo aparecimento de doenças oportunistas”. Ou seja, esse vírus ataca o sistema imunológico, que é o responsável por defender o organismo de doenças. A Aids é o estágio mais avançado desta infecção, porque o vírus, ao destruir as células de defesa, deixa o organismo mais vulnerável a diversas doenças.

Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/hiv-e-aids/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

⁷² Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/02/22/pandemia-acentou-queda-de-vacinacao-no-brasil/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

⁷³ Disponível em: http://www.cofen.gov.br/taxa-de-vacinacao-infantil-cai-e-brasil-volta-a-patamar-de-1987_98834.html. Acesso em: 01 ago. 2023.

modernização e adição de novas ferramentas, como a disponibilização de várias mídias de interação e também aumento da privacidade dos usuários. Além disso, esse aplicativo é usado em 180 países, por cerca de dois milhões de pessoas. Quanto às informações do próprio aplicativo de mensagens:

Nosso produto agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de mídias: texto, fotos, vídeos, documentos e localização, assim como chamadas de voz. Alguns dos seus momentos mais pessoais são compartilhados por meio do WhatsApp, e é por isso que implementamos a criptografia de ponta a ponta em nosso app. Por trás de cada decisão de produto, existe nosso desejo de possibilitar que as pessoas se comuniquem em qualquer lugar do mundo sem barreiras (WHATSAPP, 2023)⁷⁴.

Na SD12, a materialidade discursiva foi supostamente disseminada em um grupo do aplicativo de interação *WhatsApp* que, dadas as condições de produção próprias desse espaço, se configura com intenso potencial de difusão e circulação de *fake news*, com bastante celeridade, e assim produz efeitos de confiabilidade, visto que os usuários de grupos desse aplicativo se filiam, geralmente, ao mesmo nicho de convívio e de afetividade, de modo que o efeito de credibilidade se intensifica no discurso *fake*. Soma-se a isso a dificuldade de se identificar e mensurar discursos de notícias e informações falsas propagados por esse aplicativo.

A esse respeito, Pereira e Coutinho (2022) informam que:

a principal potencialidade do *WhatsApp* está na rede de contatos que é estabelecida pelos usuários, que só receberiam mensagens de amigos ou familiares de forma individual ou em grupos, a empresa adotou a criptografia de ponta a ponta como forma de proteger seus usuários, impedindo que conversas sejam rastreadas, inclusive pela justiça (PEREIRA; COUTINHO, 2022, p. 3).

Assim, ao retomar o pensamento de Cortes (2022), podemos afirmar que o *WhatsApp* se torna um potente aparelho ideológico de inculcação de sentidos falsos.

A textualização do discurso *fake News* (SD12) e mais precisamente os elementos e recursos gramaticais que fazem funcionar o discurso que ela materializa visam produzir o efeito de crença na notícia falsa e, ao mesmo tempo, interpelar o internauta a uma posição-sujeito de desvalorização e descrédito das vacinas. Assim como na SD11, aqui também funciona o efeito de medo e terror quanto à vacinação, pelo efeito linguístico maximizado e potencializado pelo uso do negrito: “*naquela amostra, o percentual de pessoas que testaram positivo para HIV é*

⁷⁴ Disponível em: <https://www.whatsapp.com/about>. Acesso em: 12 ago. 2023.

17 vezes maior que a média nacional nos EUA” e “isso reforça a suspeita de que o Sars-Cov-2 tenha sido fabricado por engenharia genética, com a inserção de parte do DNA do HIV”.

Para Cortes (2015), o medo social é um efeito discursivo. A autora destaca o medo como construção discursiva que está sob o domínio da ideologia. Percebemos esse funcionamento do efeito do medo social com vistas à dominação, nas SDs analisadas, que produz sentidos de malefícios para as vacinas, a exemplo de implantação de chip e efeitos colaterais. Na SD12, a AIDS é associada à vacina, o que produz um efeito de sentido de inculcação de pavor, de terror, de medo na sociedade. Dessa forma, o efeito de medo no discurso *fake news* em pauta sofre determinações ideológicas, com fins de dominação.

O discurso com informação falsa, indicando um possível aumento de mais de 15% (quinze por cento) no número de infectados pelo HIV entre aqueles que teriam se vacinado contra a Covid-19, produz ainda sentidos de ameaça, pois a vacina em vez de ser um benefício necessário naquele momento trágico de pandemia passa a ser uma inimiga a ser combatida, enquanto o novo coronavírus é subestimado no discurso *fake news*.

Na percepção de Cortes (2022), o que determina o funcionamento do discurso *fake* são os interesses ideológicos, políticos e financeiros que vão reger o discurso de manipulação das informações para um determinado fim, ou seja, quanto mais acessos dos leitores, mais rende lucros, mais influência, seguidores, aos administradores. Segundo a autora, “Na desenfreada busca pelo engajamento das redes, com vistas ao lucro, instaura-se uma governança algorítmica” (CASTRO, 2021, p.92), ou seja, os algoritmos geram lucros que determinam os sentidos que irão circular nas redes, e assim, funciona o processo de interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos consumidores de *fake news*.

No discurso inscrito na SD12 também funciona outro dito falso, já em circulação no período da pandemia, segundo o qual o novo Coronavírus teria sido fabricado por engenharia genética, com a inserção de parte do DNA do HIV, e assim retoma uma memória discursiva de que o vírus causador da Covid-19 teria sido desenvolvido em laboratório⁷⁵, com parte do DNA do vírus da Aids.

No entanto, com fundamento em estudo produzido por cientistas do estado americano de Massachusetts e publicado em 6 de agosto de 2021 na Revista “Morbidity and Mortality Weekly Report”, editada pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), com o título *Outbreak of SARS-CoV-2 Infections, Including Covid-19 Vaccine*

⁷⁵ Disponível em: <https://www.bahia.fiocruz.br/novo-coronavirus-nao-foi-criado-em-laboratorio/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Breakthrough Infections, Associated with Large Public Gatherings, a agência “Lupa”, após verificar a notícia em questão, chegou à conclusão de que ela é falsa.

Pelo que consta da verificação promovida pela agência “Lupa”, o *site* canadense “Civillian Intelligence Network” teria apresentado uma interpretação enganosa do trabalho publicado pelo CDC⁷⁶. A informação verídica consiste no fato de que, em determinado trecho do artigo publicado pelo CDC, os cientistas informavam que, cruzando dados do sistema estadual de vigilância de HIV, teriam verificado que 30 dos 469 casos identificados de Covid-19, teriam sido entre pessoas já contaminadas pelo HIV, sendo que nenhuma delas teria tido a necessidade de ser hospitalizada, após o contágio com o SARS-Cov-2.

Trazendo esse dado de forma descontextualizada, o *site* canadense levantou a suspeita de que a vacina contra a Covid-19 seria responsável por disseminar o HIV, indicando uma suposta relação entre a imunização do novo Coronavírus e a transmissão do vírus da Aids. No entanto, de acordo com a verificação da agência “Lupa”, não existiria nenhuma base, seja no estudo realizado pelos pesquisadores de Massachusetts, seja na comunidade científica, de modo a tornar possível essa relação. Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), a informação verídica “teoricamente possível” é que as pessoas portadoras do HIV poderiam apresentar uma resposta de imunização mais fraca a partir da vacinação contra a Covid-19, o que poderia explicar a maior presença de pessoas vivendo com HIV entre os pesquisados no estudo publicado pelo CDC. Entretanto, a própria OMS afirma, segundo a “Lupa”, que ainda não haveria indícios suficientes para confirmar essa teoria, tendo o Ministério da Saúde do Brasil recomendado, de todo modo, ante essa possibilidade, a aplicação de uma dose de reforço para essa parcela da população⁷⁷.

As mídias digitais, sobretudo as redes sociais, propiciam fortemente a circulação de notícias falsas; e esse discurso *fake*, ao ser reinscrito como matéria de um jornal digital, é afetado pela memória de credibilidade já inscrita no discurso jornalístico, o que confere efeitos de legitimidade e de veracidade ao discurso. Desse modo, o internauta é afetado por essa memória e assim ocupa uma posição-sujeito de adesão ao discurso, ao receber as informações

⁷⁶ Segundo o site da Lupa, o estudo dos cientistas de Massachusetts, que avaliava os efeitos da realização de grandes eventos, entre 3 e 17 de julho de 2021, sobre a transmissão da Covid-19 em uma cidade, não teria estabelecido qualquer relação causal entre o HIV e a vacina contra a Covid-19, inclusive o estudo mostraria que parte dos participantes observados pelos pesquisadores já estava contaminada previamente pelo vírus HIV. Disponível em: <https://www-cdc-gov.translate.googleusercontent.com/translate/mw/volumes/70/wr/mm7031e2.htm?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc>. Acesso 04 de ago. 2023.

⁷⁷ Disponível em: <<https://unaid.org.br/2021/04/unaid-parabeniza-ministerio-da-saude-pela-decisao-de-incluir-pessoas-que-vivem-com-hiv-aids-no-grupo-prioritario-de-vacinacao-contra-a-covid-19/>>. Acesso 04 de ago. 2023.

e notícias falsas como verdadeiras. Nesse cenário, as condições de produção e de circulação próprias das mídias digitais, como celeridade e instantaneidade, possibilidades de compartilhamentos em massa, além de outros recursos, aceleram o funcionamento das redes de *fake news*, conseqüentemente produzem grandes prejuízos sociais e, na situação de pandemia, mortes e danos à saúde pública.

Na SD12, a comprovação de falsidade da notícia verificada pela agência “Lupa” foi marcada na postagem com a inserção do vocábulo “Falso” na imagem, em negrito e em caixa alta, em um quadrado retangular de fundo vermelho e em fonte branca, inserido sobre o balão de diálogo que traz a mensagem, a fim de atrair a atenção do interlocutor para a falsidade da notícia. Assim, o discurso jornalístico das agências de checagem instaura a resistência ao discurso de notícias falsas, através da (re)publicação – também nas redes sociais – das *fake news*, expondo o selo que comprova a manipulação dos sentidos falsificados.

Ainda a verificação da agência “Lupa” faz referência à falta de veracidade de informação que teria sido compartilhada pelo então Presidente da República, Jair Bolsonaro, no dia 21 de outubro de 2021, em sua transmissão semanal, sendo esse discurso do Presidente condenado por diversas entidades e especialistas, a exemplo do Comitê Extraordinário de Monitoramento da Covid da Associação Médica Brasileira (AMB), que classificou como “inaceitável” e “irresponsável” a relação feita pelo presidente, ante a possibilidade de serem ocasionadas mortes evitáveis entre os brasileiros acometidos de Covid-19 com a disseminação dessa *fake News*⁷⁸.

Nessa conjuntura de pandemia que envolveu os anos de 2020 a 2022, os efeitos negativos do discurso *fake news* na sociedade brasileira se agravaram, tendo em vista que o então Presidente da República, Jair Bolsonaro, assumiu publicamente uma posição-sujeito de descrédito e de rejeição à vacina com o fim de supostamente negar a gravidade da pandemia e justificar o retorno das atividades econômicas. Isso posto, vale ressaltar que o lugar social de Presidente da República não é um lugar qualquer, mas um lugar que produz efeito de sentido de força e persuasão. Orlandi (2003, p. 39), ao explicitar o funcionamento da noção de relação de forças, declara que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Assim, o lugar social de Presidente da República e a força política do cargo afetam consideravelmente o discurso e produzem efeitos de autoridade e legitimidade, portanto, geram uma força persuasiva de grande peso. No caso do então presidente Bolsonaro, tornou-se alvo

⁷⁸ Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2184-cns-repudia-falas-mentirosas-do-presidente-em-que-vacina-contra-covid-19-desenvolveria-hiv-aids>. Acesso em: 04 ago. 2023

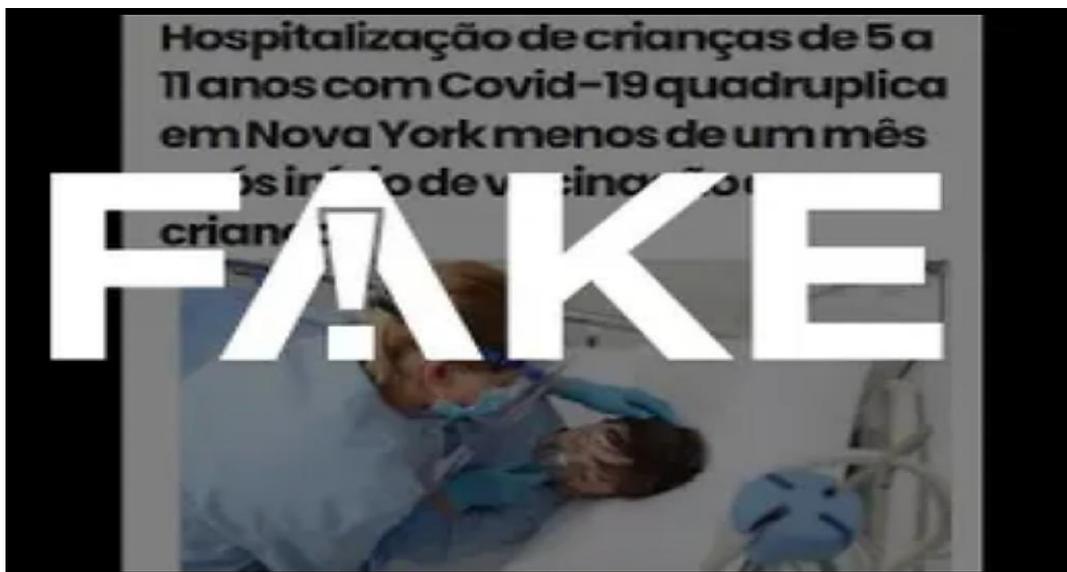
de um inquérito no Supremo Tribunal Federal (STF), por seu pronunciamento, que associou a vacina contra Covid-19 ao risco de se contrair o vírus HIV e desenvolver Aids⁷⁹.

As materialidades analisadas anteriormente foram veiculadas nas redes sociais, como *Instagram, Facebook, WhatsApp*, entre outras, no ano de 2021. Vale mencionar que *fake news* que tinha como objeto (supostos) fatos relacionados à pandemia da Covid-19 continuaram circulando por redes sociais e aplicativos de mensagens no ano seguinte e até mesmo nos dias atuais, visto que, pela força do discurso digital, uma mensagem ao viralizar dificilmente tem controle de propagação e de apagamento definitivo, por isso torna a circular⁸⁰.

Adiante, traremos mais duas sequências discursivas (SD13 e SD14), que consistem em notícias falsas postas em circulação no ano de 2022.

A SD13 (Figura 13) foi constituída a partir de uma matéria divulgada na página “Fato ou Fake”, do Portal de Notícias “G1”. Na matéria, a aludida agência de checagem afirma ser falsa a notícia de que o número de hospitalizações de crianças teria quadruplicado em Nova York (Estados Unidos) devido à vacinação contra a Covid-19. Vejamos:

Figura 13 – SD13: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Fato ou Fake”/G1



Fonte: Site “Fato ou Fake”/G1. Publicado 06 de janeiro de 2022.⁸¹

⁷⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito-no-stf-por-ligar-vacina-contracovid-a-aids/>. Acesso em: 04 ago. 2023

⁸⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/e-falso-que-vacinas-contragripe-e-covid-19-causem-doencas-ministerio-da-saude-alerta-sobre-noticias-mentirosas-contravacinacao>. Acesso em: 01 ago. 2023.

⁸¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2022/01/06/e-fake-que-numero-de-hospitalizacoes-de-criancas-quadruplicou-em-nova-york-por-cao-da-vacina-contracovid-19.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2023.

O site Fato ou Fake traz a publicação acima que circulou nas redes sociais e causou alvoroço até no *Twitter*, mesmo após checagem e comprovação como a notícia falsa. O post consiste de elementos imagéticos, além da seguinte formulação linguística: “*Hospitalização de crianças de 5 a 11 anos com Covid-19 quadriplica em Nova York menos de um mês após início de vacinação em crianças*”. Na sequência discursiva, de forma sobreposta, há, ainda, a imagem de uma criança aos cuidados de uma profissional de saúde, mediante a colocação de uma máscara de oxigênio, aparentando ter entre cinco e seis anos, supostamente hospitalizada, após ter recebido a vacina contra a Covid-19. Segundo o discurso *fake news* (SD13), a criança teria experimentado um aumento de internações por conta da vacinação, pois teria demonstrado estado grave de saúde.

A formulação da notícia falsa está em negrito e gravada com fonte de número alto, de modo a atrair a atenção do interlocutor. Busca sustentar um processo parafrástico discursivo com efeitos de descredibilização da vacina. E para reforçar o efeito de sentido de veracidade, aparece a imagem de um médico prestando cuidados à criança em leito hospitalar. São elementos da memória discursiva da saúde, a exemplo do profissional médico e do ambiente hospitalar, usados no discurso para conferir credibilidade ao discurso da *fake news*. Assim, o leitor, ao ser interpelado ideologicamente, pode aderir ao discurso falso, tendo-o como verdadeiro e assim, compartilhar nas redes, potencializando a circulação. A esse respeito, Cortes (2022) indica que o sujeito ideologicamente afetado pelo discurso da *fake news* não interpreta, não questiona, ou seja, não tritura os sentidos, sendo conduzido pelo outro a se identificar com esse discurso.

A ideologia negacionista da ciência, que determina o discurso inscrito na SD13, interpela o indivíduo em sujeito pelo efeito do apelo emocional; na busca de sensibilizar o leitor da notícia falsa, aciona a rede de memória da dor, angústia e desespero dos pais, principalmente, ao ver uma criança hospitalizada, com enfermidade grave.

No pensamento pecheuxiano, o conceito de memória aparece como o de estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida numa dialética da repetição e da regularização:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’, (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. [...] A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’ na leitura da sequência: estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro oculto? (PÊCHEUX, 1999, p. 51).

No caso do discurso das *fakes news*, os elementos pré-construídos, constituídos historicamente, são retomados em formas de variações e paráfrases para conferir sustentação dos sentidos.

No entanto, é também pela *internet* que surgiram as agências de checagem de notícias e, com isso, temos o gesto de resistência do discurso jornalístico ao discurso *fake news* em/nas materialidades analisadas nesta pesquisa. A marcação do caráter “falso” na publicação, pela inserção do vocábulo em inglês “FAKE”, escrito em caixa alta, em fonte na cor branca e com número maior que o da formulação da notícia falsa, com um ponto de exclamação sobre a letra “A”, sobreposto à imagem, produz efeito de urgência na divulgação do caráter inverídico da informação e da natureza falaciosa da notícia.

Nesse sentido, na SD13 funciona o discurso do movimento antivacinas e anticiência, que cresceu ainda mais na pandemia, conforme aponta pesquisa da FAPESP⁸². O discurso das *fake news* sobre vacinas produz efeitos de desinformação, confunde a população e produz muitos prejuízos sociais, em especial na saúde pública.

Desse modo, o discurso *fake news* materializado na SD13 mostra muito bem o potencial lesivo e os perigos da divulgação e compartilhamento de informações falsas, principalmente envolvendo eventos epidemiológicos e outros de natureza grave assemelhada. A falta de informação e, principalmente, a desinformação, certamente foi determinante para o agravamento do quadro de mortes e sequelas deixadas pela pandemia, tendo em vista a recusa da vacina, por alguns indivíduos, afetado pela ideologia de grupos contrários à vacinação. Ressaltamos ainda as sequelas da Covid-19 no tange ao aspecto físico, emocional e social, acrescidas pelos efeitos nocivos das *fake news* sobre o tratamento e combate ao vírus, o que trouxe sérios prejuízo à sociedade de modo geral, como já exaustivamente pontuado.

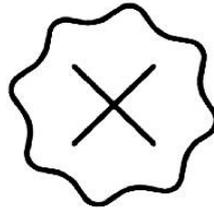
A próxima *fake news* analisada (SD14) foi coletada de uma publicação do *site* “Aos Fatos”. A publicação consiste em uma notícia – selada como falsa – segundo a qual a Rede Globo de Televisão⁸³ teria forjado cenas para enganar seu público, levando-o a acreditar que o

⁸² Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/pesquisadores-analisam-avanco-de-grupos-antivacina-em-plena-pandemia/34890/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

⁸³ Segundo o site do Grupo Globo, a Globo é o maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil. É “formado por um conjunto de empresas que cria, produz e distribui conteúdos de qualidade, em todas as plataformas. Sua produção nas áreas de Jornalismo, Esporte e Entretenimento atinge 99,6% da população e a programação de seus canais lineares fala com mais de 100 milhões de brasileiros todos os dias”. Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/#:~:text=Em%20janeiro%20de%202020%2C%20a,de%20produtos%20e%20servi%C3%A7os%20digitais>. Acesso em: 20 ago. 2023.

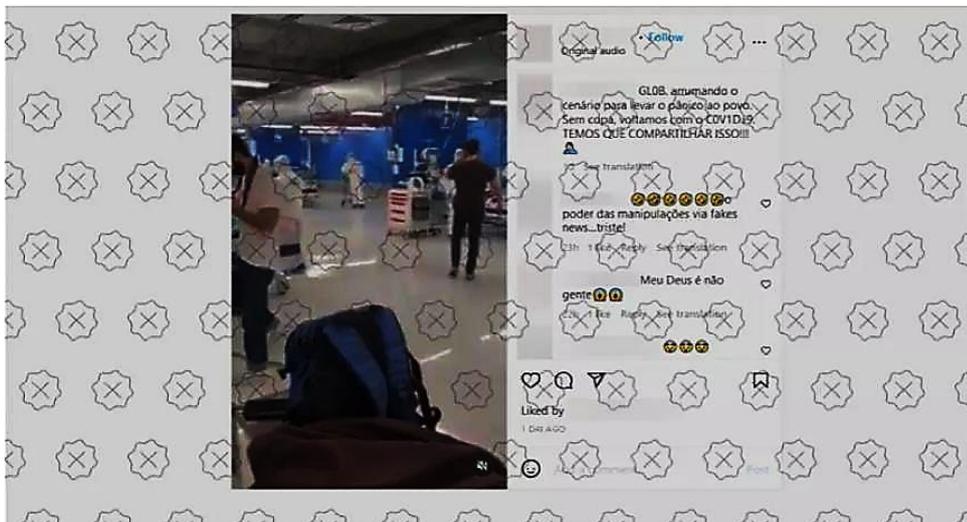
número de casos de Covid-19 havia aumentado, após a ocorrência da Copa do Mundo de Futebol⁸⁴. Vejamos, a seguir, a SD14 – ilustrada na Figura 14:

Figura 14 – SD14: Post veiculado nas redes sociais e checado pelo site “Aos Fatos”



FALSO

TV Globo arrumando o cenário para levar o pânico ao povo. Sem copa, voltamos com a Covid-19



Fonte: Site “Aos Fatos”. Publicado em 12 de dezembro de 2022.⁸⁵

De acordo com a publicação do *site* “Aos Fatos”, o vídeo com a notícia falsa mostra profissionais de saúde em meio a cinegrafistas e fotógrafos, supostamente envolvidos em uma

⁸⁴A copa do mundo masculino é um campeonato esporte de grande repercussão no mundo todo e, principalmente no Brasil, que é o maior campeão e gera muita audiência para as emissoras que o transmite, como a Globo. No ano de 2022, o campeonato foi disputado entre 20 de novembro e 18 de dezembro, no Qatar. Disponível em: <https://www.fifa.com/fifaplus/pt/tournaments/mens/worldcup/qatar2022>. Acesso em: 20 ago. 2023.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/falso-globo-forjou-aumento-covid-19/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

cena produzida pela Rede Globo, para divulgar, fraudulentamente, um aumento dos casos de Covid-19 no Brasil, após o evento futebolístico mundial.

A transcrição da legenda dessa postagem (SD14) é a seguinte: “*TV Globo arrumando o cenário para levar o pânico ao povo. Sem copa, voltamos com a Covid-19*”.

Na SD14, temos um cenário com pessoas vestidas com trajes especiais brancos, uma indumentária própria dos profissionais de saúde, que foi reforçada durante a Pandemia, para evitar possíveis contágios pelo novo coronavírus. Ademais, a cena se completa com outras pessoas que carregam mochilas e máquinas fotográficas, no estilo dos profissionais da imprensa, podendo ser jornalistas, cinegrafistas, fotógrafos etc.

Na trama discursiva dessa *fake news*, o recurso linguístico (primeira parte) e o imagético estão em relação inter-parafrástica na materialidade significante analisada, um sustenta ou reforça o sentido do outro, para produzir o efeito de sentido de repúdio à Rede Globo de Televisão, pois esta teria intenções de alterar a realidade dos fatos e produzir alarme, pânico e terror à população, no intuito de superestimar a gravidade da Pandemia da Covid-19.

Notemos nessa SD14 o atravessamento discursivo da memória que já funciona sobre rejeição à Rede Globo, denominada “*globolixo*” pelo discurso direitista, que também funciona em aliança com o discurso negacionista, que descredibiliza a Rede Globo. Esse discurso produz efeitos de descrédito ao jornalismo veiculado pela emissora; ou seja, a notícia que a Globo traz sobre a Covid-19 não merece confiança. A trama discursiva das diversas *fake news* durante a pandemia foi pautada por determinações ideológicas, sobretudo da formação discursiva direitista, que também funciona com uma posição-sujeito negacionista da ciência. O negacionismo buscou minimizar a gravidade da pandemia, com interesses políticos e econômicos, e consequente negligência à saúde da população.

Desse modo, a posição-sujeito negacionista da ciência funcionou de forma dominante no discurso *fake news* que circulou no período da pandemia. O discurso negacionista buscava minimizar os riscos de contágio ou a gravidade e letalidade da doença causada pelo novo Coronavírus, dissuadindo as pessoas quanto à necessidade do uso de máscaras, de uso de vacinas, de manter o distanciamento social e de evitar aglomerações, além de outros. Lima (2020, p. 391) pontua que o movimento negacionista vai além de revisar e/ou passar a limpo um evento histórico e/ou descoberta científica. Eles trazem uma aparente racionalidade ao questionar um fato, a ciência, um evento histórico e usa de vários meios para isso, como artigos, gráficos, versões de obras revisadas, para criar um efeito de credibilidade ao discurso.

Esse discurso funciona com efeitos parafrásticos em relação a outras SDs analisadas anteriormente, pois defende uma posição-sujeito segundo a qual a pandemia seria uma invenção com fins ideológicos, financeiros e sociais, como já pontuados ao longo das análises.

A agência “Aos Fatos”, após checar essa notícia, concluiu tratar-se de *fake news*, e esclareceu que o vídeo, na realidade, teria sido gravado em Be’er Ya’akov - Israel, em março de 2021, para mostrar a transformação temporária de um andar de estacionamento em um hospital de campanha (enfermaria, na verdade), a fim de abrigar pacientes acometidos de Covid-19. Ainda de acordo com o site “Aos Fatos”, quanto ao trecho de nota enviada pelo hospital à agência de checagem alemã DPA, “trata-se de uma demonstração de como o estacionamento pode ser transformado em enfermaria. Os médicos que participam da gravação são médicos reais. Já os pacientes são adolescentes na faixa etária de 18 anos, que também trabalham no hospital”. A esse respeito, Indursky e Rodrigues (2020) apontam que a junção entre elementos verdadeiros e elementos falsificados, como a montagem de vídeos, com imagens, áudios e até o uso falas de outras publicações, representa estratégias para conferir um efeito verdadeiro ao discurso *fake*, com o intuito de provocar nos sujeitos uma adesão ao discurso das *fake news*.

É próprio do discurso *fake news*, discursivizar um fato real (no caso da SD14, um vídeo verídico), dando-lhe outros sentidos, criando outros fatos não ocorridos, ou seja, se apropriar de uma publicação alheia, legítima, para forjar inverdades ou a “falsificação do ocorrido” ou a torção discursiva (INDURSKY; RODRIGUES, 2020), que ocorre sempre mediada pela interpelação ideológica dos sujeitos que se identificam com os sentidos da FD das *fake news*.

Na SD14 o recurso utilizado é um vídeo verdadeiro, mas que não foi gravado no Brasil, nem foi no ano de 2022 (foi gravado em Israel em 2021) e muito menos de uma encenação da Rede Globo com o intuito de forjar o aumento de casos de Covid-19, pós-Copa do Mundo.

A segunda parte do enunciado linguístico – “*sem copa, voltamos com a Covid-19*” – produz o efeito de sentido de que, com o fim da Copa, a Rede Globo voltaria a buscar a manutenção ou elevação de sua audiência, pela espetacularização da pandemia, pelo efeito de forjamento de cenário alarmante. Ao acusar a Rede Globo de manipular a criação de cenas para efeitos de agravamento da pandemia da Covid-19, a publicação *fake news* discursiviza a Pandemia como uma fraude.

A SD14 traz ainda, na lateral da figura, a seguinte formulação linguística: *GLOB arrumando o cenário para levar pânico ao povo. Sem copa, voltamos com a COVID19. TEMOS QUE COMPARTILHAR ISSO!! (emoji/carinha de indignação)*. Temos ainda outros três enunciados linguísticos na forma de comentários à publicação, que instauram o confronto

discursivo com a publicação *fake news*. Vejamos os três comentários de internautas exibidos no Quadro 6, seguinte:

Quadro 6 - Comentários que compõem a SD14

C1	 o poder das manipulações via fakes news... triste!”
C2	“Meu Deus é não gente” <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
C3	

Fonte: Dados da pesquisa.

Primeiramente, temos a repetição da formulação “*TV Globo arrumando o cenário para levar pânico ao povo. Sem copa voltamos com a Covid-19*”, que aparece do início da imagem, logo abaixo da marcação de falsidade, como uma paráfrase do título da postagem que foi compartilhada no *Facebook*, e que também faz parte da materialidade da SD14, com algumas pequenas alterações. Na postagem compartilhada no *Facebook*, o enunciado aparece formulado da seguinte forma: “*GLOB. arrumando o cenário para levar o pânico ao povo. Sem copa, voltamos com o COVID19. TEMOS QUE COMPARTILHAR ISSO!!!*”. Nomear a TV Globo de GLOB produz o efeito de sentido de diminuir a seriedade da emissora, sua credibilidade e profissionalismo.

O termo “GLOB” também retoma a memória de um canal de TV que transmite programação infantil, denominado REDE GLOOB, criado no ano de 2012 pela extinta GLOBOSAT, empresa do Grupo Globo⁸⁶. O vocábulo GLOOB é um anagrama de GLOBO. No caso, a TV Globo, chamada de GLOB (variação de GLOOB), estaria encenando, forjando o cenário de que o ambiente hospitalar representaria algo de brincadeira, inventado, nos moldes do que a Rede Gloob promovia/promove em suas transmissões, na sua programação.

O enunciado título da postagem no *Facebook* é finalizado com a frase exclamativa “*TEMOS QUE COMPARTILHAR ISSO!!!*”, grafada em caixa alta e com três pontos de exclamação, e em tom imperativo, o que produz efeitos de sentido de gravidade da suposta manipulação da TV Globo, e a urgência de que “isso” seja compartilhado, tornado público ao maior número de pessoas. Nesse caso, o discurso *fake* pretende funcionar com efeito de denúncia da rede globo, com vistas a um boicote da população à programação da Rede Globo de Televisão. Segundo Cortes (2022), o que está em jogo nesse apelo para compartilhar a notícia são os lucros financeiros, visto que quanto mais compartilhamentos, mais visualizações terá a

⁸⁶ Disponível em: <https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/noticias/noticia/gloob-completa-dez-anos-de-sucesso.ghtml>. Acesso em: 04 ago. 2023.

postagem e, conseqüentemente, mais monetizada será a conta, terá mais visualizações das publicidades presentes na conta.

As redes sociais digitais são responsáveis por grande parte da divulgação e circulação de *fake news*, potencializada pelos algoritmos, que são programados para personalizar o consumo dos usuários. Segundo Castro (2021), é principalmente através dos algoritmos que os conteúdos ganham uma difusão gigantesca, “viralizando” temas que são de interesses de uma parcela determinada de grupos, seja pelo viés ideológico e político, seja pelo aspecto econômico, perpassados por um jogo de poder. Na prática, quanto mais compartilhamento de um conteúdo mais usuários ele vai alcançar, seja verdadeiro ou falso. No que tange às notícias falsas, segundo Alves e Maciel (2020), elas são ainda mais apelativas, principalmente em momentos de grande repercussão social, como foi o caso da pandemia da Covid-19, na qual a disseminação de discursos *fakes* teve grande adesão das pessoas.

Nesse sentido, Cortes (2022) afirma que a circulação do discurso *fake* proporcionada pelas mídias sociais digitais leva o internauta, sob efeito ideológico, a se posicionar de forma a não questionar a veracidade do discurso, isto é, conforme conceitua a autora, o leitor triturado, aquele que não tritura os sentidos. Assim, o discurso *fake news* materializado no vídeo, supostamente produzido pela Rede Globo, foi objeto de republicações, via compartilhamentos no *Facebook* e no *Instagram*, tendo circulado também no *WhatsApp*, com alcance inestimável que esse aplicativo proporciona.

Já os comentários à publicação (C1, C2 e C3) materializam outras posições-sujeito na relação com a FD de notícias falsas, 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 como podemos verificar no C1, por exemplo, em que temos seis emojis com olhos e boca esbugalhados e rosto trêmulo, representando assombro à notícia, seguido da formulação: “*poder de manipulação via fake news... triste!*”. Temos aqui uma posição-sujeito de repúdio ao discurso fake, pois o internauta não se identifica com a FD *fake*.

Segundo Dias (2018), os emojis de assombro são gestos de interpretação que produzem sentido ao discurso e demonstram tomadas de posição do sujeito. No C1, temos um efeito de sentido de espanto, de admiração à acusação feita contra a TV Globo, algo descabido, irrazoável, não crível, um devaneio, sobretudo pelo apelo ao compartilhamento de uma notícia falsa, o que seria, além de grave, algo que desaponta, que leva ao sentimento de decepção.

No C2, por sua vez, temos a formulação “*Meu Deus é não gente*” ☐☐, seguido de dois emojis de carinha assustada, admirada (com o que está sendo visto ou lido). O vocativo “Meu Deus”, associado ao emoji de assustado/admirado, produz o efeito de sentido também de

incredulidade daquilo que está sendo dito – posto em circulação, na postagem –, por ser algo absurdo, digno de causar espanto pela não veracidade da publicação.

Aqui, os enunciadores dos comentários assumem uma posição-sujeito de confronto discursivo com o discurso da notícia falsa. A esse respeito, o discurso inscrito nos três comentários funciona com efeitos de deslocamento e ruptura de sentidos, num processo polissêmico (ORLANDI, 2015) na relação com a SD14.

Além de verificar a falsidade da acusação dirigida à TV Globo, o *site* “Aos Fatos” também teria desmentido acusação análoga, dirigida ao então Governador do Ceará, Camilo Santana (PT), no sentido de que teria ele forjado a mesma cena para demonstrar a gravidade da doença no estado, com a circulação do mesmo vídeo⁸⁷.

A SD14 exhibe logo na parte superior um símbolo com um círculo sinuoso, formado de oito curvaturas, que traz um X com o vocábulo “*FALSO*” em seu interior, grafado em negrito e em caixa alta. Essa marcação produz efeito de sentido de falsidade da notícia. Assim, temos o funcionamento da resistência ao discurso *fake news*, no discurso jornalístico das agências de checagem.

Ante tais considerações, as determinações ideológicas, o jogo de interesses, bem como as condições de produção das redes sociais afetam os sentidos do funcionamento do discurso das *fake news*. Pensamos, portanto, as tecnologias digitais em sua opacidade, como uma arena discursiva (CORTES, 2015), na qual estão em jogo as relações de poder e a defesa dos interesses econômicos e ideológicos.

O discurso *fakes news* funciona com efeitos de desinformação e, assim, presta um desserviço e traz muitos danos à sociedade, por isso precisa ser combatido a partir do senso crítico dos usuários do ciberespaço, como também das instituições governamentais e jurídicas, mediante a fiscalização e punição dos envolvidos.

Portanto, como buscamos mostrar, nas SDs analisadas, os confrontos discursivos e a resistência também funcionam nas redes, a partir dos gestos de interpretação, como no *emojis* e nos comentários e, sobretudo, no discurso das agências e sites de checagem jornalística que descredibiliza as notícias falsas, após averiguação séria. Afinal, como afirma Pêcheux (2009), os sentidos sempre podem ser outros.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/03/31/e-falso-video-que-atribui-gravacao-em-hospital-ficticio-a-teatro-de-covid-19-no-ceara--imagens-sao-de-israel.html>. Acesso em: 05 ago. 2023.

4 EFEITOS DE CONCLUSÃO

A pandemia da Covid-19 gerou milhares de mortes e sequelas na saúde da população, além de outros prejuízos sociais, econômicos e psicológicos. A esses males soma-se a circulação maciça das *fake news* nas mídias digitais sociais, discursivizadas ao longo da pandemia, em especial, no que tange ao tratamento e combate ao novo Coronavírus. Foi possível a percepção de que a produção e circulação do discurso das *fake news* foi intensificada no período da pandemia, instaurando também uma infodemia, pelo excesso de (des)informações.

Nessa perspectiva, motivado pela maciça circulação de *fake news* durante a pandemia da Covid-19 nas mídias digitais sociais, bem como os malefícios advindos disso, este trabalho teve como objetivo principal analisar o discurso das *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 – e seu o enfrentamento – em circulação nas mídias digitais sociais, no período de 2020 a 2022, após carimbadas como notícia falsa pelas agências de checagem de notícias.

Assim, buscamos responder à seguinte questão-problema central: como funcionam os discursos de *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 e seu enfrentamento, em circulação nas mídias digitais? Buscamos compreender os efeitos de sentidos, as posições-sujeito e os confrontos discursivos instaurados na trama discursiva das *fake news* em pauta, considerando a equivocidade da língua, a exterioridade e a ideologia, que afetam os sujeitos e os sentidos. Os resultados mostram que os discursos *fake news* produzem efeitos que afetam diretamente toda a conjuntura social e política, incluindo a saúde pública – a exemplo do que ocorreu na pandemia. Apontamos também que o discurso *fake news* sofre determinações de interesses ideológicos, econômicos e políticos.

No trajeto analítico, levamos em conta as especificidades das tecnologias digitais, como elemento importante das condições de produção e circulação do discurso, a fim de melhor observar os efeitos de sentidos no funcionamento discursivo das *fake news*.

As análises corroboraram com a nossa hipótese central estabelecida, visto que os discursos *fake news* sobre a Pandemia da Covid-19 funcionam com efeitos de veracidade e sofrem efeitos das relações de poder que atravessavam a conjuntura política e econômica do país. Nessa trama, os sentidos são determinados ideologicamente, “haja vista que é o agente responsável por fazer com que o texto fabricado diante de informações inverídicas ganhe notoriedade e passe a circular e se popularize na internet” (PASINATTO, 2021, p. 287). Assim, o discurso das *fake news* sofre determinações ideológicas, dadas as relações de poder instituídas na formação social capitalista.

Nessa conjuntura, o discurso digital, sobretudo pela força da sua circulação, também reforça os efeitos de legitimidade do discurso das *fake news*, já que as redes favorecem a circulação do discurso com intensa repetibilidade e celeridade. Instaura-se nas redes o processo de interpelação ideológica, pois, segundo Cortes (2022), as mídias digitais funcionam como aparelhos ideológicos que interpelam o indivíduo internauta em reproduzidor das *fake news*, e dessa forma, dá-se a massiva repetição e circulação desses discursos.

Vimos que a corpografia (DIAS, 2018) materializa os gestos de interpretação, a exemplo dos *likes*, *hashtags*, memes, *emojis*, comentários, entre outros, que produzem a movimentação dos sentidos e das posições-sujeito, ora com adesão ao discurso, ora de rejeição aos efeitos de sentido de confiabilidade produzidos no discurso das *fake news*. Em consonância com esse pensamento, Pereira e Cortes (2020, p. 257-258) aduzem que esses gestos de interpretação funcionam “como uma rede de sentidos e de posicionamentos ideológicos, que instauram tanto a estabilização quanto as rupturas nas teias interdiscursivas”. Vale ressaltar que no discurso inscrito nos comentários digitais temos um embate com disputas de sentidos e de posições-sujeito entre o discurso das *fake news* e o discurso científico.

Nas sequências discursivas analisadas, observamos o funcionamento da atualização da memória discursiva do senso comum, quanto às questões da saúde; ou seja, o discurso *fake news* mobiliza já ditos – materializados em jargões da medicina e de instituições de saúde – que conferem efeitos de credibilidade, autoridade e legitimidade às notícias falsas, tendo em vista que as formulações são produzidas pelo misto de dados verdadeiros com dados falsificados, produzindo o efeito de verossimilhança e torção discursiva (INDURSKY; RODRIGUES, 2020).

Verificamos, assim, uma disputa de sentidos entre o discurso do senso comum e o discurso científico; o discurso das *fake news* funciona com uma posição-sujeito antagônica ao discurso científico. Vimos, por exemplo, que, no período pandêmico, enquanto os pesquisadores, médicos e instituições de saúde sempre buscavam expor a verdade e as evidências científicas, ao mostrar a ineficácia dos remédios caseiros para a prevenção e combate ao novo coronavírus, o discurso das *fake news*, com uma posição-sujeito negacionista, produzia sentidos da ineficácia do uso de máscaras e do isolamento social no combate ao novo coronavírus, portanto, com uma clara rejeição, desconfiança e descrédito às autoridades e instituições de saúde que preconizavam essas recomendações.

Em algumas materialidades analisadas, com abordagem sobre as vacinas para a imunização contra a Covid-19, ainda em processo de produção naquele período, percebemos que as vacinas foram discursivizadas nas postagens falsas com sentidos de “implantação de

chips” para controlar as pessoas, “conspiração chinesa e comunista”, efeitos colaterais nocivos à saúde, entre outros; ou seja, o discurso das *fake news* funcionou com uma posição-sujeito negacionista da ciência, com efeitos de sentidos de desconfiança e descrédito nos imunizantes e nas Instituições de Saúde, com sentidos de suspeitas quanto à segurança das vacinas contra a Covid-19 e suscitando a possibilidade de ameaça à saúde das pessoas que receberam as vacinas.

Como bem pontua Lima (2020), a trama discursiva das *fake news* alimentou o movimento negacionista, que se encontra em constantes embates com ciência, como demonstrado nas análises desta pesquisa. Segundo o autor, a nossa era tecnológica “contribuiu para superdimensionar essas relações e para fazer ouvir vozes antes abafadas, escondidas [...]. Polêmicas públicas são detonadas a cada minuto na arena digital, o que acaba por ‘dar plateia’ a muitos novos simpatizantes de teses negacionistas” (LIMA, 2020, p. 391).

Todavia, é importante ressaltar que essa posição-sujeito negacionista da ciência é determinada ideologicamente, tendo em vista que foi a mesma posição-sujeito assumida pelo então presidente Jair Bolsonaro, pelo governo federal e pela extrema direita brasileira, ao longo da pandemia, como ressaltamos ao longo das nossas discussões.

No entanto, a resistência ao discurso *fake news* instaura-se na trama, pelo viés do discurso científico, aliado ao discurso jornalístico de investigação das agências de checagem, nos quais funcionam uma posição-sujeito de combate às *fake news*, com a resistência às notícias falsas, pela exposição da verdade científica.

Ademais, no espaço discursivo das mídias digitais, especificamente na seção de comentários, como pontuamos, também funciona a resistência ao discurso *fake news* e à posição-sujeito negacionista da ciência, pois observamos movimentos de contraidentificação e de desidentificação de alguns internautas com a formação discursiva das notícias falsas, com uma posição-sujeito de credibilidade à ciência e às instituições da saúde.

Ante tais considerações, esperamos que este estudo possa contribuir para ampliar a compreensão do modo de funcionamento dos discursos das *fake news*, com vistas ao seu combate. Nessa guerra ideológica, é importante um movimento de conscientização não só dos usuários da internet, mas, sobretudo, iniciativas das instituições governamentais, com a implantação de leis e mecanismos de “controle” da produção e circulação das notícias falsas, além de mecanismos de punição para os responsáveis, com amplo debate sobre a questão da liberdade de expressão e sobre a censura, temas que poderemos tratar em outra pesquisa.

As possibilidades do estudo da temática, logicamente, não se esgotam aqui; a produção e a circulação do discurso das *fake news* são potencializadas pelas mídias digitais e sociais, como buscamos mostrar, tendo em conta as determinações dos interesses econômicos e

ideológicos. Nesse cenário, vale enfatizar a importância da análise discursiva diante de várias questões sociais, a exemplo da pandemia vivenciada por todos, pois, como argumenta Cortes (2022), a leitura trituração preconizada por Pêcheux (2016) é uma arma de combate aos discursos das *fake news*; para a autora, o leitor que não tritura os sentidos, não interpreta, é triturado e interpretado por outros (CORTES, 2022). Dessa forma, somente a leitura trituração produzirá o senso crítico necessário para o enfrentamento e a resistência aos discursos das notícias falsas, nas mídias digitais e redes sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, N. Pandemia de covid-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. *In: CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE – CONASS (ed.). Coleção COVID-19*. Brasília: OPAS/CONASS, 2021. p. 214-225. 1 v. Disponível em: https://cnte.org.br/images/stories/2021/2021_02_16_almeida_filho_pandemia_conass_opas.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.
- ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H O fenômeno das *fake news*: definição, combate e contexto. *Internetesociedade*, n. 1, v. 1, p. 144-171, 2020.
- ARAÚJO, I. F. **O rompimento da barragem de Brumadinho discursivizado no twitter:** Nas tramas digitais, a disputa de sentidos. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2021.
- BARROS, F. P. C. de *et al.* O papel do estado ante a pandemia: uma análise à luz da realidade. *In: CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE – CONASS (ed.). Coleção COVID-19*. Brasília: OPAS/CONASS, 2021. P. 46-65. 1 v. Disponível em: <file:///C:/Users/pfreire/Desktop/covid-19volume1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- BATISTA, G. de A. **A discursivização espetacularizada da política brasileira em memes:** metáfora, imaginário e efeitos-sentidos. 2019. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
- BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. *Líbero*, ano x, n. 20, p. 37-46, 2007. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632>. Acesso em: 09 fev. 2022.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTRO, J. C. L. Plataformas algorítmicas e economia da desinformação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis (SC), v. 18, n. 2, p. 91-103, jul./dez. 2021.
- CORTES, G. R. de O. Efeito-leitor e discurso *fake news*: a leitura triturada e a língua de vento nas/em redes digitais. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 233-262, set./dez. 2022.
- CORTES, G. R. de O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor:** a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- CORTES, G. R. de O. Da interação à interlocução discursiva: a subjetivação do leitor em comentários de blogs de divulgação científica. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 40, p. 1-10, 2018.
- COURTINE, J. J. O Mentir Verdadeiro. **Prefácio à A Arte da Mentira Política**. Texto atribuído a Jonathan Swift. Campinas: Pontes, 2006.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

DELA-SILVA, S. “Checar fatos e desmentir boatos”: *fake news* e discurso jornalístico no Brasil. **Fórum linguística**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 5949 - 5961, abr./jun. 2021.

DIAS, C. **Da corpografia**. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008. Série Cogitare, v. 7

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set./dez. 2015.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, C. O sentido da automatização na análise de discurso: sobre a maquinaria dos sentidos. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 44, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/lil.v0i44.8657800>

DIAS, C.; COUTO O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de Ideias. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011.

FREIRE, P. A. S.; CORTES, G. R. de O. *Fake news* no contexto de pandemia: entre tramas discursivas, confronto e resistência. **Revista Caminhos da Linguística Aplicada**. Taubaté-SP. v. 28, n. 2, p. 65-83, 1º sem. 2023. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3608/2147>. Acesso em: 09 abr. 2022.

FREIRE, P. A. S.; CORTES, G. R. de O. Discurso, pandemia e *fake news* em/nas redes: entre os efeitos de verdade e os confrontos discursivos. **Revista Interfaces**. UNICENTRO, de Guarapuava-PR. v. 3, n. 4, p. 65-83, 2022. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7362/5342. Acesso em: 09 abr. 2022.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (org.). **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre, 2008. p. 9-33.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

INDURSKY, F. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo e Seña**, Buenos Aires, n. 24, p. 91-104, dez. 2013.

- INDURSKY, F.; RODRIGUES, A. Entrevista com Freda Indursky / Interview with Freda Indursky. **Pensares em Revista**, [S.l.], n. 17, p. 18-28, jan. 2020. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47301>. Acesso em: 04 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/pr.2020.47301>.
- KALIL FILHO, M. da V. *Fake news* e democracia: contribuições da semiótica discursiva acerca da verdade e da informação na internet. **Caderno de Letras da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, v. 30, n. 59, p. 205-219, 2019.
- LACERDA, G. H.; DI RAIMO L. C. F. D. “Se tá na internet é verdade”: análise discursiva de *fake news* sobre saúde e estética. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 9, n. 22, 2019/02.
- LIMA, H. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 389-408, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1758>. Acesso em: 09 fev. 2023. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1758.
- MASSUDA, A. e TASCA, R. A resposta dos sistemas de saúde à covid-19: breve análise sobre o SUS. In Conselho Nacional de Secretários de Saúde – CONASS (ed.), **Principais elementos** Brasília: OPAS/CONASS, 2021. (Coleção COVID-19, vol. 1, p. 214-225). Disponível em: <https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/covid-19-volume1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- MENDES, A. N.; CARNUT, L. Capital, Estado, Crise e a Saúde Pública brasileira: golpe e desfinanciamento. **SER Social** (Online), v. 22, n. 46, p. 9-32, 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/25260. Acesso em: 09 fev. 2023.
- MITTMANN, S. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3., 2009, Belo Horizonte. **Anais [...]**, Belo Horizonte: 2009. Disponível em: <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a/a-apropriacao-do-ciberespaço.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2022.
- MITTMANN, S. Alguns apontamentos sobre militância digital In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (org.). **Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência**. Recife: Ed. Universitária - UFPE, 2011. p. 119-139.
- ORLANDI, E. A análise de discurso: algumas observações. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-126, 1986.
- ORLANDI, E. Exterioridade e ideologia. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 30, p. 27-33, jan./jun. 1996.
- ORLANDI, E. **O próprio da análise do discurso**. Série Escritos Número 3. Campinas: Labeurb/Unicamp, 1998.
- ORLANDI, E. N/O Limiar da Cidade. **Revista Rua**, Número Especial. Campinas: Nudecri/Unicamp, 1999.
- ORLANDI, E. **Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes,

2001.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

ORLANDI, E. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. **Web-Revista Discursividade**, Campo Grande: CEPAD/UEMS, edição n° 09, p. 1-42, jan. 2012.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

OPS/IMS/EIH/COVID-19/20-0006. **Entendendo a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Organización Panamericana de la Salud, 2020. Algunos derechos reservados. Esta obra está disponible en virtud de la licencia CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

PALÁCIOS, M. *Fake News* e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística? In: MARTINS, M de L.; MACEDO, I. (ed.). **Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono**. 1. ed. Edições Húmus, 2019. p. 77-92.

PASINATTO, R. O funcionamento discursivo das *fake news* sobre as vacinas contra Covid-19: sentidos que (ir)rompem o digital e produzem efeitos na vida do sujeito e da sociedade. **Gláuks - Revista de Letras e Artes**, v. 21, n. 01, p. 280-302, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47677/glauks.v21i01.238>. Acesso em: 09 fev. 2023.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 3. ed. SP: Campinas, Editora da Unica, 1994.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. E. P. Orlandi (Trad.). Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. E. P. Orlandi (Trad.). 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.

PEREIRA, G. T. de F.; COUTINHO, I. M. da S. *WhatsApp*, desinformação e infodemia: o “inimigo” criptografado. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. e5916, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i1.5916. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5916>. Acesso em: 9 jan. 2023.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise do discurso. In: PETRI, V; DIAS, C. **Análise de discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. p. 39-48.

SANTOS, B. dos. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, R. A. **O funcionamento discursivo do enunciado “intervenção militar já” nas mídias digitais: memória, metáfora e efeitos-sentido**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2020.

SANTOS, R. A.; CORTES, G. R. O. Os efeitos discursivos do enunciado Intervenção Militar Já: O retorno da ditadura ou o controle do caos? **Revista Interfaces**, Guarapuava-PR, v. 10, n. 2, p. 233-243. 2019. ISSN: 2179-0027. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5999. Acesso em: 09 fev. 2023.

SILVA, E. A. da; DUQUE, P. H. A manipulação informativa e seu *modus operandi* no enquadramento ideológico nas redes sociais. **Caderno de Letras da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, v. 30, n. 59, p. 235-248, 2019.

SILVA, M. B. da. **Análise do discurso das fake news no caso Marielle Franco**. 2018. 52 f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça/SC, 2018.

SILVEIRA, J. da. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. *In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO*, 6., 2013. Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.

SILVEIRA, J. da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.